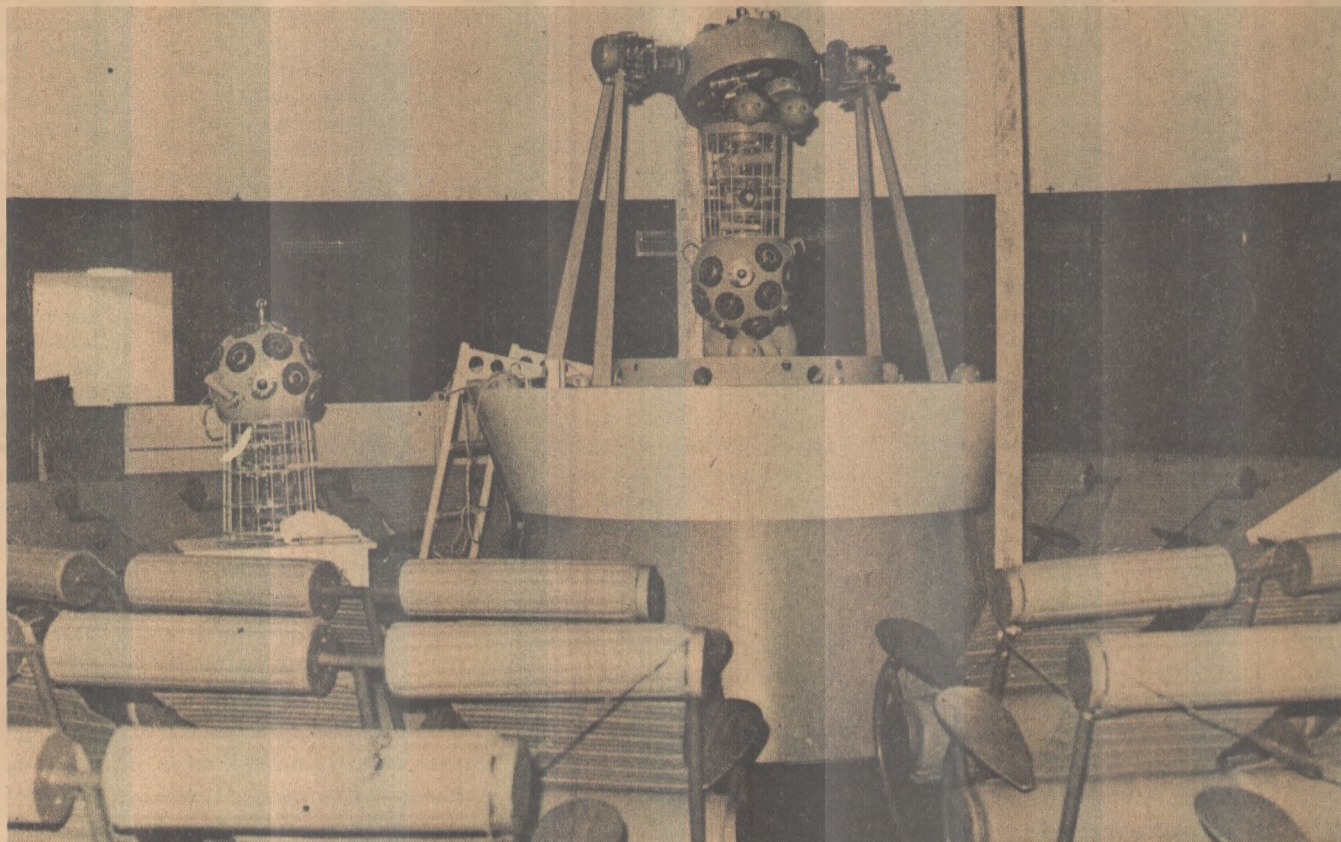
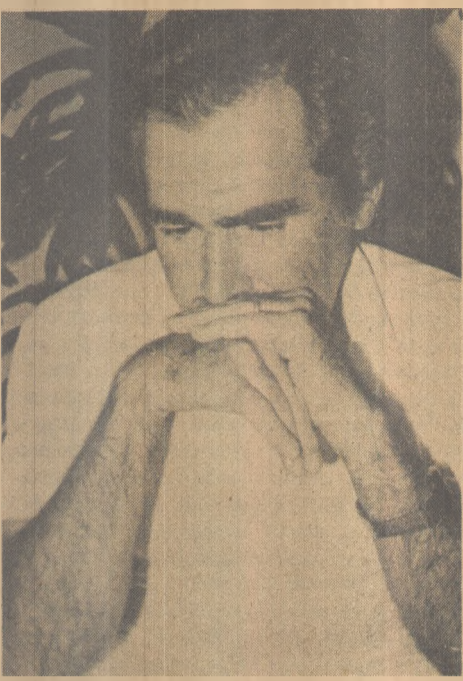


Costa Mendez: a guerra continua

O chanceler anuncia ainda "surpresas" que surgirão no choque militar entre os países



O planetário do Espaço Cultural está quase pronto. No seu interior, o visitante já pode ver algumas dezenas de poltronas colocadas em círculo. No centro, o complexo sistema de projeção também já está praticamente instalado, depois de meses de trabalho, e no exterior da cúpula faltam apenas alguns retoques. Em breve, o pessoense poderá assistir a um belo espetáculo: na grande cúpula branca, será projetado um céu artificial, com todos os fenômenos que os astrônomos estudam com seus telescópios, desde a trajetória dos planetas, até os cometas, eclipses, formação das constelações, e muitos outros.



CALAZAR

Há nove anos, num encontro casual entre crianças acometidas de uma doença até então desconhecida, nesta Capital, o médico Gilson Guedes desvendou o mistério, realizando uma pesquisa sobre o calazar.

Agora, uma equipe da Sucam detectou pequenos focos da moléstia nas praias do Bessa e de Manaira. A transmissão da doença é atribuída a proliferação de cães doentes de leishmanias.

Gilson Guedes relatando a pesquisa, diz que o aparecimento do calazar ocorreu quando a campanha contra a malária foi encerrada, o que criou condições para o reaparecimento do mosquito transmissor, que invadiu as residências localizadas na orla da praia.



REINALDO

Quando a bola rolar no próximo dia 14, no estádio Sanchez Bizjuan, um atleta não estará presente na equipe brasileira, no jogo de estréia contra a União Soviética. Trata-se do centroavante Reynaldo, do Atlético Mineiro, o melhor atacante a vestir a camisa 9 da Seleção Brasileira, depois de Tostão. Reynaldo, afastado do time por motivos que ainda são discutidos, foi um dos principais responsáveis pela classificação do Brasil para a Copa do Mundo, quando marcou um gol contra a Bolívia, em La Paz, garantindo a presença do quadro brasileiro na Espanha. Estranhamente, nem sequer foi incluído na relação dos 40, que foi enviada à FIFA pela CBF. Esta foi a maior frustração de toda sua carreira.



VINGT-UN

"Eu tenho o maior respeito pelo professor Celso Furtado, por seu renome internacional, mas fico com Lauro Xavier, quando ele não se conforma com Celso Furtado não tenha ouvido os velhos do Nordeste, não tenha ouvido a sabedoria acumulada do Dnocs. O professor Furtado teria um trabalho muito mais interessante se tivesse botado as coisas que ele aprendeu na Europa, sem desprezar a experiência desses sábios como Lauro Xavier". A afirmação é do professor Vingt-Un Rosado Maia, em entrevista a José Octávio.

Ministro vem terça para visitar obras no Estado

Para uma visita de dois dias a Paraíba, chega terça-feira, o Ministro do Interior, Mário Andreazza. Na companhia do governador Clóvis Bezerra, desembarca às 10,25 no aeroporto João Suassuna, em Campina Grande, para visitas às obras dos Centros de Atividades localizados nos bairros do Cruzeiro, José Pinheiro e Jeremias, este, às 13,40 horas.

A tarde, faz visitas as obras "Área Nova", instalações do Centro Cultural e Comercial, obras do

Projeto Cura I. Em seguida, conhecerá a favela Pedregal, para assinaturas de atos. Logo após, o ministro embarca para o Recife, retornando a João Pessoa, no dia seguinte.

Na capital, conhecerá a barragem Mumbamba e visita os conjuntos residenciais de Mangabeira e um outro no município de Santa Rita. No Palácio da Redenção, participa de solenidade para assinatura de atos. As 12,20 está previsto seu embarque do Aeroporto Castro Pinto. (Página 12).

Maluf afirma que o PDS vai vencer em São Paulo

Reynaldo de Barros será o próximo governador de São Paulo, revela gráfico desenhado, de próprio punho, pelo ex-governador Paulo Maluf, que ontem reafirmou sua confiança na vitória do seu candidato na convenção de hoje do PDS. O gráfico, baseado em pesquisas de opinião à disposição de Paulo Maluf, aponta Luís Inácio da Silva, o Lula, do PT, como segundo colocado em novembro; em terceiro Franco Montoro, do PMDB; e em quarto lugar, Jânio Quadros, do PTB. Assessores do Governo acreditavam que Laudo Natel, adversário de Reynaldo na convenção, poderá ter entre 28 a 30% dos votos, admitindo que ele ultrapassará os 20% exigidos em lei, marcando assim presença na chapa do PDS.

Em Salvador, cinco mil pessoas devem participar hoje da convenção do PDS que vai homologar o nome do ex-presidente do Banco do Estado da Bahia, Clériston Andrade, como candidato à sucessão do governador Antonio Carlos Magalhães. O Centro de Convenções da Bahia, local do evento, terminou de ser decorado ontem. A grande ausência a ser notada será a do senador Lomanto Júnior, que pleiteava disputar a sua indicação com o sr. Clériston Andrade, mas que

na última quinta-feira fez um pronunciamento no Congresso Nacional para comunicar a sua decisão de não comparecer à convenção e denunciar pressões exercidas pelo governador Antonio Carlos Magalhães sobre correligionários seus.

"A ambição de fazer um candidato que fosse seu, levou-o à cegueira e para tanto não meditou, tampouco tergiversou, em saltar sobre todos os princípios éticos que deveriam nortear os homens responsáveis pelo país" - disse ontem em Brasília o senador Alexandre Costa, referindo-se ao senador José Sarney, em manifesto *Ao Povo do Maranhão*, explicando porque não concorrerá à convenção que indicará hoje, em São Luís, o candidato do PDS à sucessão do governador João Castelo. O candidato de Sarney é o deputado Luiz Rocha.

Por considerarem que somente com a participação maciça das mulheres na campanha do PDS, o partido situacionista poderá vencer as eleições. Cerca de 300 mulheres gaúchas participaram ontem, na Assembleia Legislativa, em Porto Alegre, do II Encontro da Mulher Pedessista. O Movimento Feminino do PDS reivindica posições femininas no plano de Governo do deputado Jair Soares.



Brasil marcou cinco gols contra o Amora

Jogando uma partida irregular, o Brasil derrotou o time do Amora, ontem, por 5 a 0. O jogo durou uma hora e 15 minutos, sem intervalo. O time-reserva, num segundo tempo de 42 minutos, derrotou o Amora por 3 a 0.

Em Alicante, após o amistoso de hoje à tarde contra o desconhecido combinado local, a delegação da Argentina deverá deixar o Hotel Montiboli, em Villajoyosa. O técnico César Menotti ainda não se deu por vencido e pretende fazer alguns treinos fundamentais para a estréia de sua Seleção na Copa do Mundo, domingo, contra a Bélgica. A Argentina deverá se concentrar

agora na cidade de San Vicente, onde Menotti poderá realizar "treinos secretos".

Invicta há 19 jogos, a Portuguesa de Desportos enfrenta hoje à tarde, no Pacaembu, o América, já pensando em disputar a final da Taça dos Campeões. Os outros semifinalistas - Guarani e Bahia - jogarão apenas terça-feira próxima, em Campinas.

Nelson Piquet, o campeão de fórmula 1 do ano passado, pegou o último lugar nos treinos oficiais de ontem para o GP de Detroit, a ser disputado hoje. A pole-position ficou com o francês Alain Prost. - (Esportes, págs. 10 e 11).



Apesar da onda inflacionária que atingiu o mundo dos espetáculos, os circos insistem na sobrevivência e, entre eles, os maiores vêm conseguindo isso com relativa facilidade, porque público sempre existe. Um dos mais tradicionais - o Gran Bartholo Circus - está armado na avenida Epitácio Pessoa e pretende fazer uma temporada de cerca de 15 dias na cidade, com espetáculos diários, sendo que três aos sábados e quatro aos domingos.

Papa terá segurança sem precedentes na visita à Argentina

Um gigantesco e sem precedentes dispositivo de segurança começou a ser montado em Buenos Aires com vistas à chegada do Papa João Paulo II sexta-feira e para o qual serão mobilizados pelo menos 30 mil homens.

Para se ter uma idéia da magnitude do dispositivo de segurança, uma notícia do jornal *La Nación*, em sua edição de ontem, indicou que João Paulo II percorrerá 148 quadras na Capital Federal, até que na avenida General Paz, no caminho para Luján, a segurança ficará a cargo da polícia da Província de Buenos Aires. A avenida General Paz divide a Capital Federal da Província. O Pontífice irá ao santuário de Luján, 70 km a oeste de Buenos Aires, sexta-feira, para concelebrar uma missa.

As medidas serão mais ostensivas quando no dia seguinte o Santo Padre celebrará sua segunda missa, no bairro de Palermo, perto do Monumento aos Espanhóis, cercado dos parques e lagos que caracterizam essa área.

Caminhão sem controle provoca morte

Às 11h30m de ontem, próximo ao trevo da Cidade Universitária, depois de ter partido a barra de direção, a caçamba de placa BA4073-Pb, invadiu a pista de rolamento oposto e abalroou a Brasília BB9946, matando o seu motorista Geraldo Belarmino de Sousa e provocando fratura no braço esquerdo de Alan José de Brito.

O motorista da caçamba não foi identificado. Após o acidente, ele fugiu do local, tendo antes auxiliado populares a colocarem as vítimas em veículos que as transportaram para o Pronto Socorro.

A vítima fatal tinha 24 anos, residia no Conjunto dos Bancários e trabalhava na Construtora Composta. Seu acompanhante, que além da fratura no braço esquerdo sofreu várias escoriações, é proprietário da churrascaria do Conjunto José Américo. Até às 16 horas, a pericia técnica não tinha comparado ao local do acidente, o que fez com que o trânsito no local se desenvolvesse com dificuldade, apesar dos esforços de um guarda do Detran destacado para o trecho.

Reagan promete que vai restringir a influência do dólar

Versalhes (França) - Em troca de promessa de estabilizar o dólar, o presidente Ronald Reagan conseguiu dos seus aliados a promessa de ajuda a encurralar a economia soviética. O acordo foi firmado durante a reunião de ontem com os chefes de Estado da Grã-Bretanha, Canadá, Itália, Japão Alemanha Ocidental e França, ocorrida no palácio de Versalhes, quando foram discutidos problemas econômicos do mundo industrializado.

O secretário do Tesouro dos EUA, Donald Regan, e o ministro do Comércio Exterior da França, Michel Jobert, delinearam o compromisso alcançado no primeiro dia de trabalho da cúpula.

Reagan prometeu restringir a influência do dólar nas economias européias e em contrapartida obteve o que mais queria: um acordo para rever os créditos em condições facilitadas oferecidos aos soviéticos.

Em seu discurso, o presidente francês François Mitterrand, pediu a adoção de seis pontos de um programa que tem como finalidade garantir o crescimento econômico do mundo mediante uma série de medidas coordenadas.

A terceira Revolução Industrial do mundo não deve necessariamente trazer maior desemprego, inflação e outros males, mas pode se transformar em força poderosa para o contínuo crescimento econômico assegura a proposta de Mitterrand.

NOTAS POLITICAS

Hélio Zenaide

BODAS DE PRATA DE JUAZEIRINHO

No próximo mês Juazeirinho estará comemorando as bodas de prata de sua emancipação. Aliás, da sua última emancipação.

O problema é que Juazeirinho, antigo distrito de Soledade, já havia sido antes município. Pelo decreto nº 1.164, de 15 de novembro de 1938, o interventor Argemiro de Figueiredo transferiu a sede municipal de Soledade para Juazeirinho. Meu avô, coronel Claudino Alves da Nóbrega, chefe político de Soledade, estava rompido com o interventor Argemiro de Figueiredo, e este, para desprestigiar-lo, retirou a sede municipal de Soledade. Coisas da política daquele tempo.

Quando o interventor Argemiro de Figueiredo caiu, foi demitido pelo presidente Getúlio Vargas, meu avô, amigo de Ruy Carneiro, o novo interventor, fez a sede municipal voltar para Soledade, o que foi feito através do decreto nº 520, de 31 de dezembro de 1943.

Por conta desses fatos estabeleceu-se uma forte rivalidade entre Juazeirinho e Soledade. Mas essa rivalidade terminou se diluindo com o correr do tempo, sobretudo pelo fato de Juazeirinho haver, finalmente, conquistado sua emancipação definitiva, pela lei nº 1.747, de 25 de julho de 1957, verificando-se a sua instalação no dia 27 de outubro.

Essa rivalidade diluiu-se tanto, com o passar do tempo, que na primeira metade da década de 50, um dia cheguei a Soledade e o PSD estava reunido para escolher o candidato a prefeito. Meu tio Trajano Nóbrega queria que o candidato do PSD fosse de Soledade e meu compadre Severino Marinheiro queria que o candidato fosse de Juazeirinho. Quando ingressei na sala da reunião, meu compadre Severino Marinheiro fez uma proposta irrecusável ao meu tio: - Para conciliar, vamos lançar a candidatura de Hélio, que é metade de Soledade e metade de Juazeirinho.

É que minha mãe é de Soledade mas a minha esposa é de Juazeirinho. A justiça de Salomão prevaleceu e sai candidato de conciliação entre o PSD de Soledade e o PSD de Juazeirinho.

Eu nem pertencio ao PSD, pertencio ao PL de José Américo. O PSD me tomou emprestado.

Esse fato vinculou-me muito ao PDS de Juazeirinho. Nunca ingressei de fato no PSD. Mas, em Juazeirinho, minhas ligações com o PSD, depois MDB e hoje PMDB, são mais estreitas do que com o meu próprio partido.

O PDS de hoje, ali, é a antiga UDN, que me combateu. Mas é o meu partido de hoje.

Embora amigo agradecido do PMDB de Juazeirinho, do velho PSD do meu compadre Severino Marinheiro e do meu sogro Jaime Ferreira Tavares, desejo ali a vitória do meu partido. O que não vai ser fácil, em razão de motivos locais. A luta em Juazeirinho não é entre Wilson Braga e Mariz, é mais entre as duas forças locais adversárias desde os tempos da UDN e do PSD. E tanto isso é verdade que lá encontrei alguns eleitores do PMDB, que querem votar no candidato a prefeito do PMDB mas gostariam de votar em Wilson Braga para governador e em Tarcísio Burity para deputado federal.

Eles me perguntaram: - Como é que podemos votar em Januário (o candidato a prefeito do PMDB) e votar ao mesmo tempo em Wilson Braga e em Tarcísio Burity?

A única resposta que encontrei na hora foi esta: - Nas festas das Bodas de Prata do município tudo é possível...

PRÉ-CONVENÇÃO DO PDS

Hoje, em Juazeirinho, o PDS está realizando uma pré-convenção para a escolha de seus candidatos às eleições de 15 de novembro.

O Diretório do PDS é presidido ali por Agripino Matias de Oliveira, tendo como vice-presidente Aduato Gomes. Ambos desfrutam de prestígio, de popularidade no município.

Integram ainda o Diretório Joaquim Matias Neto, Mário Matias Maracajá, Sonaldo Vital de Oliveira, João José Lino, Adilson Regis Vital, João Rodrigues dos Santos, Aderval Colação Diniz, João Nazario de Sousa, Manoel Zeló Gouveia, Manoel Adelino de Lima e João Vital Guedes como delegado à Convenção Estadual.

Dentro do PDS notam-se várias tendências que devem cristalizar-se ou não na pré-convenção de hoje.

Agripino Matias de Oliveira é o candidato natural do partido a prefeito. Mas há uma corrente que deseja um segundo candidato, por uma sublegenda, no caso, o vice-presidente Aduato Gomes.

Fui informado que Aduato Gomes, pessoalmente, aceitará ser candidato a vice-prefeito na chapa de Agripino Matias de Oliveira. Mas os amigos de Aduato Gomes insistem em que ele seja candidato a prefeito por uma sublegenda.

Sé Aduato Gomes sair candidato a prefeito, o vice de Agripino Matias de Oliveira seria Cicero da Costa Freire, contador e comerciante, que pertencio ao PMDB e ingressou recentemente no PDS.

O PDS vem conseguindo abrir algumas brechas importantes no PMDB. Além da adesão de Cicero da Costa Freire também conseguiu a do vereador Antônio João do Nascimento.

O PMDB abra o olho...

Para vereadores pelo PDS são cogitados vários líderes, dentre eles José Falcão, Antônio João do Nascimento, Honório Nobilínio da Nóbrega, José Oliveira Filho, Manoel Patrício de Gouveia, Severino Trajano, Aderaldo Gonçalves, José Juvino da Nóbrega, Nilson Máximo de Oliveira, Roque Gomes e Aduato Martins de Araújo.

Atualmente, o PDS conta com três vereadores e o PMDB com quatro.

VOTO VINCULADO

O ministro Abi Ackel, da Justiça, acaba de afirmar que o governo não pensa em modificar a legislação eleitoral que estabeleceu o voto vinculado.

Aluisio Campos responde às investidas de Maranhão



Aluisio Afonso Campos

Atenção atenta para impasses democráticos

Segundo o deputado Wanderley, as crescentes relações de dependência política eleitoral e econômicas, estabelecidas entre o Poder e o povo, entre o centro e a periferia e entre o Governo e a oposição, vão gerando condições incompatíveis com o regime democrático e criando impasses irremovíveis à realização de eleições dentro do modelo tradicional.

Pesquisas empreendidas no Rio de Janeiro deram conta de que a vinculação total de votos implicará em nulidade de elevado percentual de sufrágios nas próximas eleições de 15 de novembro. Uma perda de 50 por cento não deveria causar estranheza a ninguém, tendo em vista o grau de dificuldades com que se defrontará o eleitor menos esclarecido dentro da cabine indecifrável.

De outro lado - continua Atencio Wanderley -, o registro obrigatório de candidatas a todos os cargos eletivos, federais, estaduais e municipais, nos Municípios em que o partido houver constituído diretório ou possua número suficiente de filiados, dá origem a outro tipo de embaraços e vexames não menos consideráveis.

Explica o parlamentar que em muitos dos pequenos Municípios, os partidos que dispõem de reduzido potencial de votos, dificilmente encontrarão quem aceite candidatura de prefeito, face o temor das obrigações financeiras.

Ocorre que, nem somente os partidos de oposição são atingidos por esse odioso descompasso da lei eleitoral. Daí a tendência do Governo em introduzir modificações nos dispositivos que disciplinam o assunto. Mas não afirme tratar-se de um aprimoramento do processo eleitoral. É o recuo frente a decisão irreflexiva e inconsequente. É que nos encontramos em um país de singularidades e contradições. País em que o Congresso, pela expressão de sua maioria, no contexto de um Governo singularista, de direito e de fato, de poderes desiguais limitou-se durante dezoito anos, a referendar atos de executivo hipertrofiado, que levou a sociedade ao impasse político e à inviabilidade econômica. País em que o crescimento da economia se verifica de par com o aumento da pobreza. País em que a racionalidade dos fatos perde substância para a irracionalidade dos atos políticos.

Fernando Ramos é candidato a vereador

O empresário Fernando Ramos resolveu se lançar candidato a uma cadeira na Câmara Municipal de João Pessoa, pela legenda do PMDB. A sua disposição de luta, segundo suas próprias palavras, surge em face de uma necessidade de poder servir ao povo de sua terra, e o melhor caçinho é um mandato político.

Ele acha que a atual Câmara Municipal precisa de uma renovação dos seus quadros, uma vez que vários vereadores, com mais de 20 anos de mandato, estão se tornando verdadeiros profissionais, que aparecem mais nas épocas de campanha eleitoral, e depois dão as costas ao povo. Embora se dizendo um candidato de toda a João Pessoa, Fernando Ramos tem uma maior identificação com o Bairro do Róger e dali ele espera partir com a sua plataforma de ação.

O ex-deputado José Maranhão, candidato a deputado federal pelo PMDB, declarou à imprensa que o seu companheiro de chapa, Aluisio Afonso Campos estaria deslealmente invadindo suas áreas de influência política, entre as quais Alagoa Grande e Boqueirão: Aluisio reagiu assim: "Os companheiros do partido têm o dever de respeitar-me. Jamais agi com deslealdade em qualquer campo".

Quanto à influência de Maranhão, ela realmente alcança algumas adjacências de Araruna, onde, em 1978, o senador Humberto Lucena venceu a eleição com diferença de 355 votos em mais de 6 mil votantes. No município de Alagoa Grande, não há

notícia dela; em Boqueirão, muito menos. O prefeito João Bosco Carneiro e quase todos os vereadores do PMDB apoiam Pedro Gondim; em Boqueirão, as principais lideranças oposicionistas - Breno e Vital Arruda - se inclinam por João Agripino. Quem prefere me apoiar em Alagoa Grande é o vereador Moisés Francisco da Silva, e, em Boqueirão, um dos candidatos a prefeito, Francisco Maciel, com os seus amigos José Pires, José Cosmo e outros. Mas estes não conhecem José Maranhão. Nunca o víram".

Ademais, continua Aluisio Campos - "eleitor não é mercadoria. E nós, do PMDB, devemos cumprir a missão de

conscientizá-lo disso. Infelizmente, a dependência econômica ainda compromete a liberdade de votar. Felizmente, porém, a corrupção do dinheiro, só ela, não ganha eleição. O meu injusto e inverídico acusador prestaria melhor serviço ao nosso partido e à causa das oposições se, em vez do dinheiro, apenas dinheiro, cuidasse de apresentar ao eleitorado os atributos pessoais de inteligência e tenacidade que poderá utilizar para tornar-se merecedor de maior apoio popular. Habitado às pistas municipais e estadual, ainda está estranhando a raia federal. Mas o treinamento da campanha lhe dará fôlego para concorrer sem passarinhos".

Gomes continua indefinido no seu apoio a candidatos

Desfazendo versões que circularam na cidade, segundo as quais estaria hipotecando apoio à candidatura do ex-deputado Vital do Rego a prefeito, pelo PDS, o deputado Antonio Gomes declarou que ainda está indefinido a esse respeito, não se posicionando favorável a nenhuma das duas candidaturas pedesistas à Prefeitura de Campina, no caso, a do ex-reitor da URNe e a do ex-prefeito Williams Arruda.

Ele afirmou que, sendo Presidente do Diretório Municipal do PDS, tem sob seus ombros a responsabilidade de trabalhar pela consolidação de ambas as candidaturas. "Sou amigo de Vital e de Williams Arruda, mas ainda não me defini por nenhuma das duas candida-

turas. Eu sou presidente do partido e no dia em que eu resolver apoiar um dos dois candidatos, eu renunciarei à Presidência e darei a minha contribuição ao candidato que eu achar que é conveniente para mim. Ai já desaparece o interesse do Partido".

AMIR

Apesar de não ser afinado com o Grupo Gaudêncio que segundo ele, no plano municipal, tem sempre contrariado suas pretensões, o deputado Antonio Gomes, ao ser indagado sobre seu apoio à candidatura Amir Gaudêncio ao Senado Federal, declarou que esse é um problema de sublegenda partidária, para esclarecer mais adiante:

"Se eu chego num Município de minha atua-

ção e o chefe político se inclina por Amir Gaudêncio eu não vou ser contra Amir Gaudêncio. A minha posição é diferente: eu não sou o comandante da campanha".

Solicitado a externar sua posição para o Senado, em termos de Campina Grande, o parlamentar pedesista foi enfático, afirmando que vai sentir as tendências partidárias para oportunamente emitir sua opinião a respeito do assunto.

Ao final disse que sua reeleição para a Câmara Federal está garantida, mercê de sua atuação em diversos Municípios paraibanos, onde tem votação assegurada, e pelo trabalho que vem realizando para conseguir reeleger-se.

Amir satisfeito com a sua candidatura em todo Estado

A candidatura do professor Amir Gaudêncio ao Senado, que vem recebendo novas adesões de líderes políticos de João Pessoa e cidades do interior do Estado, está preenchendo; uma ampla lacuna existente e ocupando grandes espaços partidários, como ele próprio revelou.

"Sinto que nossa candidatura vem ocupando espaços partidários, pois sendo de formação política plasmada na UDN, e posteriormente na Arena, é natural que seja aceita por aqueles que militavam politicamente nestes partidos que antecederam o PDS", declarou o professor Amir Gaudêncio.

NAS VIAGENS

Afirmando que estes apoios maciços foram

constatados na recente viagem que fez a várias cidades do interior, o sr. Amir Gaudêncio disse que seu nome, além de representar uma tradição política de mais de 25 anos, é respaldada com uma profícua administração realizada frente a Previdência Social na Paraíba, quando democratizamos sua interiorização, sobretudo com a implantação do Funrural que levou ao homem do campo a aposentadoria por velhice e invalidez e assistência médica".

O professor Amir Gaudêncio revelou que, nesta sua viagem aos Municípios de São Mamede, Patos, Condado, Pombal, Sousa e Cajazeiras, constatou que muitos velhos o procurava para agradecer pelos benefícios recebidos através do Funrural e da assistência médica.

Referindo-se a candidatura do deputado Marcondes Gadelha, também ao Senado, o professor Amir Gaudêncio disse que a política se assemelha muito com a vida. E explicou: "As primeiras amizades se realizam na infância, outras se formam na adolescência e outras aos 40 anos de idade". Após esta idade, continuou ele, são conhecidas outras pessoas, "pois amizade é confiança curada pelo tempo".

E concluiu dizendo que "é evidente que o deputado Marcondes Gadelha está conhecendo novas pessoas, mas simples novos amigos. Seus amigos são aqueles de ontem".



O Governador Clóvis Bezerra concedeu ontem audiência especial ao deputado Edme Tavares, candidato do PDS a deputado federal nas próximas eleições. Na ocasião, Edme se fazia acompanhar do deputado Antonio Quirino, do dr. José Dantas, ex-prefeito de Antenor Navarro e candidato a deputado estadual, do Prefeito de Santa Helena, sr. Nascimento Barroso e do sr. Elair Brasileiro, candidato de Edme a prefeito do município de Santa Helena. Eles aproveitaram a oportunidade e reivindicaram ao Governador Clóvis Bezerra diversos benefícios para Santa Helena, entre eles a implantação do sistema de abastecimento de água, de saneamento básico, bem como a solução de problemas referentes aos Colégios de 1º e 2º graus daquela cidade.

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DA PARAÍBA

Nota Oficial

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba, tendo em vista nota contendo ataques imerecidos e expressões descabidas da Sociedade de Pediatria da Paraíba contra o nosso companheiro, jornalista SEBASTIÃO LUCENA, vem de público, repelir, energicamente, os termos insultuosos dirigidos contra nosso associado, bem como hipotecar irrestrita solidariedade ao mesmo que apenas utilizou os canais normais de livre expressão de pensamento, não sendo, portanto, passível de críticas tão injustas.

João Pessoa, 04 de julho de 1982

João Manoel de Carvalho
Presidente

Pediatria e Obstetrícia

Dr. Celso Paiva de Mesquita Júnior
Consultório: Av. Duarte da Silveira, 519, João Pessoa
Telefone: 221-5359

CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL

LOTERIA ESPORTIVA

COMUNICADO TESTE Nº 602

A Caixa Econômica Federal - Loteria Esportiva comunica que o encerramento das apostas para o Teste nº 602 será quarta-feira, dia 09, em virtude do feriado religioso no dia 10 (quinta-feira) e que os jogos da Copa do Mundo do referido Teste serão realizados no período de 13 a 18 do corrente, conforme consta o volante, estando a apuração e a divulgação dos ganhadores marcadas para sexta-feira, dia 18, após o término do jogo nº 13, Brasil x Escócia.

Quem poupa na Caixa está com mais.

ALDO JUSTINO DE OLIVEIRA

(Missa pelo 1º aniversário de seu falecimento)

Maria Lica de Oliveira, viúva, filhos, genros, noras, netos e bisnetos, convidam parentes e amigos para a missa que mandam celebrar amanhã, dia 6, às 17,00 horas na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, e às 19,00 horas na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, em Sousa, em sufrágio da alma de seu querido Aldo, no primeiro aniversário de seu falecimento.

CONTABILIDADE E ADVOCACIA

- Escrituração Contábil com elaboração de Balanetes Mensais, Mapas de Custos e Despesas;
- Elaboração de Relatório Trimestral da SUDENE;
- Assessoria Tributária e Trabalhista;
- Abertura, Alteração e Encerramento de Firmas;
- Incentivos Fiscais

AGENDA - CONTABILIDADE E ADVOCACIA
Rua Almeida Barreto, 375 1º and. C. Postal 419 Fone 221-1922.



Pat. São Paulo
Saídas 8:00, 10:00 e 16:00 horas

Agente Martinho
Estação Rodoviária
Box 5 - Fone 471-2366
Palmas Pô.

FRANCISCO LEITE CAVALCANTI MISSA DE 7º DIA

Evanina Chaves Cavalcanti, esposa, filhos e família convidam parentes e amigos para assistirem à missa de 7º Dia que mandam celebrar em sufrágio da alma do inesquecível FRANCISCO LEITE CAVALCANTI, nesta segunda-feira, dia 7, às 19:00 horas na Igreja de São Gonçalo (Torre), e às 19:30 horas na Vila Vicentina (Júlia Freire). Desde já agradecem a todos que comparecerem a este ato de fé cristã.



Em Campina, Clóvis se encontra com Williams Arruda e Antonio Gomes

Clóvis Bezerra mantém contatos com políticos

Em viagem para Cabaceiras, o governador Clóvis Bezerra passou sexta-feira por Campina Grande acompanhado do deputado Evaldo Gonçalves, sendo aguardado, no Aeroporto João Suassuna, pelo deputado Antonio Gomes, ex-prefeito Williams Arruda e os srs. Ernesto Heráclito do Rego e Carlos Dunga, respectivamente, candidatos a prefeito de Boqueirão e a deputado estadual.

Para Cabaceiras, onde foi presidir a assinatura de contratos financeiros entre o Paraiban e a Cooperativa Mista daquele Município, o Chefe do Executivo viajou, além de assessores, em companhia do deputado Evaldo Gonçalves e do líder político Ernesto Heráclito do Rego.

Ainda naquela cidade, o Governador entregou conjuntos de motobombas destina-

dos a beneficiar a população agrícola da região.

WILLIAMS

Tão logo desembarcou no "João Suassuna", o governador Clóvis Bezerra manteve uma conversa reservada com o professor Williams Arruda, um dos candidatos do PDS campinense a Prefeito, diálogo do qual participou o deputado Evaldo Gonçalves, que chegou a Campina acompanhado do Chefe do Executivo.

Os líderes pedessistas do Boqueirão trataram com o Governador da instalação de um colégio estadual de há muito reivindicado por aquele comuna. A esse pleito, que considerou dos mais justos, o governador Clóvis Bezerra respondeu não poder dar uma resposta imediata, mas que iria examiná-lo juntamente com a Secretaria de Educação e, dentro do possível, tal reivindicação poderá ser atendida.

Aércio consegue novos pleitos para São Bento

O deputado Aércio Pereira, dando continuidade a defesa das comunidades que representa na Assembleia Legislativa, acaba de conseguir garantias do governador Clóvis Bezerra, de que dentro de mais alguns dias a Comarca Judiciária de São Bento, um dos municípios da micro-região/89, será devidamente instalada e entrará em funcionamento normal. Ao mesmo tempo, Aércio conseguiu autorização governamental para a criação e instalação de uma Escola Estadual de 1º e 2º graus para a mesma cidade sertaneja, duas velhas aspirações da comunidade.

Em companhia do candidato à prefeitura de São Bento, Milton Lúcio Filho, pelo PDS, o deputado Aércio Pereira, explicou ao governador Clóvis Bezerra da necessidade imperiosa no que diz respeito a instalação de uma Comarca, haja vista que a cidade de São Bento se constituiu numa das mais movimentadas daquela área e dispõe de todos os requisitos legais para funcionamento de uma Comarca, ligando outros municípios da mesma área. Acredita-se portanto que até o próximo mês de outubro, no

máximo, a nova Comarca esteja sendo inaugurada.

CARÊNCIA

Entende o deputado Aércio Pereira, que por sinal será votado na cidade de São Bento pela primeira vez, que realmente o Poder Judiciário estadual vem enfrentando uma série de dificuldades para o normal funcionamento de diversas Comarcas em cidades do interior do Estado, problema esse que no seu entender será solucionado dentro do menor espaço de tempo possível pelo governador do Estado, mas no caso de São Bento todas as condições necessárias e indispensáveis serão oferecidas para que entre em funcionamento a nova Comarca, deixando assim tranquilos os representantes da justiça paraibana que forem designados para a referida Comarca.

Quando ao Colégio Estadual de 1º e 2º graus, o governador já mandou preparar o Decreto de criação, devendo o seu funcionamento ser iniciado ainda este ano ou no início do ano letivo de 1983, uma vez que nesta época do ano, todos os alunos carentes de Escolas do Estado já estão estudando noutras cidades.

PT diz hoje em Campina quem são os candidatos

A Executiva Regional do Partido dos Trabalhadores realiza hoje, em Campina Grande, sua plenária estadual quando serão escolhidos os candidatos para os cargos de deputados estadual e federal, e ainda a confirmação dos nomes a Governador, Vice-Governador e Senador. Há em torno desta plenária uma grande expectativa, face aos últimos acontecimentos dentro da cúpula do PT, quando o professor Rubens Pinto Lira desistiu de sua candidatura ao Senado por motivos não claramente conhecidos, mas, segundo informações de mili-

tantes, deve-se ao fato de não aceitar a candidatura do militante José Isidro, candidato a deputado federal e tendo seu nome homologado na primeira plenária, ocorrida na cidade de Sousa. No último domingo, aqui em João Pessoa, foi realizada a plenária municipal, quando vários nomes foram lançados para disputarem os cargos de vereadores. E foi nesta oportunidade que o episódio envolvendo o professor Rubens Pinto e a candidatura José Isidro veio à tona. Daí então se criou o impasse e o mesmo será resolvido hoje.

Brigando com os fatos. Pode?

A experiência do desgaste vivido pelo PDS durante quase cinco meses devido ao impasse pela vice-governança, parece ter traumatizado profundamente o PMDB, a julgar pelo comportamento obstinado dos seus dirigentes em não admitir, sob hipótese alguma, pelo menos publicamente, a eclosão de problemas também sobre o caso da vice, capazes de evoluir para uma crise interna mais séria. O senador Humberto Lucena foi o único que concordou em se referir ao assunto, assim mesmo evasivamente e em certo aspecto de modo grosseiro, pela insinuação que fez a comentaristas políticos que a seu ver estão oferecendo "interpretações tendenciosas" sobre o episódio.

A prática de debitar à imprensa a culpa por acontecimentos que vêm à tona tanto é cômoda quanto antiga, nos meios políticos. A inovação, no caso, está em que essa atribuição é feita agora por representantes oposicionistas, que sempre se ufam de serem democratas e de compreenderem melhor do que os outros o papel da imprensa. Descobriu-se, porém, que eles só compreendem a liberdade de informação quando ela não os atinge, pois que, no tempo em que a crise do PDS frequentou quase diariamente os jornais, apressaram-se os oposicionistas em exaltar a cobertura dos repórteres, por vezes exigindo-lhes mais detalhes, sob a alegação de que debaixo do "angu" havia muita farinha a ser consumida.

Quando a crise se transfere para as suas hostes, que fazem esses dirigentes oposicionistas? Apela para o jogo defensivo bruto: negam tudo, não esclarecem nada e ainda tentam produzir "bodes expiatórios", responsabilizando os mesmos jornalistas que em outras épocas os mantiveram informados sobre os problemas domésticos alheios e nem por isso davam "interpretações tendenciosas". Antes, estavam exercendo o ofício em toda a sua plenitude - porque quem estava em pauta, na execução pública, era o governo e não a oposição. Essa visão maniqueísta, contudo, não esconde a extensão dos problemas que possam estar ocorrendo no PMDB; apenas, aguçam as desconfianças.

A nota do senador Humberto Lucena, por exemplo, ao invés de encerrar a polêmica somente deu margem a dúvidas e a inevitáveis explorações. Afinal, ele se limita a passar um recibo de "bons antecedentes" ao ex-deputado Mário Silveira, candidato a vice, que seria dispensável, pois qualquer eleitor comum - independente de ir a cartório - pode depor sobre a seriedade de Silveira, o seu passado de oposicionista combativo e sua fidelidade ao partido. O que Humberto não explica é como vê o movimento para substituir Silveira, nascido de uma postulação de correntes do PMDB de Campina Grande, que foi confirmada pelo ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima.

O senador, literalmente, ignorou a questão, como se isso bastasse para passar uma esponja em fatos que continuam a ganhar proporções e que podem perturbar a composição pacífica da chapa majoritária estadual, com reflexos na chapa municipal no segundo colégio do Estado. O senador chegou a ser autoritário, não permitindo que os repórteres o abordassem sobre os diferentes ângulos do problema, para os quais deveria ter respostas, como presidente do diretório regional. E o pior, para desconforto seu, é que nada está sob controle. Que o diga o dr. Mário Silveira, que ontem mesmo apressou-se em afirmar que pode ir até à disputa na convenção. Ora, até então ele vinha se sentindo invulnerável na posição. Agora, já admite disputa...

Felizmente, para a opinião pública, o senador Lucena não é editor de jornal. Os repórteres, por isso mesmo, continuarão recolhendo subsídios sobre um problema que só não existe na imaginação *pedessista* do senador, acostumado a brigar com os fatos quando esses lhes envolvem...

SEM COMPETIR

Foi feita ao grupo Cunha Lima uma proposta: Ronaldo seria o candidato a vice, mas Ivandro perderia a vaga de senador. O grupo não aceitou. Propôs-se, então, o seguinte: Ronaldo e Ivandro seriam candidatos na chapa majoritária, mas o PMDB reforçaria as sublegendas de senador com Pedro Gondim ou José Joffiliv.

Cunha Lima também não aceitou, por não querer competidores fortes dentro do partido. Essa, a versão dada ontem por um influente membro do PMDB, oriundo do ex-PP, ao comentar, em "off", o caso de Campina Grande.

NO PDS TAMBÉM

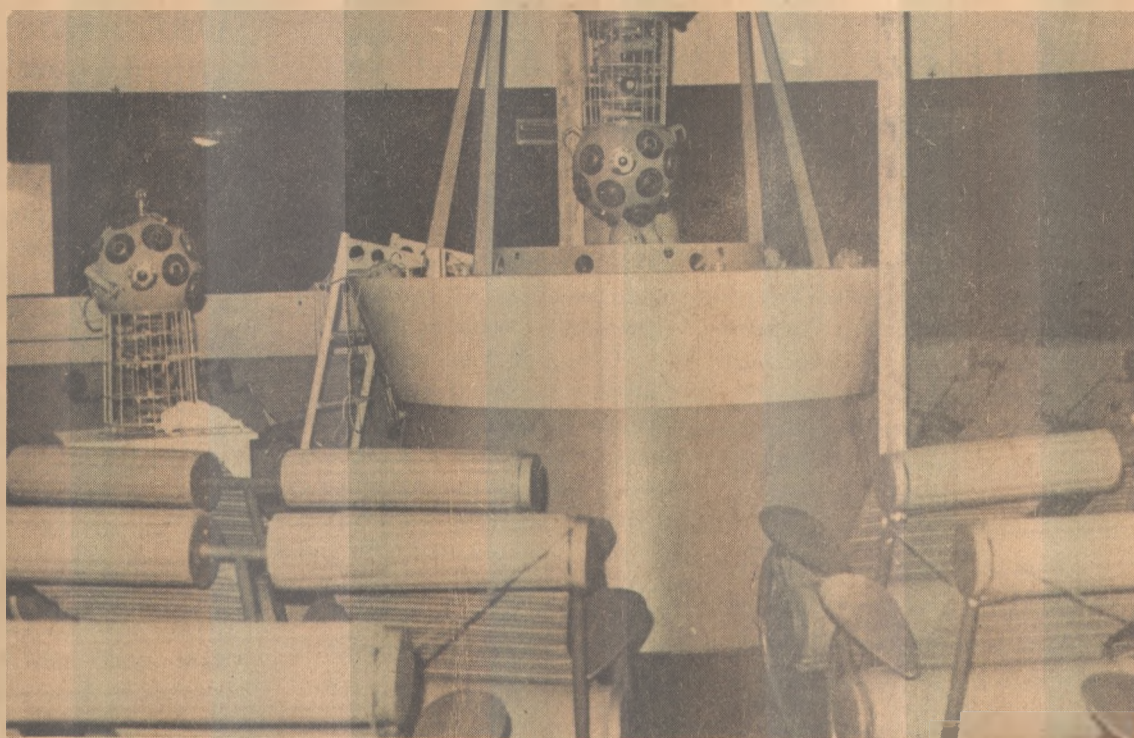
Não é só no PMDB que ocorreu problemas de invasão de áreas entre candidatos. No PDS, em vários municípios, a concorrência está deflagrada, com prejuízos para a unidade partidária, segundo confessou ontem um deputado estadual.

Alguns desses problemas têm chegado à mesa do governador Clóvis Bezerra, que luta com unhas e dentes para conciliar situações. Na disputa para a Câmara Federal, registra-se o mesmo quadro de emulação prejudicial à campanha. (Transcrito da coluna *Política & Políticos*, de Nonato Guedes, publicado no Jornal "O Norte", edição de 04 de junho de 1982)

Silveira vê saída para o Nordeste

Na opinião do ex-deputado Mario Silveira o que se devia fazer no Nordeste, "era o que o Governo Americano fez quando quis resolver o problema da Califórnia. Houve uma vontade nacional do Governo e do povo americano no que diz respeito a resolver os problemas de regiões muito mais áridas e muito mais pobres como era a Califórnia".

Ele é contra se dizer que o fator climático seja o responsável por todos os problemas do Nordeste. "O problema de irrigação, de acudagem, são paliativos. O que é necessário é uma estrutura econômica no que diz respeito a se enfatizar aqui a industrialização, porque sem a industrialização não vai ser possível melhorar as condições da rentabilidade da mão de obra nordestina, e sem que essa mão de obra não tenha condições produtivas, ela não poderá oferecer condições de um mercado mais amplo.



O sistema de projeção e as poltronas já estão instalados no planetário

Planetário do Espaço Cultural quase pronto

Ainda nessa primeira quinzena de junho, o planetário do Espaço Cultural terá condições de fazer sua primeira exibição. As suas instalações internas já estão recebendo os últimos retoques, assim como a parte externa da cúpula passa pela fase de acabamentos. No seu interior é possível a confortável acomodação de aproximadamente 100 pessoas.

A disposição dos expectadores foram instaladas cadeiras semelhantes a espreguiçadeiras, em plástico-espuma azul-claro, que combinam com o carpete azul marinho das paredes. Os projetores, ao centro, e a mesa de controle das imagens e operações dos instrumentos já foram instaladas também.

PARA VER
Para agradar ao público que lhe procurará, o planetário terá condições, entre outras coisas, de demonstrar, do modo mais fiel possível, o alinhamento planetário que está ocorrendo no sistema solar e que atingirá o seu ponto máximo em novembro próximo. Em entrevista dada anteriormente, o engenheiro da empresa *Caetema Ltda*, Edgar Buhler, que montou as estruturas da cúpula, explicou que esse equipamento que foi instalado em João Pessoa terá condições de mostrar o alinhamento antes ou depois que ele realmente ocorra no céu.

Segundo sua própria definição, o planetário "é um equipa-

mento ótico-mecânico-eletrônico que tem a finalidade de reproduzir fielmente o céu de qualquer ponto da Terra, ou fora dela".

Devido aos vários recursos técnicos de que dispõe, o planetário pode reproduzir vários fenômenos que acontecem realmente no cosmo, como por exemplo, a aparição do cometa Halley - que ocorre a cada 76 anos - ou funcionamento do Zodíaco.

Um dos seis movimentos básicos do planetário do Espaço Cultural permite ao equipamento adiantar ou atrasar em 75 dias o movimento de precessão que é realizado pela Terra. Nele as pessoas terão condições de ver mais facilmente os fenômenos das estrelas cadentes, os satélites artificiais, os cometas, o planeta Júpiter e seus satélites naturais. "Além disso, teremos condições de mostrar o sistema Solar visto de fora dele, a Aurora Boreol e até de simular uma viagem à Lua e os eclipses totais ou parciais do Sol e da Lua".

O valor real de um equipamento semelhante atualmente está em torno de um milhão e cem mil dólares. Depois de montado o equipamento será operado por técnicos brasileiros, auxiliados pelo computador que está acoplado ao conjunto de projetores. Esse computador, segundo os técnicos, é considerado um dos mais modernos para esse tipo de aparelho.

Aumenta a procura para adquirir imóveis usados

Afirmando que todos os pedidos de financiamentos de imóveis usados aprovados serão atendidos pela Caixa Econômica Federal, o gerente de Operações da CEF, José Arimatéia de Carvalho Almeida, disse que até o dia primeiro de junho em todo o Estado já estavam inscritos 9.690 pessoas.

A Caixa Econômica continuará inscrevendo neste programa de financiamento até o próximo dia 16, data quando suas agências e postos funcionarão normalmente para poder atender a todos quantos quiserem se inscrever e concorrer à aquisição de uma casa usada.

Depois desta data, a gerência regional da CEF vai enviar todos os 9.690 nomes para seleção, para depois autorizar a compra dos imóveis, em qualquer parte da cidade onde as inscrições foram feitas.

Pessoenses reclamam do preço em feiras livres

Fazer compras nas feiras livres de João Pessoa ficou mais difícil do que nos supermercados e mercearias porque, nos últimos dias, os gêneros alimentícios vêm sendo comercializados com preços superiores aos destes locais, pelo menos foi o que deixaram transparecer ontem algumas donas de casa.

Dos diversos produtos que tiveram seus preços majorados novamente nos últimos dias estão, os gêneros hortigranjeiros, apesar das constantes chuvas que vêm caindo em todos os Municípios de onde estes produtos vêm.

Os vendedores alegam que faltam verduras nos locais onde elas são plantadas, além dos fretes que estão subindo todos os meses.

FEIJÃO VERDE
Em todos os mercados de feira livres de João Pessoa, ontem o feijão verde estava sendo comercializado em grande escala, a preços menores do que nas semanas anteriores. Grande quantidade ainda estão chegando e, depois das 10 horas da manhã, o milho estava sendo vendido entre quarenta e cinquenta cruzeiros.

Outro produto que existe em abundância nas feiras é o milho verde que ontem no Mercado Central estava sendo comercializado por Cr\$ 700,00 a mão com 50 espigas.

A tendência, segundo os vendedores, é ter seu preço menor nos próximos dias, principalmente porque começa a colheita nas regiões do Curimatã e Cariri.

O milho que está sendo vendido em João Pessoa e cidades vizinhas vem dos Municípios do Brejo, principalmente de Guarabira, Pilões, Serraria e Borborema, locais onde as plantações iniciaram logo depois das primeiras chuvas nos meses de janeiro e fevereiro.

O quilo de tomate está sendo vendido por Cr\$ 80,00 tanto no Mercado Central como no Mercado do Bairro dos Estados, enquanto que a batatinha estava por Cr\$ 120,00, menor ainda do que a cebola que tinha o quilo comercializado a Cr\$ 200,00. A cenoura permaneceu com seu preço inalterado. Já a macaxeira era vendida por Cr\$ 50,00 o quilo.

Detran ainda esgota pontos livres para os táxis da Capital

O Departamento Estadual de Trânsito ainda não definiu se será implantado em João Pessoa o sistema de ponto livre para os táxis, solicitado por motoristas descontentes, há mais de dois meses. Muitos estão confiantes de que saia uma definição nos próximos dias.

Ao dar estas informações, o presidente do Sindicato dos Condutores Autônomos de Transportes Rodoviários de João Pessoa, Hélio de Luna Freire disse, ontem, que o Conselho Diretor do Detran está se reunindo constantemente para analisar as propostas enviadas pela entidade e por alguns motoristas descontentes. No entanto não tem recebido informações a respeito do andamento dos estudos.

Há mais de dois meses, vários motoristas que têm praças de táxi em lugares de menor movimento, pediram ao ex-secretário da Segurança, Geraldo Navarro, que respondia pela presidência do Detran, que fosse criado o sistema de pontos livres em João Pessoa, sob alegação de que somente assim poderiam ter um lucro maior todos os dias.

No seu parecer sobre a eliminação destes pontos, o Sindicato da categoria sugeriu ao Departamento Estadual de Trânsito que o sistema não fosse implantado porque iria criar um "clima de descontentamento entre a classe", pois aqueles que têm praças no centro da cidade não iriam ficar contentes vendo todas eliminadas.

As praças de táxi de João Pessoa, principalmente as que ficam no centro da cidade, a exemplo do Praça 1817, Mercado Central e Terminal Rodoviário, atualmente estão custando em torno de Cr\$ 200 mil e, com a implantação dos pontos livres, perderam seu valor, causando grande prejuízo para seus donos.

Os motoristas de táxi que querem a eliminação das praças são justamente aqueles que têm pontos distantes do centro da cidade, com valores muito inferiores aos do Terminal Rodoviário. Eles argumentam que com o ponto facultativo em todos os locais, seus apurados vão aumentar.



Os alunos deixam as salas nos intervalos

Coordenador de área afirma que no Lyceu não há aulas vagas

"No Lyceu não há excesso de aulas vagas, muito pelo contrário, pois todas as disciplinas estão com professor, inclusive está havendo aulas de Biologia até aos sábados". A informação foi prestada pelo coordenador da área de Ciências, professor Feliciano da Silva Neto, que está substituindo o diretor do Lyceu Paraibano, José Paulo Meira, e a vice-diretora que está doente.

O professor Feliciano disse ainda que o grande número de estudantes que se encontram na frente do colégio diariamente pode ser justificado por dois fatores: "por acharem agradável a área nos momentos de intervalos, ou ainda podem ser alunos de outros colégios, que têm as fardas parecidas com as do Lyceu", disse o coordenador da área de Ciências daquele estabelecimento de ensino público.

O substituto dos diretores do colégio disse ainda que nos últimos dias existiram algumas aulas vagas, porque três professores se encontram doentes, mas não por falta de professores, "pois o Lyceu está com seu quadro completo, não havendo nenhum prejuízo aos alunos que estudam no estabelecimento".

Sobre as denúncias de que os professores do Lyceu costumam fazer provas de surpresa, contrariando o programa das provas pré-estabelecido, Feliciano da Silva Neto disse que isto é permitido no estabelecimento, porque é previsto em lei essa permissão. Ele explicou ainda que esse fato aconteceu para os professores avaliarem o entendimento das matérias por parte dos alunos, podendo, inclusive, ser colocada nota ou não, dependendo do professor.

Caxias do Sul envia várias publicações à editora da UFPb

"Física Experimental I e II", de Igino Santo Damo, "Física Experimental III e IV", de Francisco Catelli, "A Escoliose Vista, por uma Fisioterapeuta - Uma Visão Didática", de Bárbara Fischinger, e "Fundamentos da Metodologia Científica", de José Carlos Köche (7ª edição ampliada), são alguns dos livros que a Editora Universitária da UFPb recebeu recentemente da Editora da Universidade de Caxias do Sul, com a qual mantém convênio para divulgação, distribuição e venda de livros.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Outras publicações chegadas foram: "Antropologia Filosófica", de Edvino A. Rabunski, "Um capítulo da Guarda Nacional (Vida e Obra)", de J. Simões Lopes Neto; "Os italianos do Rio Grande do Sul", de Luis A. de Boni e Rovilio Costa; "O Ensino da Língua Portuguesa - Por Uma Gramática do Texto", de Gládis Knak Rehfeldt; "O Grande Erro", de Aldo J. Martinato; e "Neurologia Prática", de Ernani Lopes Pedone.

Vitória de Pirro?

Estategistas argentinos acreditam que, mesmo perdendo a batalha de Port Stanley, ainda ganharão a guerra pelas Malvinas. Eles acham que se os ingleses tiverem êxito em Port Stanley, será uma vitória de Pirro, que, a longo prazo, provará ser cara.

O presidente Leopoldo Galtieri já disse que seu país está disposto a lutar "seis meses ou seis anos" para ganhar as Malvinas. Vários observadores militares sul-americanos vêem, no entanto, poucas chances de sucesso para a Argentina na batalha atual.

□ □ □

Eleições em debate

Na próxima quarta-feira haverá um debate na Associação Paraibana de Imprensa (ao lado da livraria Livro 7), sobre a juventude e as eleições de 15 de novembro. A promoção é do Setor jovem Estadual do PMDB. As 20 horas, o debate será aberto com uma exposição de Emília Correia Lima sobre a participação dos jovens nas próximas eleições e quais as opções para uma participação consciente.

O estado de Walesa

O líder do proscriuto sindicato *Solidarnosc*, Lech Walesa, está com bom estado de espírito no local para onde foi transferido, no sudeste da Polônia, mas sofre de dor de cabeça e insônia, disse sua mulher. "Ele não gosta do clima", informou Danuta Walesa à UPI ontem. "Lá há montanhas, e nós somos do litoral. Ele não consegue mais dormir direito".

Brechas na ONU

A votação de ontem do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre uma resolução em torno do conflito das Falklands revelou brechas no apoio à Grã-Bretanha por parte de dois importantes aliados: os Estados Unidos e a França. O chanceler britânico, Francis Pym, disse estar "estupefato" ante as novas posições dos EUA e da França na ONU.

Nações indígenas

Duzentos representantes das mais diversas nações indígenas do país estarão reunidos em Brasília, amanhã e terça-feira, para discutir sua problemática, num encontro patrocinado pela União das Nações Indígenas, com recursos de Cr\$ 1 milhão, oferecidos pela Misereor, uma instituição católica alemã que faz doações para organismos do Terceiro Mundo.

É a abertura

De que valem a prosperidade, o bem-estar e a segurança material dos cidadãos, se não lhes asseguramos aquelas liberdades fundamentais de pensamento e de expressão? Se o povo não pode decidir, com liberdade e autonomia, o seu próprio destino?

Estas palavras não são de ninguém do PMDB, do PDT ou do PT, ou da esquerda independente. Elas foram pronunciadas ante-ontem à noite, num comício, pelo candidato oficial do PDS ao Governo de Minas Gerais, o ex-ministro Eliseu Resende.

Mais segurança

É das mais louváveis a disposição do novo Secretário de Segurança, coronel Maia Martins, de manter o organismo policial em funcionamento por 24 horas. Esse esforço deve, no entanto, ser compreendido por todos os setores que integram um ponto nevrálgico da sociedade que é justamente o que garante a segurança dos cidadãos. Se até agora isso não foi possível, que se unam todos para afastar os obstáculos.

Um nível a desejar

As oposições paraibanas gabam-se de portadoras das mensagens mais consequentes e dos programas mais conscientes para substituir o PDS no Governo. Exibem, no entanto, com a proximidade das eleições, uma irracional violência quando da constatação, de alguma nesga de incoerência nas suas articulações até mesmo para a composição de chapas, investindo atabalhoadamente contra qualquer força crítica. Isso não é Democracia.

□ □ □

O ex-prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco, admitiu que poderá vir a ser o candidato do PDS ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, para acabar com a crise do partido por lá. A candidatura de Moreira Franco está sendo articulada por seu sogro, o senador Amaral Peixoto. Anos atrás, eles foram do antigo MDB.

Seis cosmonautas de uma tripulação mista soviético-francesa, que está treinando para uma missão conjunta no próximo dia 24, realizaram um voo simulado completo no Centro de Treinamento Espacial da União Soviética. A tripulação soviético-francesa vai se acoplar em órbita com a estação espacial Salyut-7.

O deputado federal Luiz Rocha, 44 anos, que terá seu nome homologado hoje pela convenção do PDS como seu candidato ao Governo do Maranhão, é talvez o único em todo o país que já pode fazer o terno pra a posse. A oposição maranhense admite que lá, por causa de José Sarney, o PDS é imbatível.

Mariner para sede do Jacaré

Pelo menos até abril de 1984, os planos que o Comodoro Amarílio Sales tem para a sub-sede náutica do Iate, em Jacaré, são muitos. A transformação será grande.

A SEDE náutica do Iate Clube da Paraíba em Jacaré, é um dos fatores prioritários da administração do Comodoro Amarílio Sales, que vai transformar o local num dos mais agradáveis ambientes, tanto para os amantes dos esportes náuticos à motor como também para os associados que preferem ficar em terra firme.

Todas as futuras obras ali realizadas irão obedecer a projeto, cuja elaboração deverá ser entregue aos arquitetos Expedito Arruda e Pedro Abraão Dieb.

Sabe-se que Amarílio está decidido a construir ali uma mariner à altura da importância que representa o Iate Clube da Paraíba no cenário náutico do País.



Comodoro Amarílio Sales

Odésio Medeiros ainda é muito felicitado

O prof. Odésio Medeiros continua recebendo felicitações, devido a sua atuação à frente da presidência da Saelpa, período em que antecedeu à escolha do seu titular. Odésio voltou à ocupar a Diretoria Administrativa da empresa, onde, desde 1979, vem prestando bons serviços, revelando um extraordinária capacidade de trabalho, atendendo bem a todos sem distinção. Odésio vem sendo apontado com uma grata revelação como dirigente na iniciativa privada.



Foto de Nuno

SENHORA Cely Furtado, pela sua elegância e beleza, é presença sempre admirada em todos os encontros sociais a quem comparece ao lado do seu marido, o dentista Gilvandro Furtado. Os dois formam um casal os mais benquistos.

Desfile de moda

TODAS as crianças pobres da cidade de Bayeux, sairão beneficiadas com o resultado líquido do desfile que Sirley Valle da Costa está organizando para amanhã no Jangada, com a coleção da Aki Modas, de Dalva Moreira.

Sociedade

MONALDO CORREIA

Delegados da Adesg bem impressionados

DUAS recepções foram prestadas ao Gen. Aloysio Guedes Pereira e aos delegados da Adesg que aqui participaram do I Encontro Norte/Nordeste. A primeira delas (um jantar), foi oferecida pelo casal Roberto (Martha) Ribeiro, em sua residência de Tambaú.

O segundo encontro que reuniu os casais participantes do I Reunião das Adesg do Norte/Nordeste, foi sexta-feira, quando Diana e Djalma Gusmão premiaram os visitantes com um almoço regionalíssimo, na base de carne de sol, purê de macaxeira, feijão verde e boas bebidas. Os visitantes ficaram impressionados com a hospitalidade.



O grande acontecimento social desta semana em Campina Grande, foi a festa de inauguração do "Cinema Um", no Centro Cultural. Gente da sociedade de João Pessoa e daquela cidade prestigiou o evento, que contou com a presença do Prefeito Enivaldo Miranda e do empresário Luciano Wanderley, que levou inúmeros convidados desta cidade e do Recife.

III NOITE VIP DE ASTRID

ASTRID Di Pace viveu horas muito felizes com o sucesso que marcou a sua III Noite Vip, acontecimento que a cada ano ganha mais prestígio e revela toda categoria da querida confrreira do Semanário O Momento, muito atenciosa e também elegante ao lado do seu marido o advogado Célio, outro a quem cabe boa parcela dos bons resultados alcançados. Foi muito objetivo e feliz o meu amigo Luiz Otávio, quando em

sua coluna afirmou que "ninguém consegue fazer festas por estas bandas com a categoria de Celina e Astrid Di Pace. Tudo deu certo, desde a portaria onde a recepção estava perfeita". Foi a melhor resposta que a sociedade, representada pelos seus maiores figurantes, poderia dar a Astrid Di Pace, colunista que soube facilmente granjear a simpatia e o respeito do meio em que vive e faz merecido sucesso. A

III Noite Vip teve também três grandes atrações: o cantor Antônio Marcos e as atrizes Débora Duarte e Kate Lyra, esta impressionando pela sua beleza, admirada principalmente pelos homens, sonhadores frustrados. Foi a festa de Astrid de homenagens, dela para os seus destaques. A cada um ela fez entrega de serigrafias assinadas pelo artista Elpidio Dantas. Realmente, uma grande festa.

ABRIL LANÇARÁ TABA

LANÇANDO amanhã em todas as bancas de revista da cidade, o projeto editorial da revista da cidade, o projeto editorial da revista da cidade, o projeto editorial da revista da cidade...



agiliza e controla o corpo. As crianças acabam entrando num mundo realmente encantado. Foi justamente aí, em nome de tais idéias que foi criada "Taba", um lançamento editorial dos mais felizes da editora de Victor Civita, que amanhã estará em todas as bancas do País. "Taba" é brinquedo inteligente, tem disco com histórias, os maiores ídolos da MPB e Escolinha de Teatro onde as crianças se transformam em atores. Compre "Taba" para os seus filhinhos.

Ultimas

- Nasceu dia 3, na São Vicente de Paulo, a herdeirinha de Eliane e Jefferson Alencar, neta dos casais Domingos Ribeiro e Urias Alencar.
- Técnicos em Processamento de Dados fundarão hoje, às 9 horas, a sua Associação. Será no auditório do Senac.
- Governador Clóvis Bezerra preside amanhã, no Hotel Tambaú, a abertura do 10º Seminário de Coordenação de Processamento de Dados.
- Será batizado com o nome de Erick, o filho de Célia e Renato de Oliveira Lima, nascido dia 3 na Santa Lúcia.
- O cantor Carlos José será a atração da Festa dos Namorados, dia 12, no Clube do Médico.
- José Octávio, Juca Fontes, Alarico Correia e outros participam amanhã de um debate cultural em Guarabira.
- Projeto "Vamos Comer Teatro" mostra hoje no Lima Penante a peça "As Moças", de Isabel Câmara.
- A secretaria do Iate abre hoje para atender aos pedidos de reserva de mesas para a Festa dos Namorados.
- Gilson Melo desmentindo que seja candidato à presidência do Jangada. "Sou eleitor de Jacinto", disse.



Foto de Neyza

Astrid com Sônia Iost e Onacilda Silva. Sentadas aparecem as atrizes Débora Duarte e Kate Lyra, duas de suas convidadas.



Duas belezas louras: a jornalista Astrid e a atriz Kate Lyra. Esta muito assediada e "devorada" pelos olhos masculinos.



Um casal de destaque na III Noite Vip: Rector Berilo e Auxiliadora Borba. Os dois ficaram mais na mesa observando a festa.



Astrid com Socorro e Antônio Cristovão



Outro que prestigiou a promoção da colunista Astrid Di Pace, foi o casal empresário Hélio e Inalda Mendonça.



Haroldo e Humberto Lucena e Marcos Crispim

CLÍNICA DE TOCGINECOLOGIA E PATOLOGIA MAMÁRIA LTDA.

GINECOLOGIA: Planejamento Familiar, Esterilidade, Prevenção do Câncer - assistência clínica e cirúrgica - e Citologia.
OBSTETRÍCIA: Assistência Pré-Natal.
PATOLOGIA MAMÁRIA: Assistência cônica e cirúrgica.

Dra. Maria Bernadete de Medeiros Bezerra - CRM 1931 - com estágio em Tocoginecologia no Hospital de Base de Brasília.

Dr. Geraldo Majefa Souto Bezerra - CRM 1944, com estágio em Tocoginecologia no Hospital de Base de Brasília.

Dr. Giuseppe Sarto Souto Bezerra - CRM 1764 - com estágio em Ginecologia e Mama na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

RUA JOAQUIM NABUCO, 144 - FONE 221-4906
JOÃO PESSOA - PARAIBA

SERVIÇOS ODONTOLÓGICOS M. CARNEIRO DA CUNHA

Clinica Restauradora - Endodontia - Próteses Ortodontia - Raios X

Profissionais:

Elizabeth de Fátima M. C. da Cunha
Mancel Carneiro da Cunha
Maria Helena Galvão
Romualdo Guilherme
Daisy Botelho

Consultas: INDI - PATRONAL - IAA - SAELPA - DER - JORNAL "A UNIÃO", "O NORTE" e "CORREIO DA PARAIBA"

Conjunto Residencial D. Pedro II nº 15
Fone: 222-0345 - João Pessoa, Pb
Parque Solon de Lucena
Funcionamento das 8:00 às 12:00 e 14:00 às 18:00 hs

INSTITUTO DE PATOLOGIA E CITOLOGIA DR. ELY C. JESUS

exame de biópsias e peças cirúrgicas
prevenção do câncer ginecológico
diagnóstico imediato do câncer (congelação)
citologia das cavidades
sedimentação espontânea
citocentrífuga

17 CONSULTORES INTERNACIONAIS
Avenida D. Pedro II, 780 - Fone: 221-3358

CENTRO OFTALMOLÓGICO PARAIBANO

DR. JOSÉ EWERTON DE ALMEIDA HOLANDA
C.R.M. - 1539

• Curso de Especialização e Doutorado em Oftalmologia, 4 anos no serviço do Professor Hilton Rocha na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.
• Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba.
• Membro do Conselho Latino-Americano de Estrabismo.
• Membro da Sociedade Brasileira de Lentes de Contato.
• Membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia.
• Especialista em Oftalmologia por concurso pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

PLANTÃO NOTURNO
Consultório:
Rua Monsenhor Walfredo
Fones: 222-0090
Consultas:
Hora Marcada
Residência: Rua Sílvio de Almeida, 820 - Tambaú - Fone: 224-2165

A SELEÇÃO NA COPA DO MUNDO

Quando a bola rolar nos campos da Espanha, o povo é mais Brasil!

Por Tarcísio Neves

Se ser patriota é ouvir o hino entoado cadencialmente por aquela banda, e arrepiar-se dos pés à cabeça, o Brasil começa a partir de amanhã, a se envolver completamente por este clima. Aqui, entre mares, lagos e rios, onde nasceu e vive até hoje o Rei do Futebol Esportista do Século, toda uma nação - com raríssimas exceções - com mais de 120 milhões de brasileiros limpa a retina para fixá-la diante do vídeo e torcer pela conquista de mais um título mundial, mesmo que isso faça esquecer as divergências políticas, a inflação galopante, os conflitos domésticos, a guerra das Malvinas e outras crises, porque, na hora do futebol, o que vale mesmo é a bola rolando de pé em pé e gritar "outra vez Brasil, porque o caneco é nosso..."

Ao pisar nos gramados do Nordeste, realizando duas bisonhas exibições, a Seleção Brasileira pareceu desiludir o torcedor brasileiro. Os esotéricos conceitos do técnico conservador Telê Santana, pareciam se diluírem a ponto de deixá-lo incrédulo e criticar os seus jogadores: "Nunca vi, em toda minha vida, um time jogar tão mal. Estou desolado, mas ainda acredito no talento dos meus jogadores".

Confinados na Toca da Raposa, os jogadores se atiravam aos treinos na ânsia de obterem o condicionamento físico ideal e ao mesmo tempo proporcionar ao time o entrosamento necessário. E veio então o jogo contra a Fraca Seleção da Irlanda do Norte, no Estádio Parque do Sabiá, em Uberlândia. Mesmo considerando o fraco potencial técnico do adversário, pois a Seleção não teve trabalho para impor seu estilo e golear por 7 a 0, o time esteve bem e Telê voltou a mostrar nos lábios um novo sorriso de confiança.

Agora, cercado pelos suaves bosques dos idos coloniais, no acochegante clima dos primos portugueses, a Seleção Brasileira parece que engrenou e adquiriu a confiança não apenas do seu treinador, mas de toda Comissão Técnica, dos jogadores e acima de tudo da torcida, que neste clima de ansiedade, espera com os nervos à flor da pele, pela conquista de mais um título mundial.

PEDRINHO APOIA A POLÍTICA DE TELÊ

Mas se o eixo do Brasil concentra todas as atenções para a Seleção, por ser considerado o circuito-fechado do futebol brasileiro, se estendendo gradativamente para os outros centros me-

nos evoluídos, aqui, na longínqua Paraíba, existe o mesmo clima de expectativa, e por que não dizer, de confiança e otimismo com relação à conquista do tetra-campeonato.

Não tanto conservador como Telê, mas meio lacônico em suas entrevistas, o treinador Pedrinho Rodrigues, do Botafogo, embora atravessando uma das maiores crises na sua carreira, pois foi incumbido de salvar o time do caos, fez uma pausa na tensão que envolve o clássico de hoje contra o Auto Esporte, e revelou que Telê Santana está na política certa e desenvolvendo um bom trabalho na Seleção.

Telê procurou escolher o que de melhor existia no futebol para levar à Espanha, embora as opiniões tenham se dividido com o corte de determinados jogadores, como foi o caso do centro-avante Reinaldo, que não vinha bem desde as Eliminatórias. Temos jogadores habilidosos como Zico, Falcão, Sócrates e Júnior. Por isso, creio que a Seleção tem condições de chegar entre os finalistas e conquistar o título. O primeiro jogo será de vital importância, pois, uma vitória dará mais alma ao time e maior confiança para enfrentar os outros adversários. A Seleção caminha no rumo certo - ressaltou.

FISSORY DESTACA A HABILIDADE

Se Pedrinho diz que confia na habilidade dos jogadores, o treinador Evilásio Fissory, que hoje à tarde enfrenta o Botafogo, na ânsia de classificar a sua equipe para o quadrangular decisivo, faz uma análise mais profunda e observa o clima de união e tranquilidade existente no elenco, o suficiente, associado a técnica e

a classe dos jogadores, para encarar de peito erguido os adversários.

Nas Copas de 74 e 78 - observa Fissory - não havia união e todos lembram que Leão e Marinho andaram trocando tapas. O corte de Clodoaldo, às vésperas da Copa - ele que era considerado ao lado de Rivelino e Jairzinho a alma do time de 70 - desmotivou ainda mais a Seleção, e o próprio Zagallo demonstrava insegurança.

Evilásio destaca outros aspectos importantes:

Em 78 Cláudio Coutinho falava dos seus conceitos mais não tinha uma de-



Deca e João Paulo apostam na Seleção

fesa definida, o meio-campo, nem o ataque. Edinho foi o lateral-esquerdo. Tinha Gil como ponteira direita fixo e Dirceu como o falso ponteiro-esquerdo, mas por sua vez, foi o melhor jogador do Brasil na Copa. Em outras palavras, Telê está certo em deslocar jogadores habilidosos para atuarem pelas extremas, sem necessariamente serem pontas especialistas. O Brasil pode não ganhar a Copa, mas é um grande favorito.

ALENCAR ADVERTE QUANTO AO EXCESSO

Encarregado de substituir Pedrinho Rodrigues, que deixou o Treze logo após a sua participação na Taça de Ouro, o técnico Alencar não nega a sua confiança na Seleção, mas adverte quanto ao excesso de otimismo, a rigidez dos árbitros europeus, bem como a violência dos beques adversários, que certamente tentarão parar os lances individuais, com jogadas bruscas e que naturalmente se transformam num risco para nossos craques. - Afinal - disse Alencar - em 66, na Copa da Inglaterra, quebraram o nosso melhor jogador - Pelé.

Enquanto Alencar adverte sob os aspectos incluídas no último parágrafo, mas sem deixar de depositar seu voto de confiança na Seleção, o técnico Walfredo Medeiros, do Campinense, ressalta que o Brasil quando joga na Europa ganha mais força e parece se entrosar



Brasil jogando contra a Alemanha - na foto tem a confiança da sua torcida

melhor a cada toque de bola. - O time saiu daqui meio confuso, mesmo tendo goleado o Eire, por 7 a 0. Mas nos treinos em Portugal, parece mesmo engrenado. Naquela excursão à Europa, a Seleção ditou seu ritmo e ganhou a admiração dos adversários, que além de apostar como favorito, tremem só em pensar em enfrentar a nossa Seleção. Não digo que Telê cometeu in-

e houver maiores jogadas em profundidade pelas pontas, creio que a Seleção renderá muito mais e chegará ao título.

O ponta-direita Gabriel, do Campinense, que hoje desfalca a sua equipe no clássico contra o Treze, defende a presença de um especialista na Seleção. - Telê tinha dois pontos em grande fase: Batistote, do Santos, e Lúcio do Guarani. Com um deles, pelo menos no banco, seria uma opção agressiva para dar maior mobilidade ao ataque, em caso de necessidade.

EXISTEM TAMBÉM OS PESSIMISTAS

No santuário do futebol não há lugar para toda gente e, naturalmente, as opiniões se dividem, como ocorre na própria redação do jornal. O crítico de música Silvio Osias, pelo menos, detesta futebol, a ponto de sair durante o jogo e voltar para saber apenas o resultado. "Não curto muito o futebol, e talvez por isso não acredito muito na Seleção."

Enquanto Carlos Aranha questiona a atual situação do seu Fluminense, fazendo observação às contradições da Seleção Brasileira, sem arriscar um palpite que envola o Brasil numa final, Fernando Melo, que atua na área política, lamenta que todo mundo vai parar nos dias dos jogos do Brasil. "Não aturo futebol e também não creio na Seleção. Acho que Argentina e Inglaterra serão os finalistas".

Mas se as opiniões se dividem na redação, com o otimismo de Carlos Vieira, Geraldo Varela e Werneck Barreto, figuras apaixonadas pelo futebol, a Seleção caminha para conquistar mais um título, embora façam questão de ressaltar as adversidades que o Brasil terá pela frente a partir da sua estréia, na tarde espanhola do próximo dia 14.

No Viaduto Damásio Franca, local onde se concentram as discussões sobre futebol, o torcedor não está simplesmente ligado ao clássico desta tarde, envolvendo Botafogo e Auto Esporte. Muitos falam das injustiças cometidas por Telê Santana, em não convocar esse ou aquele jogador do seu time predileto.

Ah, e o Reinaldo?... Roberto Dinamite merecia estar no time... - E o problema das pontas? - Lúcio teria lugar na Seleção...

Cada um puxa a defesa para as cores do seu clube, Mas na hora agá, acreditam na Seleção e na conquista do título da Espanha. Não é à toa que aumentaram as vendas de aparelhos de televisão nas principais lojas da cidade, oferecendo promoções em suaves prestações para o cliente ver o jogos do Brasil.

O otimismo de Abmael Moraes

Porque hoje (ontem) - é sábado, vou falar de seleção e de Copa, por insistência do nosso editor de esportes, Tarcísio Neves. Nem bem chego à redação, ainda não recuperado totalmente da noitada diviniânica, ele me intima:

Bicho, quais são as chances da nossa seleção na Copa?

Quis começar o discurso, mas ele cortou o meu barato, sentenciando, despoticamente:

Bota papel na máquina e escreve.

Menino bom de recado sou eu. E por ser, sentei à máquina e estou matraqueando essas mal traçadas linhas. O que eu penso do Brasil na Copa? Ora, o que é que eu penso! Penso positivamente. Aliás, devo dizer que faço parte, adoidado, da turma da corrente prá frente.

E sem essa de torcer, somente por torcer.

Tenho sobradas razões para acreditar no sucesso da nossa seleção. Só não faço é previsões do tipo: "os quatro finalistas serão..." Ai já é negócio prá pitonisa, coisa que não sou, nem pretendo. Mas, somente

para não deixar a resposta irresponsada dou meu veredicto:

- Brasil é campeão. E os outros três podem ser quaisquer uns, não faz a menor diferença.

Excesso de otimismo? Não senhora, madame. Realidade.

Ou será que não se concorda que Zico, por exemplo, está atravessando a mais exuberante fase de sua carreira? Quem pode negar que Falcão encaixou como uma luva, num time já mesmo sem ele - quase perfeito? Prá não falar na santa preocupação de Telê em arrumar um lugar para Cerezo no time, numa evidência mais do que palpável de que o nosso problema, ao contrário dos concorrentes, é ter craques de mais. Mas, já dizia a Madre Superiora:

- Sabendo usar, não vai faltar.

E quem foi que disse que ter de mais faz mal? Mal faz é ter de menos. Daí porque, por essas e por outras, é que não tenho medo de queimar a língua: dá Brasil na cabeça.

E Deus está vendo a necessidade.



Pedrinho diz que o Brasil pode ser campeão



Gabriel defende a existência do ponteiro

FERNANDO HELENO

Auto e Botafogo buscam a vitória

Hoje é dia de importantes clássicos no nosso futebol, todos eles com condições de ser presenciado por excelente público, em função, também, da posição que quatro equipes, das seis que estarão nos três jogos, ocupam na tabela de classificação.

Como é sabido, Treze e Campinense lutarão, somente, para ser o primeiro colocado da etapa inicial, do primeiro turno, denominado, Taça Paraíba, pois, os dois já estão garantidos para o quadrangular decisivo.

Os jogos entre Botafogo e Auto Esporte, e Nacional e Esporte, representam uma importância fundamental, pois, todos eles dependem dos resultados para aparecer entre os quatro finalistas da mesma maneira que será conhecido quem vai ficar "no ora veja".

São jogos que podem levar bom número de torcedores aos estádios de João Pessoa, Campina Grande e Patos, aparecendo a "Rainha da Borborema" com todas as chances de marcar a primeira grande arrecadação do nosso campeonato.

Conforme já externei, anteriormente, neste negócio de dinheiro, a capital está muito mal, e, hoje, pode oferecer uma renda inferior a que será registrada em Patos. Tudo isto em condições normais, inclusive naquilo que diz respeito ao problema das chuvas.

O "Botauto", por um fator natural, é o jogo que está interessando mais a nós, outros, pois, será disputado no "Almeidão" e a vitória será o objetivo das duas representações, pois, outro que não seja este o resultado, significa a desclassificação, embora o alvi-rubro possa manter as esperanças com um simples empate.

Pelos jogos anteriores, pelas apresentações feitas, até agora, ninguém pode figurar como favorito sendo, portanto, um encontro de difícil prognóstico, onde qualquer resultado pode acontecer, desde um 0 x 0 até uma goleada, produto de um acidente, como se costuma dizer.

A formação das equipes, os valores figurantes em todas elas, a falta de regularidade nas suas exibições, empenho, tranquilidade, etc, são causas determinantes para que os dois times entrem em campo, na qualidade de portadores das mesmas possibilidades de vitória.

Analisando-se friamente os valores individuais de Auto e Botafogo, chega-se a conclusão de que está tudo igual, estando um a procura de reforços, no caso do Botafogo, e o outro com um elenco reduzido, onde não despontam nomes de maior expressão.

Jogador como Nascimento, Da Silva, Pedrinho, Moisés, Deca, Carlos Coelho, Normando, Lala, e outros, estão dentro de um mesmo plano, não se considerando em maiores atrações para o nosso público, fato que se verifica em todo o futebol paraibano, embora surjam outras equipes mais organizadas, como é o caso de Treze e Campinense.

Dentro deste panorama, é difícil até fazer-se uma recomendação para que a atuação, deste ou daquele jogador, seja observada com mais atenção, por parte do torcedor. E para não dizer que para isso não existe nenhuma exceção, com muita boa vontade, poder-se-ia apontar o duelo que Moisés, centro-avante que não foi contratado pelo Botafogo, irá manter com a zaga botafoguense. Ele vem numa boa fase e certamente, vai querer provar que foi injustiçado pelos dirigentes do clube do Contorno.

Talvez seja este o ponto de maior atração para este jogo, embora, pela importância dos dois pontos que serão disputados, o público tenha uma razão para comparecer ao Almeidão, dando, assim, um apoio bem interessante, principalmente, ao Botafogo que está anunciado uma série de contratações para os próximos dias.

Botauto promete hoje recorde de renda no estádio Almeidão



Botafogo e Auto jogam o clássico mais importante da rodada

Gabriel e Dão desfalcam o Campinense diante do Galo

Campinense e Treze decidem hoje à tarde, no estádio Amigão a liderança da primeira fase do Campeonato Paraibano. O Galo que encerra a sua participação pois, está com 15 pontos ganhos e classificado para o quadrangular decisivo, a exemplo do rubro-negro que conta com 14 pontos e ainda tem uma partida a menos (jogará com o Santa Cruz na próxima semana). O clássico deverá registrar um novo recorde de renda no certame. O Campinense que ainda não perdeu um ponto na competição terá dois desfalques importantes: Gabriel e Dão, expulsos contra o Nacional de Patos, na última quarta-feira e que irão fazer muita falta ao time comandado por Walfredo Medeiros.

No Treze, o treinador Alencar está otimista e apenas o goleiro Hélio Show continua sendo problema para o clássico. O jogador fará um teste

Rubro-negro otimista

O treinador Walfredo Medeiros disse que apesar dos desfalques de Gabriel e Dão, o Campinense tem condições de realizar uma grande atuação e manter a sua invencibilidade na competição. Walfredo lamentou que num jogo tão importante como este, não possa contar com estes dois jogadores considerados peças fundamentais no seu esquema:

- Tanto Gabriel como o Dão estão bem entrosados no time e é uma pena não poder contar com eles no clássico de hoje à tarde. Mas, seus substitutos es-



Campinense desfalcado

hoje pela manhã, quando o departamento médico dará a palavra final sobre a liberação ou não do atleta.

Equipes - Treze - Hélio Show (Milano), Levi, Hermes, Joel e Olímpio, Wilson; Mazinho e Fernando; Jangada, João Paulo e Hélio Alagoano. Campinense - Jorge Luiz; Santana, Zé Carlos, Timbó e Sales; Marcão, Zé Carlos II e Neto; Zezinho, Edvaldo Araújo e Bona.

tão bem e tenho certeza que não irão decepcionar. Vamos lutar por uma vitória e assim garantir a nossa liderança no primeiro turno, pois precisamos entrar na fase decisiva com o mesmo ritmo.

Os dirigentes do Campinense estão prometendo um prêmio especial aos jogadores em caso de vitória diante do Treze, hoje à tarde, no Amigão. Para o técnico, Medeiros, a intenção da diretoria é das mais melhores e motiva muito o grupo para obter um grande resultado diante de seu maior rival.

Alencar quer time ofensivo no jogão

Sabendo que o empate poderá beneficiar o Campinense, pois ainda falta cumprir uma partida no Certame, o treinador Alencar disse ontem que o Treze jogará ofensivamente em busca da vitória, para terminar em primeiro lugar neste fase da competição. Segundo o técnico, não existe favoritismo destacado para o clássico, mas reconhece que seu time está mais bem armado.

"Vencer o Campi-

nense é uma tarefa muito difícil, sobretudo que em toda a competição não perdeu nenhum ponto, mas confio muito na minha equipe que aos poucos vai atingindo a sua melhor forma e deveremos conseguir uma grande vitória. A torcida está motivada e tenho certeza que o jogo será dos mais equilibrados, porém considero o meu time mais experiente e acostumado a decisões," disse.

Zé Lima está confiante numa vitória

Patos - O Nacional enfrenta o Esporte, hoje à tarde, no estádio José Cavalcante, desfalcado de Clóvis, expulso contra o Campinense, necessita apenas de um empate para confirmar a sua classificação para o quadrangular decisivo do primeiro turno. O jogo vem sendo aguardado com grande expectativa, sobretudo que as duas equipes não se enfrentam há vários anos e a rivalidade é grande.

O treinador Zé Lima não está preocupado com a ausência de Clóvis, pois garante que o time está bem preparado e confiante num grande resultado. "Claro que o Clóvis é um excelente jogador, mas temos substitutos à altura e tenho certeza que faremos uma grande apresentação", concluiu. O Nacional vem de uma derrota para o Campinense por 2 a 1, na última quarta-feira.

Para o Esporte, o jogo de logo mais é de fundamental importância, pois o time ainda aspira uma vaga, muito embora suas chances sejam remotas, e todos só falam em vencer o Nacional.

O jogador mais otimista é o centroavante Pedrinho Cangula que já atuou no alvi-verde patoense: "Conheço bem o Nacional e tenho certeza que serei de grande utilidade neste jogo. Estamos conscientes das dificuldades, mas no final sairemos vencedores", disse.

Os dirigentes das duas equipes estão muito otimistas quanto a arrecadação da partida e acreditam que ela possa superar os 600 mil, sobretudo pela rivalidade entre as torcidas.



Clóvis está suspenso

Botafogo e Auto Esporte jogam hoje à tarde, no estádio Almeidão, num clima de grande expectativa, sobretudo que estará em jogo um vaga para o quadrangular decisivo do primeiro turno. O tricolor joga beneficiado pelo empate, enquanto que o alvi-rubro terá que vencer, pois está com uma partida a menos (falta jogar contra o Nacional-C) para decidir sua sorte na competição. Este será o primeiro Botauto da temporada.

O Auto Esporte vem de uma vitória sobre o Esporte, o que motivou a equipe para o clássico desta tarde. O treinador Evilásio Fissory está otimista, pois os jogadores Edvaldo Morais e Pedrinho retornam ao time, o primeiro estava suspenso e o segundo contundido. O ambiente entre os atletas é de muita tranquilidade e ninguém fala em perder para o Botafogo. "Todos estão

conscientes da importância de uma vitória e tenho certeza que eles darão tudo de si para obtê-la", disse o técnico.

No Botafogo, a exemplo do Auto Esporte, o ambiente é dos melhores, pois a vitória sobre o Santa Cruz devolveu a tranquilidade ao elenco e apesar do clube jogar beneficiado pelo empate, o treinador Pedrinho Rodrigues considera esta vantagem muito perigosa e explica: "Temos que jogar para vencer pois esse negócio de jogar para empatar tem prejudicado muita equipe", disse.

Equipes - Botafogo - Carlos Coelho; Zito, Ronaldo Alves, Deca e Da Costa; Enéas, Normando e Rui; Luis Carlos, Gilmar e Lala.

Auto Esporte - Dorgival; Edvaldo Morais, Nascimento, Da Silva e Edilson, Vavá, Pedrinho e Neto; AlBERTO, Moisés e Serginho.

Lala volta à equipe

O treinador Pedrinho Rodrigues acredita que o Botafogo poderá obter a sua classificação no jogo de hoje à tarde, no Almeidão, mas garante que esta tarefa será das mais difíceis, sobretudo que o Auto Esporte vem motivado e luta também para conseguir uma das vagas para o quadrangular decisivo. Pedrinho confirmou ontem que a equipe será a mesma que derrotou o Santa Cruz, com exceção do retorno de Lala à ponta esquerda.

Os dirigentes do Botafogo estão otimistas quan-

to a uma grande arrecadação no Botauto e apelam para a torcida botafoguense comparecer em massa ao estádio e incentivar o clube a obter sua classificação para a fase decisiva.

Amanhã o treinador Pedrinho Rodrigues, juntamente com o presidente Carlos Rangel deverão viajar ao sul do país, em busca de novos reforços para a equipe botafoguense, pois é pensamento dos dirigentes armar uma grande time para a segunda fase do Campeonato Paraibano.

Pedrinho recuperado

O meio campo Pedrinho é a grande novidade do Auto Esporte para o clássico de hoje à tarde, contra o Botafogo. O jogador esteve afastado da equipe alvi-rubro há vários jogos e acredita que o time poderá conseguir uma das vagas para o quadrangular decisivo do primeiro turno, não admitindo um resultado negativo diante do maior rival:

- Vamos entrar para ganhar. Este jogo é de fundamental importância para a classificação da nossa equipe e tenho certeza que conseguiremos obter uma grande vitória sobre o Botafogo. Faço um apelo a torcida alvi-rubro para que compareça em massa ao Almeidão e prestigie este grande clássico, pois tenho certeza que vamos conquistar excelente resultado. Outro jogador, que está otimista para o clássico,



Pedrinho retorna

é o lateral direito Edvaldo Morais, que esteve ausente na última partida do clube, por estar suspenso. "É um jogo difícil, mas tenho certeza que vamos vencer, apesar de reconhecer as qualidades do time botafoguense."

Inscrições para 10ª Corrida Riachuelo se encerram na 3ª feira

As inscrições para a "10ª Corrida Riachuelo", que será realizada na próxima quinta-feira, 10, e estão sendo feitas no Departamento de Pesquisa de A UNIÃO, rua João Amorim, 384, se encerram na terça-feira, dia 8.

Já inscritas, estão as representações do 1º Grupo de Engenharia, 1º Batalhão da PM/PB, DEDE, 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, Ipiranga F Clube, Cabedelo Clube, 16º Regimento de Cavalaria Motorizado, Clube Náutico Capibaribe, do Recife, e da Cidade de Campina Grande.

A tradicional competição de revezamento, tem como ponto de partida o busto do Almirante Tamandaré, em Tambaú, às 09:00 horas, da quinta-feira, autorizada pelo Capitão dos Portos, e termina na Praça do Marinheiro, em Cabedelo, onde em ambiente de festa, com banda de música, os atletas serão recebidos pelo povo, e depois recepcionados pelo Prefeito do Município, seguindo-se a entrega dos troféus e medalhas as 3 equipes classificadas, por autoridades civis e militares.

Escolas do Estado são reformadas

Quatro escolas da rede de ensino estadual serão recuperadas este mês. A primeira delas é o Colégio Pedro Aleixo, na cidade de Patos, onde serão gastos 8 milhões e 616 mil. Outros estabelecimentos de ensino nas cidades de Cabedelo, e nos distritos de Lastro e Marisópolis, também serão reparados pela Secretaria da Educação e Cultura.

A secretária Giselda Navarro explicou que a demora do início das obras de restauração do Colégio Pedro Aleixo, em Patos, se deu por questões de burocracia. O Ministério da Educação e Cultura liberou a verba mas houve demora no repasse pela Comissão Permanente de Licitação.

A distribuição de material dentário para o início do Programa de Assistência Odontológica é outra meta da SEC para este mês. Serão atendidos mais de 30 mil alunos de 1º e 2º graus em 58 unidades de ensino. Nessa campanha a pasta da Educação gastará 438 milhões e 100 mil cruzeiros.

Os primeiros equipamentos odontológicos serão distribuídos em colégios e escolas da zona rural. Na capital serão reativados doze consultórios que passarão a funcionar em escola de 1º grau. Para essa fase da campanha, em João Pessoa, a Secretaria de Educação tem verbas no valor de 792 milhões e 700 mil cruzeiros.

Para as obras de restauração das escolas de Cabedelo (Colégio João XXIII) serão consumidos 2 milhões e 565 mil cruzeiros. Em Lastro, o colégio estadual Nestorina Abrantes terá 2 milhões e 848 mil cruzeiros. Enquanto em Marisópolis, a escola Silva Mariz terá 3 milhões e 281 mil cruzeiros. Nesses nove meses, a Secretaria de Educação pretende restaurar e equipar grande parte dos estabelecimentos de ensino da rede estadual, tanto da zona rural, como dos centros urbanos.

Denunciado acúmulo de lixo em rua

Na rua Professora Margarida Medeiros, os moradores estão denunciando o acúmulo de lixo naquela artéria, que vem causando problemas para a saúde dos denunciantes, que alegam a grande quantidade de insetos, entre ratos, baratas e miúços que aparecem devido o lixo acumulado, principalmente na época chuvosa, como a atual. Segundo os denunciantes, o lixo vem sendo provocado pelo número reduzido de vezes que o caminhão do lixo do Departamento de Limpeza Urbana, da Secretaria de Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal, passa pelo local para fazer a limpeza da rua. Os denunciantes alegaram ainda que chega a passar cerca de quinze dias sem que o Departamento de Limpeza Urbana supra as necessidades de limpeza dos moradores, retirando o lixo do local e dando suas passagens diárias para pegar os detritos colocados pelos moradores nas portas de suas residências.

Os moradores que denunciaram o fato disseram também que os resíduos são colocados por eles próprios porque não têm outro jeito, para a limpeza do lixo das suas casas, mas que isso seria solucionado, caso a Prefeitura Municipal designasse um caminhão de lixo para passar na artéria diariamente, como ocorrem em outros locais da cidade. Esse apelo foi feito pelos denunciantes, alegando que dessa forma, não mais seria necessário o acúmulo de lixo no meio da rua, causando o mal cheiro e o excesso de insetos.



Cerca de 120 urnas da "Nota Quente" receberam os envelopes até 19 h de ontem

Andreazza vem à Paraíba para assinar convênios

O governador Clóvis Bezerra terá agenda bastante movimentada entre amanhã e quarta-feira, em programação que inclui recepção aos adidos militares das nações amigas e a visita, ao Estado, do ministro do Interior, sr. Mário Andreazza.

Amanhã, entre 14 e 18 horas, o Governador do Estado concede audiência ao sr. Felipe Thiago, da CNEC; ao deputado Joacil de Brito Pereira e comitiva; ao delegado do Ministério da Agricultura na Paraíba, Everaldo Amorim; ao prefeito do município do Conde, Aloísio Régis.

Também terá audiência: o presidente da Confederação Nacional do Ministério Público, José Pereira da Costa, acompanhado dos presidentes das associações de Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte; o gerente da Própria, Ivaldo Araújo; sr. Elzir Matos; deputado José Lacerda Neto; deputados Edme Tavares e Antonio Quirino, acompanhados do prefeito de Urubantã; e o prefeito de Borborema, José Florêncio de Lima, acompanhado de vereadores.

TERÇA-FEIRA

A agenda da terça-feira começa com despachos com os secretários, no Palácio da Redenção, es-

tando prevista para às 10h30m a visita dos adidos militares das nações amigas. Às 12 horas os visitantes serão recepcionados com o almoço, no Palácio.

Às 14h15m o sr. Clóvis Bezerra viaja com destino a Campina Grande, onde chega meia hora depois, visita a Favela do Pedregal e participa da solenidade de assinatura de convênios, juntamente com o ministro Mário Andreazza, voltando a João Pessoa às 16h30m.

Na quarta-feira pela manhã visita as obras do conjunto habitacional em Santa Rita, além dos serviços que são realizados na barragem de Mumbaba. Volta a João Pessoa e visita, às 10 horas, o conjunto Mangabeira I e Prosimdi. Cinqüenta minutos depois ocorrerá uma solenidade de assinatura de atos, no Palácio da Redenção.

Na quarta-feira, à tarde, recebe o candidato a deputado Judivan Cabral e uma delegação do município de São José de Piranhas; o presidente do PDS de Píripituba, Luiz Salustino; uma comissão de favelados; o sr. Otávio Neiva; os deputados Francisco e Aécio Pereira; o sr. Heraldo Gadelha, do PDS de Santa Rita; e os srs. Vicente Nogueira Filho, Aloísio Pereira Lima e Jarbas Maribondo Vinagre.



Afrânio Aragão encerra a semana do administrador

Semana do administrador de empresas é encerrada

O presidente da Comissão Pró Espaço Cultural, Afrânio Aragão, encerrou sexta-feira, no auditório do Senac, a II Semana Paraibana de Administradores de Empresas, promovida pela Faculdade de Administração de Empresas da Universidade Autônoma de João Pessoa.

Afrânio proferiu palestra sobre o tema "Controle da Ação Empresarial", quando mostrou as funções de uma empresa, dentro do planejamento, direção, controle e organização da ação empresarial. Sobre o Espaço Cultural, o professor Afrânio Aragão disse que João Pessoa é atualmente a capital cultural do Norte/Nordeste.

Seplan assina convênio de 4,5 milhões com a Sudene

Um convênio de cooperação técnica-financeira com a Sudene foi assinado, esta semana, pelo diretor geral da Secretaria do Planejamento, Carlos Alberto Pimentel.

No valor de 4,5 milhões de cruzeiros, destina-se a continuação da execução da Pesquisa de Orçamento Familiar e do levantamento mensal do Índice de Custo de Vida - que estão sendo realizados pela Fiplan.

A finalidade da Pesquisa de Orçamento Familiar é identificar as estruturas de renda e de consumo familiar. Com esse dados, serão definidos itens importantes para a elaboração de Índice de Preços ao Consumidor, na Capital. Desta

forma, pode-se identificar o perfil de consumo das 1.200 famílias, bem como o peso dessa variável no orçamento familiar.

Segundo o gerente da pesquisa, Mirtes D'Avila Lins, esse levantamento gerará informações referentes aos principais bens e serviços que compõem a estrutura de consumo, assim como também os locais de compra mais frequentemente utilizados pelos entrevistados.

Para a execução da pesquisa, a Fiplan espera que os entrevistados de campo encontrem o apoio por parte das famílias, para que um bom trabalho possa ser desenvolvido.

Nota Quente tem 500 mil envelopes

Entre 450 e 500 mil envelopes foram recolhidos pelas aproximadamente 120 urnas da Campanha "Nota Quente, a Sorte da Gente", até às 19 horas de ontem, quando terminou o prazo para o depósito das notas fiscais e tickets de caixa registradora. Esses envelopes, segundo informou o coordenador da campanha Walter Vaz, concorrerão a 61 prêmios no sorteio que está marcado para o próximo dia 12, às 14 horas, no ginásio do Astréa.

Para este sorteio estão concorrendo apenas as notas emitidas a partir de 1º de janeiro passado até o dia de ontem. Antes de recolher as urnas, a Secretaria de Finanças resolveu elasticar um pouco mais o prazo, que antes estava marcado para o último dia de maio, como forma de "dar oportunidade aos retardatários".

Neste sexto sorteio da campanha, os consumidores que depositaram suas notas fiscais estão concorrendo a um automóvel, uma moto 125cc, um vídeo cassete, um aparelho de som 3x1, um TV em cores e cinco preto e branco, cinco geladeiras, cinco máquinas de costura, cinco fogões, cinco jogos de panelas, 10 liquidificadores, 10 circuladores de ar e 10 bicicletas, além de cinco cadernetas de poupanças nos valores de 50, 40, 30, 20 e 10 mil cruzeiros, a título de prêmios extras, às cinco maiores notas fiscais sorteadas.

Ontem nos oito postos de recepção da campanha espalhados em João Pessoa o movimento continuava razoável. As pessoas que ainda não haviam depositado seus envelopes tiveram ainda até às 19 horas para fazê-lo. Nas urnas postas nos supermercados a movimentação foi sempre maior.

Prefeitura pavimentará os acessos

A Prefeitura Municipal de João Pessoa vai pavimentar todas as vias de acesso aos conjuntos residenciais. As informações prestadas pela Secretaria de Comunicação Social do Município, acrescentam, que, neste sentido, o secretário de Obras, Francisco Franca, manteve contatos em Brasília na semana passada. Os entendimentos do secretário com autoridades federais, que objetivaram melhoramentos para a cidade, incluíram também a liberação de recursos destinados a urbanização de uma lagoa existente em Cruz das Armas. A Secretaria, porém, não informou quando os recursos serão liberados. Alguns conjuntos residenciais de João Pessoa estão com suas vias de acesso precárias. Dos dois principais são Ernesto Geisel e José Américo de Almeida, que não são pavimentadas em paralelepípedo e, na época de chuva, automóveis chegam a ficar atolados.

Registrado aumento de 4,9 por cento no custo de vida

O custo de vida em João Pessoa, no mês de maio, subiu 4,9 por cento. O resultado foi inferior ao de abril, quando se constatou o aumento de 6,3 por cento. Estas informações partiram da Coordenadoria de Estatística da Fiplan-Fundação Instituto de Planejamento da Paraíba.

Embora haja ocorrido altas de preços dos derivados de petróleo e das passagens urbanas e interurbanas, tais reajustes pouco influenciaram no cálculo do custo de vida de maio, porque somente entraram em vigor na última semana do mês.

Segundo a metodologia da CEI-Fiplan, os aumentos são computados a partir das datas em que são efetivados. Por isso, uma pequena parte do aumento dos preços destes itens é detectada pelo índice de maio, enquanto que a maior parcela do aumento total aparecerá no índice do mês de junho.

Segundo ainda o órgão da Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral, os grupos que apresentaram maiores variações médias de preços no mês de maio foram "vestuário", com 7,8%; "despesas pessoais", com 7,4%; e "saúde", com 5,4%.

Dentro do grupo "vestuário" (7,8%), o que mais pressionou a elevação foi o aumento médio de 12,2% nos preços do sub-grupo "vestuário feminino" e o aumento de 8,0% no sub-grupo "tecidos e roupas infantis", cujos itens que mais subiram foram "vestidos para mulher" (35,7%) e "camisetas para crianças" (11,6%).

Quanto ao grupo "despesas pessoais", os principais responsáveis pelo

aumento foi a elevação média de 10,0% na cerveja, o de 7,5% no uísque e o de 6,3% nos cigarros, que pertencem ao sub-grupo "fumo e bebidas" (5,1%). Por sua vez, o sub-grupo "Higiene e Beleza" variou de 11,8%, tendo os itens shampoo (24,7%), sabonete (15,1%) e desodorante (14,8%) destacaram-se como os que maiores de preços no corrente mês.

Em referência ao grupo "saúde" (5,4%), o que mais concorreu para a variação média obtida, foi o aumento de 18,8% nas consultas com oculista, o de 12,7% nos gastos com serviços hospitalares e o aumento médio de 11,7% nos gastos com serviços laboratoriais.

Ao contrário do mês anterior, quando apresentou a maior variação dentre os grupos que compõem o Índice de Preços ao Consumidor (7,7%), o grupo "alimentação" apresentou acentuado arrefecimento na taxa de crescimento, de seus preços, havendo crescimento de 4,5% em maio.

Este menor crescimento dos preços neste grupo, no período de um mês, explica-se porque maio é o mês de entrada das safras agrícolas no mercado e também porque a demanda por produtos alimentícios permanece reduzida, o que provoca relativa estabilidade nos preços dos principais produtos agropecuários.

Vale ressaltar, neste grupo, a variação média ocorrida em quatro itens; pães e bolachas, com 40,0% por cento; óleos comestíveis, 10,5 por cento; legumes e verduras, 14,2 por cento; e tubérculos, 11,5 por cento.

Paraiban aprova operações que beneficiam a população

Treze operações de crédito, no valor global de 140 milhões de cruzeiros, para aplicação em obras de construção de esgotos, ampliação de sistemas de abastecimentos d'água e na continuidade do projeto Cura em cidades do interior do Estado, foram aprovadas ontem durante reunião da diretoria do Banco do Estado da Paraíba, Paraiban.

Segundo informações do Banco, os empréstimos a serem repassados pela Carteira de Crédito Industrial e Infraestrutura se destinam à ampliação de sistemas de abastecimento d'água em Itabaiana e Itaporanga e aos estudos de viabilidade econômico-financeira do Projeto Cura III em Campina Grande. A Carteira

de Crédito Rural, por sua vez, liberará recursos para aplicação em projetos de melhoramentos de áreas de cultivo e desenvolvimento de programas agropecuários, que totalizam 65 milhões de cruzeiros.

As mesmas fontes do Banco informaram também, de outra parte, que viaja nesta segunda-feira, a Brasília o diretor de Crédito Industrial do Paraiban, José Eduardo Fittipaldi Dantas, para tratar de assuntos de interesse do Estado junto à Caixa Econômica Federal, Empresa Brasileira de Transportes Urbanos e Fundo de Democratização do Capital de Empresas, Fundece. Seu retorno, acrescentaram ainda, está previsto para a sexta-feira.

Perrone inaugura corretora

O presidente do Banco do Estado da Paraíba, Fernando Perrone, inaugurou sexta-feira, a Paraiban Corretora de Seguros, localizada no 2º andar do edifício Lagoa Center. Estiveram presentes a solenidade o procurador geral do Estado, Pedro Adelson, diretores do Paraiban, além de empresários e bancários.

Segundo o presidente do Paraiban, Fernando Perrone, a mudança da Paraiban Corretora de Seguros, que antes funcionava na agência do BEP na avenida Epitácio Pessoa é

para dar maior espaço e melhor acomodação aos clientes da instituição.

Salientou ainda que a criação da Seguradora tem como objetivo destinar os lucros a caixinha dos funcionários do Banco do Estado da Paraíba, que está em fase de implantação.

A Paraiban Corretora de Seguros tem apenas três funcionários, gerenciada pelo sr. José Gilvan Dantas e segundo informações a instituição já possui mais de mil clientes, apesar do pouco tempo de criação. O seu horário de funcionamento será de 8 às 12 horas e de 14 às 18 horas.

Mobral leva alfabetização a associados de sindicato

A Coordenação do Mobral na Paraíba firmou convênio com o sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgado de São Félix, destinado à alfabetização dos seus associados. A informação foi prestada ontem pelo Coordenador do Mobral na Paraíba, professor Renault Vieira de Sousa, acrescentando que o órgão de classe não entrará na participação financeira, ficando tudo a cargo do órgão alfabetizador. Segundo o professor Renault, os trabalhos tiveram início antea-

tem, tendo como beneficiadas as fazendas de Maria Melo, Alagamar e Piacas, onde passarão a atuar 15 monitores, formando 20 classes de 400 alunos, que submeterão a um curso de 12 meses de duração.

O Coordenador do Mobral disse ainda que funcionará também naquela área 8 classes do Programa - Pré Escolar, que atenderá paralelamente ao programa de alfabetização de adultos, aos filhos dos trabalhadores rurais.



A Escola de Serviço Público do Estado encerrou sexta-feira o Curso de Direito Financeiro, para a primeira turma. As aulas foram ministradas pelo conselheiro do Tribunal de Contas e professor da Universidade Federal da Paraíba, Luiz Nunes. O encerramento contou com a presença do diretor geral da Secretaria da Administração, Celso de Paiva Leite, que na oportunidade representou o secretário Oswaldo Trigueiro. Ainda esteve presente o diretor da Espep, professor João Maurício de Lima Neves.

UMA PESQUISA SOBRE O CALAZAR

Texto de **ROGÉRIO MOREIRA**

Entre 1971 e 1973, parecia estar ocorrendo um mal no Planalto do Cabo Branco. Muitas crianças estavam morrendo, sem que nenhum médico de João Pessoa conseguisse descobrir a causa. Os principais sintomas da doença eram perda de peso, anemia, crescimento do abdômem, devido ao aumento do baço e do fígado, e febre prolongada.

Há nove anos, porém, um encontro casual entre uma criança acometida por esse mal e um médico cearense, no Bar Santa Maria, no Altiplano Cabo Branco, desvendou o mistério: o médico tomava cerveja quando notou próximo a si uma criança de sexo feminino apresentando visíveis sintomas da doença que ele imaginava ser calazar.

A mãe da criança, d^a Maria Pereira da Silva, proprietária do bar, pediu-lhe conselhos, pois a sua filha já havia passado muito tempo internada no Hospital Guedes Pereira, sem ter nenhum diagnóstico. O médico, atendendo ao pedido, escreveu numa folha de papel, a única que d^a Maria dispunha naquele momento, os sintomas da doença de Eliane Pereira da Silva, que ele imaginava serem os mesmos sintomas de calazar.

Como bem próximo ao Bar Santa Maria, residia o médico Gilson Guedes Espínola, conhecido de d^a Maria Pereira ela não hesitou em ir no dia seguinte até a sua casa. E foi ele quem aconselhou o internamento rápido de Eliane no AMIP (Assistência Médica Infantil da Paraíba) para exames.

Após o estudo de sua medula óssea, dr. Gilson constatou realmente que a doença era calazar. Pela primeira vez estava diagnosticado um caso de *leishmania longipalpis* em zona litorânea no Brasil.

A partir desse diagnóstico, o dr. Gilson Guedes decidiu desenvolver uma pesquisa. Para isto instalou na praia de Cabo Branco, no antigo convento dos Capuchinhos, um ambulatório, para exames clínicos dos moradores das três praias: Cabo Branco, Penha e Seixas. Os casos suspeitos de calazar eram enviados ao Serviço de Hematologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Paraíba, para confirmação do diagnóstico pelo encontro de leishmanias na medula óssea e internamento dos casos confirmados, para tratamento.

Juntamente com a população humana, foram examinados os cães na tentativa de detectar lesões características da doença, realizando-se ao mesmo tempo exames das lesões dérmicas. Em caso positivo, os animais eram sacrificados, para estudo anátomo-patológico do fígado, baço, medula óssea e glânglios linfáticos.

Na área demarcada para a pesquisa, para determinar o transmissor, eram procurados flebotomos em todas as residências, entre 17 e 20 horas, e os exemplares encontrados eram enviados ao laboratório entomológico da Sucam, para identificação da espécie. "Surpreendeu-nos a presença de flebotomos em números relativamente altos, numa área litorânea de ventilação muito grande devido a proximidade do oceano, e bem diferente das que são consideradas focos endêmicos típicos, como boqueirão e sopés de serra. Tratava-se de um aspecto novo na ecologia da *lutzomyia longipalpis*, flebotomo que parece ter-se

adaptado bem a uma área aparentemente imprópria ao seu desenvolvimento".

Nas três praias - Cabo Branco, Penha e Seixas - durante a fase inicial da pesquisa, foram detectados 117 casos de Calazar, em 3.500 pessoas examinadas; sendo 77 em pessoas do sexo masculino e 40 em pacientes do sexo feminino.

Todos esses casos encontrados vieram de encontro ao que se tem descrito como ambiente geográfico típico da doença. A leishmania é muito comum no Sertão, e a sua descoberta na zona litorânea, é um caso inédito no Brasil. Especulando sobre a origem deste foco de calazar no litoral, dr. Gilson Guedes disse que a hipótese mais provável é que ela seja devida à presença de romeiros, vindos de áreas endêmicas do Sertão. A permanência desses pacientes durante certa época do ano na praia da Penha, onde vinham pagar as suas promessas, pode ter sido a oportunidade para que os flebotomos iniciassem a transmissão para reservatórios locais - pessoas e cães.

Segundo o dr. Gilson, a razão porque só em 1973 foi constatado o primeiro foco de leishmania no Altiplano Cabo Branco, é que outrora essa área era dedetizada semestralmente, tendo em vista a existência de malária no local. "Então, durante a campanha de extermínio da malária, quando os técnicos da Sucam dedetizavam todas as casas do litoral, estava exterminando também o flebotomo. Quando a campanha contra a Malária foi encerrada, criaram-se condições para o reaparecimento destes insetos. Isso seguramente facilitou ao vector, a invasão das residências locais, então desprotegidas".

A transmissão do calazar se dá através dos reservatórios, que são as pessoas ou cães doentes de leishmania. Então quando o flebotomo *longipalpis*, que é o transmissor, pica um cão ou pessoa portadora do parasita, na mesma ocasião que suga o sangue do doente de leishmaniose, aspira o parasita. Então se esse mosquito chegar a picar outro cão ou pessoa, transmitirá a doença. O que significa que o flebotomo em si não traz a doença. É apenas o seu transmissor.

É relativamente fácil detectar a doença no cão. Os principais sintomas são: emagrecimento, o cão começa a ficar com a mobilidade diminuída, ficando no sol deitado, quase o dia

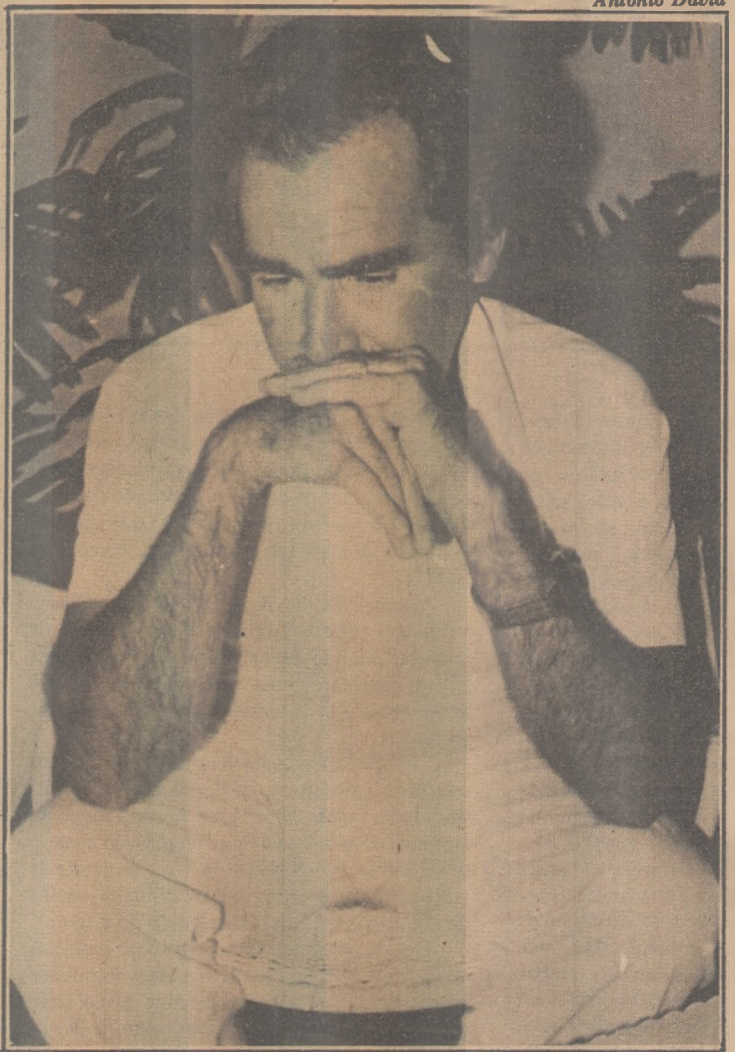
Há cerca de 10 dias a imprensa informou que estava ocorrendo um surto de calazar em João Pessoa, tendo sido, inclusive, detectados pequenos focos nas praias do Bessa e de Manaira, por equipes da Sucam. A investigação partiu da notícia de que em apenas seis dias haviam sido constatados nove casos de calazar na Policlínica Veterinária de João Pessoa. Medidas foram tomadas para conter o surto e, nesta reportagem, o médico Gilson Guedes dá os resultados de uma pesquisa sobre o calazar.

Outro sintoma é que o cão passa a latir menos, se alimenta muito pouco e como ele passa quase o dia todo sem andar, as suas unhas começam a crescer. Na criança, os sintomas também são relativamente fáceis de serem observados: perda de peso, anemia, febre prolongada e crescimento do abdômem, devido ao aumento do baço e do fígado.

Durante os nove anos em que o dr. Gilson vem desenvolvendo essa pesquisa, ficou constatado que a maioria dos casos de leishmaniose são em crianças, e ele explica: "É porque o flebotomo, geralmente vive nas palhas secas de coqueiro. Então, quando a criança de 0 a 5 anos de idade - e que por ter poucas condições de vida, mal tem roupa para vestir, e na maioria dos casos são crianças subnutridas -, se expõe das 17 às 20 horas, que é o tempo em que o mosquito sai da mata e vem para dentro de casa, torna-se assim presa fácil para o mosquito-depalha ou mosquito prego, como é conhecido vulgarmente. Então ele pica a criança e o seu organismo não tem condições para destruir o parasita. Dai, a razão porque a maioria dos casos de leishmaniose serem em pacientes com idade inferior a 6 ou 7 anos de idade."

Segundo o dr. Gilson, a melhor maneira de evitar a doença é através da alimentação correta da criança. Depois a eliminação do responsável, pela doença; no caso sendo o cão, se for uma pessoa tratar do seu internamento o mais depressa possível. Finalmente a eliminação do flebotomo, que é o transmissor da doença, através da dedetização.

O tratamento do portador de leishmaniose - segundo ele - é simples e eficaz. É feito através de uma substância derivada da antimônia, chamada de Glucantime: "uma injeção intramuscular, 100 miligramas por quilo de peso, durante dez dias. De-



Antônio David

Gilson Guedes: "O foco de calazar pode ser devido a presença de romeiros na praia da Penha que, anualmente, vêm de zonas endêmicas do sertão".

pois o paciente fica em repouso durante uma semana e volta a fazer o mesmo tratamento".

A PESQUISA

Desde 1973, após a constatação do primeiro caso em zona litorânea no Brasil, o médico Gilson Guedes Espínola, professor de Hematologia da Universidade Federal da Paraíba, vem desenvolvendo essa pesquisa sobre calazar na Paraíba, em colaboração com a Sucam Secretaria da Saúde, Departamento de Medicina da UFPB, Hospital Universitário e Projeto Rondon, que recruta os estudantes que também tomam parte na pesquisa.

Com a publicação da fase inicial dessa pesquisa, logo após a constatação do primeiro caso de calazar na praia do Cabo Branco, na *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), decidiu colaborar através do envio de verbas, o desenvolvimento desse estudo, iniciado de forma pioneira.

Durante esses nove anos a pesquisa vem se desenvolvendo em três etapas: a primeira, que foi o estudo do foco inicial: a segunda, que foi o estudo do litoral, desde a praia de Acaú até Mataraca. E a terceira, que é o estudo da Zona da Mata. Este projeto ainda não começou, mas já foram selecionadas cinco localidades onde ele será desenvolvido: Rio Tinto, Mamanguape, Itaporoca, Araçaji e Cuité de Mamanguape.

O levantamento mais recente feito nas praias de João Pessoa, de 1979 a 1981, mostram que das 4.583 crianças examinadas, 302 apresentaram a doença. Dos 9.050 cães examinados, 344 foram eliminados. Dos 2.323 mosquitos flebotomos capturados, mais de 90 por cento são *longipalpis*. Isso significa que a grande maioria transmite a leishmaniose, já que existem uma variedade de flebotomos que não transmite. Na Paraíba, segundo dr. Gilson, os números não podem ser precisos, e não existe uma estatística completa. Existem apenas alguns relatórios de algumas localidades, onde a campanha contra a leishmaniose está sendo desenvolvida.



Os principais focos no litoral



Ortila Antônio

Um dos últimos casos de calazar

POR UMA POLÍTICA NACIONAL DE INFORMÁTICA

OCTAVIO GENNARI NETTO

Ao longo dos últimos anos muito se tem dito sobre a implementação e mais ainda sobre a formulação de uma Política Nacional de Informática. Evidentemente, uma política deve atender aos justos anseios de toda a sociedade brasileira, devendo também levar em consideração o estado da arte e diversos outros fatores.

Procuro explicitar, nesta oportunidade, quais os fatores mais significativos e que devem ser considerados na formulação de uma política de informática e que sejam em geral aplicáveis às políticas referentes às tecnologias de ponta. Deve-se considerar a atual situação econômico/financeira do País e suas projeções a curto e médio prazos, posto ser esta uma das maiores condicionantes do problema. Valé dizer que projetos faraônicos, para os quais não existam disponibilidade de recursos, não devem ser levados em consideração, devido a sua inviabilidade. Devem ser consideradas a política e o comércio internacional, pois, como é sabido por todos, o nosso País optou de há muito tempo, por se integrar no sistema capitalista ocidental. Assim, a Política Nacional de Informática deve necessariamente manter coerência com o alinhamento brasileiro em termos econômicos globais, com o bloco ocidental.

No que concerne ao comércio internacional, no qual continuam subsistindo as práticas bilaterais, inexistindo as unilaterais, é preciso notar que este sistema tem as suas leis fundamentais, dentre as quais aquela que impede a proibição de importações de produtos oriundos de outros países, sem que decorram medidas de retaliação em sentido contrário.

No que concerne ao estado atual das artes, nos vários campos tecnológicos, releva o "Gap" tecnológico existente entre o nosso país e as nações mais desenvolvidas, importando identificar nesses casos, qual a diferença do nosso conhecimento em relação àquelas das nações mais avançadas nesses campos específicos.

Na formulação de uma política de informática deverão ser consideradas necessariamente a quantidade e a qualidade dos recursos humanos existentes e daqueles em formação no país, sob pena de inviabilidade de todo o plano traçado, em decorrência da eventual indisponibilidade de recursos humanos capacitados.

A infraestrutura do parque industrial brasileiro é outro dos fatores essenciais a ser considerado na formulação da política para o setor, uma vez que a sofisticada indústria de informática, a qual utiliza basicamente componentes de semicondutor e produtos de mecânica fina como insumos básicos, pressupõe a disponibilidade desses insumos. A sua eventual indisponibilidade tornaria muito difícil, para não dizer impossível, a implantação da indústria.

Finalmente, em sexto lugar, e mais importante do que todos os outros fatores, está o engajamento da sociedade brasileira, devido ao fato de que num país de grandes contrastes como o Brasil, temos intensos desequilíbrios regionais, encontrando-se grande parte de nossa população ainda em luta pela solução de seus problemas básicos como saúde, alimentação, educação, habitação, etc...

Convivendo com essa situação extrema, temos uma elite mais afeta a esses problemas relativos a tecnologia de ponta, problemas culturais etc. Pelo menos esta elite deveria ser engajada nesta luta, não obstante, e obviamente, existam várias correntes de opinião dentro da mesma.

O citado engajamento somente será possível na medida em que haja coerência entre essa política e a disponibilidade de recursos econômicos e financeiros no país, coerente com a nossa política e comércio internacional, nível de conhecimento tecnológico em relação aos países mais desenvolvidos, com os recursos humanos de que dispomos e, finalmente, em coerência com a infraestrutura de nosso parque industrial.

Por outro lado, para se implementar uma política existem dois tipos de medidas: as defensivas e as construtivas. Num país como o Brasil, no qual a diferença de tecnologia na área de informática em relação aos países mais desenvolvidos neste setor é grande, certamente são necessárias as medidas defensivas.

Como medidas defensivas podemos citar a reserva de mercado, os benefícios fiscais etc. Em relação às medidas construtivas, consideramos a capacitação de recursos humanos, investimentos em pesquisa e desenvolvimento etc. Contudo, a reserva de mercado, os benefícios fiscais etc., são antipáticos, tanto a nível internacional quanto localmente. Senão vejamos: a reserva de mercado prejudica o fornecedor internacional e de certo modo, por algum tempo, prejudica o consumidor local, que perde a sua liberdade de comprar, passando, em geral, a não mais dispor de um produto com melhor relação preço/performance.

Por outro lado, o benefício fiscal é mal visto, posto ter um custo social muito elevado, em função do qual, o governo deixa de arrecadar impostos que de outra forma seriam empregados em atividades sociais, as quais, em última análise, constituem o objetivo-fim do governo.

Como medidas construtivas há que se considerar a capacitação de recursos humanos, a qual envolve o planejamento a curto, médio e longo prazo junto as instituições de pesquisa e, principalmente, às universidades. Também os investimentos em pesquisa e desenvolvimento de produtos devem ser avaliados caso-a-caso. Vale notar que, em termos de Brasil, face a nossa defasagem tecnológica, é difícil implantar uma política sem adotarmos medidas defensivas. Não obstante, temos que alertar para o

fato de que a adoção apenas das medidas defensivas levam a ruína toda política, posto não ser aconselhável nem defensável desagradar a todos durante todo o tempo. A adoção de medidas defensivas deve seguir, logo que possível a adoção de medidas construtivas, como as já citadas.

Como exemplo de medidas defensivas já adotadas, podemos citar o controle do fluxo transnacional de dados, no qual a posição brasileira, extremamente correta para os dias atuais, revela-se inegavelmente inviável a longo prazo.

Os pressupostos básicos desta política são o equilíbrio dos fluxos de dados entre o Brasil e os demais países, mormente no que tange aos aspectos econômicos e relacionados à utilização das informações, tendo em vista o seu valor estratégico, assim como a possibilidade técnica de controlar esses deslocamentos de dados.

Óra, tal posição pressupõe um universo estático, não contemplando os desenvolvimentos tecnológicos que estão ocorrendo neste exato momento, tanto na superpopulação do espaço exterior, em termos de mais satélites que ali são colocados, dotados de maiores capacidades de transmissão, como das antenas domésticas de baixo custo e capazes de receber transmissões diretas dos satélites, tornando inviáveis quaisquer tipos de controles desejáveis.

Tal política somente será viável a longo prazo caso o Brasil venha a criar, no período, condições locais de desenvolvimento de grandes bancos de dados, possibilitando, assim, que os serviços venham a ser executados no próprio território nacional e, por outro lado, torne exequíveis as medidas defensivas que coibam os deslocamentos indesejáveis de dados, face às diretrizes estabelecidas. Assim, a oportunidade de uma medida defensiva desse teor tem por objetivo, apenas, propiciar, a criação de medidas construtivas correspondentes.

Finalmente, para se definir e implantar uma política, é necessário ter em mente o que se pretende fazer e o que é possível fazer. Idealmente, tendo-se como referência apenas objetivos nacionais baseados num nacionalismo extremado, pretende-se tudo. Na prática, tendo em vista as condições objetivas, pode-se menos. O mundo contemporâneo está repleto de exemplos nesse sentido.

No nosso caso particular, devemos considerar ainda que, por mais algum tempo, pelo menos em futuro previsível, continuaremos dependentes tanto do capital quanto da tecnologia estrangeiros.

É preciso que se atente para o fato de que os investimentos estrangeiros no Brasil, de uma forma ou de outra, geram empregos internamente, transferem pelo menos algum resíduo de tecnologia e possibilitam o acesso do consumidor a uma tecnologia mais atual em termos de produtos. Também, como a informática e tecnologia-meio, proporciona maiores facilidades para o desenvolvimento de outras atividades.

A integração de nossa economia no sistema econômico internacional e a marcante presença da tecnologia e capital estrangeiros em nosso país, torna necessário que saibamos conviver com essa tecnologia e capital estrangeiros, até mesmo como forma de atingirmos a desejada capacitação nacional no setor.

Algumas pessoas defendem a tese de que toda política na área de fabricação, qualquer que seja ela, deve ser acompanhada da máxima nacionalização. Essa crença, em verdade, carece de consistência, uma vez que a nacionalização em grau máximo implica investimentos elevados. Considerando-se a inexistência de escala de produção em alguns segmentos do mercado, claro está que o retorno dos investimentos dar-se-á a longo prazo.

Em primeiro lugar, este fato acarreta a impossibilidade de atualização tecnológica de tais produtos pela indústria, até que se amortizem os investimentos efetuados em ferramental etc. E em segundo lugar, estratifica a própria indústria, além de contrariar um dos fundamentos básicos do capitalismo moderno, que é a divisão de trabalho a nível internacional.

Por outro lado, a eventual importação de produtos prontos, com vistas a efetuar apenas a sua montagem no país, significa um grau extremo de dependência. Novamente aqui há que se fazer um justo balanceamento do que é viável nacionalizar e do que não o é.

É importante ter em mente, neste sentido, que nenhum país do mundo é totalmente independente. Os Estados Unidos e o Japão poderiam até mesmo fabricar todas as partes, peças e componentes de que necessitam as suas indústrias respectivas - o que não é o caso - e mesmo assim não disporm de todos os insumos.

Eles importam o nosso silício de grau metalúrgico, por exemplo, bem como outras matérias-primas. O Japão é um dos maiores importadores e exportadores do mundo. Depende do petróleo, do ferro, de quase tudo que os outros produzem. Assim, essa sonhada auto-suficiência não apenas inexistente, mas seria também indesejável, face ao sistema de trocas e interdependência a nível internacional.

2. Política de Microeletrônica

Vejamos, agora, ainda que de forma sumária, a política de microeletrônica, à luz dos fatores acima citados, os quais deverão ser observados na definição da política para os demais segmentos do setor.

Em primeiro lugar foi levada em consideração a situação econômico-financeira do nosso país. Prova disto é que o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento de Microeletrônica teve con-

Este trabalho é publicado na véspera do início do X Seminário de Coordenação em Processamento de Dados (X Secop), a ser realizado no Salão de Convenções do Hotel Tambau, reunindo autoridades e especialistas de todos os Estados brasileiros para discutirem sobre a integração dos organismos públicos ligados ao setor de informática. A promoção é da Secretaria Especial de Informática - SEI, - órgão vinculado ao Conselho de Segurança Nacional da Presidência da República, em conjunto com a Codata (Companhia de Processamento de Dados da Paraíba).

siderado um investimento mínimo de US\$ 30 milhões num plano trienal, quando sabemos que indústrias de porte médio-para-grande no mundo gastam isoladamente cerca de US\$ 200 milhões por ano em pesquisas na área de microeletrônica.

Acresce o fato de que estamos dando ênfase, apenas, à área de circuitos integrados digitais, área na qual pretendemos nos concentrar, deixando um pouco de lado os circuitos lineares e abandonando totalmente os circuitos discretos, face à consciência de que não temos condições tecnológicas e financeiras para abranger todas essas áreas, como também dada a importância estratégica da primeira.

Em segundo lugar, está a política e o comércio internacional (não vem ao caso a política internacional). Em termos de comércio internacional, observamos que temos treze empreendimentos estrangeiros operando neste setor em nosso país, dois dos quais operando na área de circuitos integrados digitais.

Não seria obviamente o caso de se pretender a expulsão desses empreendimentos do país. O que desejamos é aproveitar o crescimento vegetativo desse mercado (área de digitais), que tem sido da ordem de 30% ao ano, para realizarmos os nossos investimentos neste segmento, fazendo com que tenhamos assim uma convivência com essa tecnologia e capital estrangeiros já instalados no país.

Temos alguma experiência acadêmica em termos de engenharia de produto. O que pretendemos é comprar tecnologia de ponta, a mais avançada possível, pois sabemos que a mesma é muito volátil, tendo uma vida útil, em termos internacionais, de três a quatro anos em média.

Atentamos para o fato de que se comprássemos uma tecnologia que não de ponta, tão logo a assimilássemos em termos de produção, para passarmos posteriormente à fase seguinte que é a de desenvolvimento de novos produtos, provavelmente já estaríamos, nesta oportunidade, defasados em duas gerações de tecnologia. Esta possibilidade é particularmente dramática, pois o objetivo da área de componentes a semicondutor não é viabilizar o componente e sim o produto à que ele se destina.

Em termos de disponibilidade de recursos humanos capacitados, também foi considerada a sua escassez - pouco mais de duzentos elementos com instrução universitária trabalhando, em pesquisas nesta área - em decorrência do que tentamos concentrar na região de Campina e os escassos recursos disponíveis.

Essa concentração tem sentido em função da existência da Unicamp, que é um dos maiores centros brasileiros de pesquisa, do CPqD da Telebrás, sendo que a pouco menos de cem quilômetros de distância de Campina encontra-se a Universidade de São Paulo, os quais se constituem nos três grandes centros de pesquisa dessa tecnologia em nosso país.

O que se pretende, em última análise, é que, num processo de interação perfeita entre a Universidade, Instituto de Pesquisa a ser criada e Indústrias, numa mesma região geográfica, se concentrem os escassos recursos disponíveis, para que num processo sinérgico, consigamos a necessária alavancagem e que o efeito multiplicador desse esforço se concretize em novos empreendimentos e produtos.

A escolha dessa região também se revela a mais adequada em termos de infraestrutura do parque industrial, pois é oportuno observar que

o ferramental necessário em termos de fornos etc., está diretamente associado à tecnologia que se pretende desenvolver, sendo muito poucos os equipamentos padronizados encontrados - à exceção daqueles destinados aos testes, encapsulamentos etc. - além das metodologias industriais serem diferentes de um processo para outro, exigindo, assim, a fabricação de nossos próprios equipamentos industriais.

Esse processo de fabricação dos equipamentos necessários à fabricação de circuitos integrados, como todos sabem, é interativo entre o pesquisador, o fornecedor e a indústria. O pesquisador, ou seja, o homem que detém o conhecimento tecnológico sobre aquele produto, a indústria em que ele trabalha e o fornecedor ou fabricante dos equipamentos necessários ao processo de produção, constitui-se num trabalho diário e interativo de orientação e troca de informações.

No tocante ao engajamento da sociedade, estamos procurando conscientizá-la através de matérias divulgadas pela imprensa escrita, falada e televisada. Nesse sentido, temos a confessar que existem algumas dificuldades, pois observamos que os próprios industriais brasileiros que vão se utilizar desses produtos não estão apenas céticos em relação à questão, mas até mesmos acomodados, em sua grande maioria. Céticos e acomodados porquanto têm receio de que o plano não dê certo, apesar de bastante moderado, temendo, ainda, virem a ser prejudicados. E, como na atualidade é muito fácil fazer importações, bastando apenas dar entrada numa guia e, a partir daí, receber produtos de qualidade confiável e a preços conhecidos, isto é, de domínio público, claro está que não pretendem correr nenhum risco. Porém, os atuais consumidores de componentes a semicondutor esquecem-se que, num futuro breve, os componentes serão dedicados e que os fabricantes de produtos eletrônicos estão se tornando, também eles, fabricantes de seus componentes.

Neste aspecto reside outra grande dificuldade para a definição de uma política que pressuponha o engajamento da sociedade. Todos defendem a necessidade de um produto nacional, contanto que não sejam eles os compradores, em razão de que todos estamos acostumados ao esquema de funcionamento da sociedade industrial, onde temos acesso ao melhor produto pelo menor preço, sem que seja necessário submeter-se a dificuldades.

Nesta situação paradoxal, a política de informática vale apenas para quem não quer comprar, entendendo-se como nacional o seu próprio produto e não aquele fabricado por seu vizinho. Devemos notar, no entanto, que este não é um defeito das pessoas e sim da civilização industrial que, ao separar o produtor do consumidor, induziu-as a agir dessa forma.

Em relação às medidas defensivas e construtivas que serão adotadas nesta área de microeletrônica, como já apontamos anteriormente, o ideal é que sejam o mínimo de medidas defensivas e o máximo de construtivas. No que concerne às primeiras (defensivas), até o momento temos em estudo apenas uma pequena reserva de mercado aplicável àquela parcela do crescimento vegetativo na área dos circuitos integrados digitais.

Em termos de medidas construtivas, temos a capacitação de recursos humanos através dos laboratórios de microeletrônica da USP, e de eletrônica e dispositivos da Unicamp, bem como a pesquisa e desenvolvimento de produtos, com investimentos nesta área - através do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento de Microeletrônica - estimados em cerca de US\$30 milhões no triênio.

3. Política de Fabricação de Computadores

Antes de tecermos algumas considerações sobre este tópico, devemos observar que a definição da Política de Microeletrônica foi efetuada recentemente, da mesma forma que a estratégia para a sua implementação é também recente, enquanto aquela referente a fabricação de computadores foi formulada faz alguns anos.

Foi com base nos erros e acertos dessa última que tentamos formular uma política e uma estratégia de implementação para a área de microeletrônica que fosse a melhor possível. Evidentemente, toda iniciativa pioneira apresenta mais defeitos do que as iniciativas posteriores, os quais, de resto, são o preço que pagamos pelo pioneirismo.

Analisemos também sumariamente a questão da formulação da política de fabricação de computadores, de acordo com os fatores anteriormente citados. Em relação aos aspectos econômico/financeiro do país, diria que grosso-modo esses aspectos foram considerados. Como é sabido por todos, a reserva de mercado concentrou-se na área de minicomputadores, pequenos, micros, terminais, periféricos etc., não se constituindo, portanto, num projeto demasiado ousado. Trata-se de um projeto ambicioso na medida em que se pretendia chegar a curto prazo ao domínio das tecnologias de computadores de grande porte, quando nós sabemos que não temos mercado para isto, inexistindo escala de produção para tal.

No que concerne a política e comércio internacional, pode-se dizer que, no tocante a política internacional, não houve nenhum deslize. Contudo, em relação ao comércio internacional tivemos alguns impasses com o capital estrangeiro instalado no país, sendo lícito afirmar que hoje a matéria seria tratada, talvez, de outra maneira, pois o desgaste para ambas as partes foi muito grande.

Em relação ao "Gap" tecnológico, pode-se afirmar que o mesmo foi considerado, embora notem-se alguns problemas em relação a compra de tecnologia, uma vez que não foi em todos os casos que se comprou a mais moderna disponível na época; hoje observamos que, como o prazo médio de absorção das tecnologias citadas gira em torno de dois a três anos, quando se completa o processo de sua absorção, a mesma encontra-se obsoleta. Contudo, é oportuno ressaltar que este não é o caso geral, não obstante tenham ocorrido casos notórios neste sentido.

No tocante ao quarto fator, ou seja, a disponibilidade de recursos humanos, pode-se dizer que este problema não ocorreu porque na área de fabricação de computadores, partindo do pressuposto que se dispunha dos componentes e mecânica fina, qualquer engenheiro eletrônico, mesmo que eletricista poderia facilmente se adaptar a assimilação dessa tecnologia e inclusive tornar-se capaz de, a curto prazo, gerar novas tecnologias e produtos.

No que se refere a infraestrutura do parque industrial, que é o quinto fator, pode-se

afirmar que foi parcialmente considerada. Ele o foi em termos de montagem de uma unidade central de computador, terminais de vídeo etc. O mesmo não se pode dizer em relação a fabricação de unidades de discos magnéticos e impressoras, onde o fator preponderante é a mecânica fina e componentes, sendo notório que não dispomos nem de um nem de outro.

Assim, torna-se bastante difícil nacionalizar estes produtos.

É preciso que atentemos para a possibilidade de uma nacionalização forçada poderá inviabilizar a indústria. Essa possibilidade torna-se mais concreta à medida em que constatamos que não dispomos nem da escala nem da tecnologia para suportar tal esforço.

No que concerne ao engajamento da sociedade, pode-se dizer que houve um grande engajamento, a julgar pelo menos pelas acirradas polêmicas travadas. De acordo com os noticiários dos jornais, observamos que alguns defendem a compra de produtos externos em decorrência de seu preço menor, ocorrendo inclusive alertas públicos "para que se parem com aventuras tecnológicas", enquanto outros defendem com unhas e dentes o modelo adotado. Desta forma, podemos dizer que houve um engajamento na luta, compreendendo várias facções, a do consumidor, do pesquisador, do fabricante etc. No tocante às medidas defensivas e construtivas, as defensivas foram a reserva de mercado, que, como já apontamos, se constitui numa medida antipática, que tende a prevalecer por algum tempo e não eternamente, já que ela penaliza o consumidor e também cria problemas ao nível do comércio internacional.

Não se deve aqui confundir reserva de mercado com mercado reservado, devendo-se observar que esta última medida, apesar de necessária, e mais antipática do que a primeira.

Por mercado reservado entende-se o segmento do mercado destinado a expansão natural dos empreendimentos nacionais, caso em que o consumidor nacional se vê impedido de importar os bens que se encontrem neste segmento e pelo menos por algum tempo, não terá condições de adquiri-los no mercado interno.

Por outro lado, o fabricante internacional pressiona, na tentativa de fabricar localmente ou simplesmente comercializar seus produtos situados no segmento em questão.

Claro está que quanto a reserva de mercado existem opções nacionais e ao contrário, quando o mercado está simplesmente reservado, estabelecem-se uma animosidade geral em relação a esse mecanismo. Nenhuma medida construtiva foi adotada até o momento, sendo este o erro de implementação dessa política, que pecou pela adoção apenas de uma grande medida defensiva. Na verdade, as medidas construtivas foram deixadas a cargo de uma eventual geração espontânea, a nível individual, do empresariado privado.

Deve-se notar o flagrante erro de avaliação desse pressuposto como pode ser inferido a partir das possibilidades de investimento da indústria nacional. Caso investisse 10% de seu faturamento de vendas em pesquisa e desenvolvimento de produto teria investido cerca de Cr\$ 2,5 bilhões no último ano, enquanto a IBM, apenas, investiu a nível internacional cerca de US\$ 2 bilhões o ano passado, não sendo lícito esperar que se nós aplicássemos aquele percentual de nosso faturamento de vendas viveríamos a fazer pesquisas compatíveis a nível internacional.

4. Política de Utilização Governamental

Também na definição dessa política, até o momento levou-se em consideração o desejável e o possível, se bem que, mais uma vez, a incompreensão é geral. Face a toda a gama de fatores citados, deseja-se uma política de utilização de computadores, pelo menos para a área governamental. Não só nós no Brasil, mas quase todos os países do mundo, incorremos num erro sério. Isto porque na sociedade da civilização industrial, a empresa privada tem por objetivo a obtenção de lucros, cujo corolário é a otimização dos fatores que emprega.

Obviamente, uma empresa privada aplica seus computadores nos sistemas de computação distribuídos, sistemas gerenciais e de controle de processos etc., colocando seus terminais nos centros em que tem as suas maiores filiais. Os governos do mundo seguem os mesmos princípios da civilização industrial, ou seja, usam os mesmos pressupostos da iniciativa privada, na utilização de computadores em sistemas distribuídos etc; tentam, assim, maximizar, padronizar, otimizar colocando esses recursos sofisticados nos centros mais avançados.

Não obstante, nota-se que as funções básicas dos governos são política e social e não gerencial. A nossa teoria é de que os governos deveriam concentrar recursos de informática, pelo menos em sistemas de informações, nas comunidades mais longínquas, menos favorecidas.

Estes recursos são sistemas bi-direcionais por cabo e outros que permitem as populações menos favorecidas estudar em casa, a distância, orientadas por professores, de outra forma inacessíveis àquelas regiões. Prevê ainda, o atendimento médico à distância, uma ampla gama de sistemas de informações do cotidiano, páginas inteiras dos jornais, atualizadas, para aquelas pessoas que não podem ir até as bancas de jornais para comprá-los, mesmo porque nem mesmo estas existem naquelas localidades.

Desta forma, não adianta colocarmos sofisticados em centros como São Paulo e Rio de Janeiro, quando sabemos que a homogeneização ou a eliminação das diferenças regionais pode ser levada a efeito utilizando-se a informática como alavanca neste processo, já que o objetivo de um governo não é a eficiência, mas a eficácia em relação a sociedade.

Temos que nos concentrar neste ponto para efeito de meditação. Devemos tomar o exemplo japonês e refletirmos sobre ele. De que adianta a um cidadão em São Paulo ou Rio de Janeiro ou outros grandes centros, onde já dispõe hoje de jornais em bancas próximas ou mesmo entregues a domicílio, com aparelhos de televisão em praticamente todos os lares, dispondo de escolas e hospitais próximos, um sistema sofisticado através do qual este cidadão deixa de perder alguns minutos?

Não seria muito mais válido propiciarmos melhores condições de vida ao nosso interior, tão carente e totalmente desprovido de recursos de toda ordem, com uma população cada vez mais pobre, mais doente e mais sofrida. Não seria melhor levarmos a educação e o hospital à essa gente?

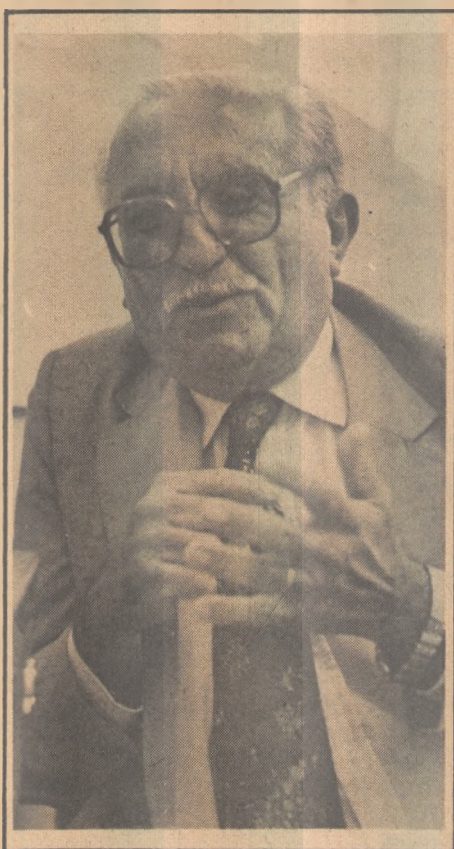
Vingt-Un Rosado

“SEMPRE ME ACHEI UM TRABALHADOR BRAÇAL DA CULTURA”

• Entrevista a
JOSÉ OCTÁVIO

• Fotos de
ARNÓBIO COSTA

Já publicamos tudo que tínhamos de seca e devemos publicar mais 11 livros até 1983. Nesse rol de livros, tivemos a satisfação de incluir dois do grande José Américo de Almeida: *As Secas do Nordeste* e *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*. Também está incluído neste grupo um livro de outro paraibano, que foi presidente da Província do Rio Grande do Norte, Olímpio José de Meireles. É uma obra inédita sobre a seca, escrita por aquele presidente, suas causas e reveses. Temos publicado também os livros de Guimarães Duque, e vamos reeditar os seus livros clássicos: *Solo e Água no Polígono da Seca* e *O Nordeste e a Lavoura Xerófila*. No próximo dia 29 devemos estar lançando, com o patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil, de Fortaleza, *Perspectivas Nordestinas*. É um livro, inédito de Guimarães Duque, que nos foi entregue por sua família. É uma espécie de síntese da sua obra. E até 83 estaremos reunindo os trabalhos de Guimarães não publicados em li-



Vingt-Un: defesa do Nordeste

vros, divulgados em periódicos, em plaquetes, etc. além do catálogo de sua biblioteca, que foi doada por sua família à ESAM. Outros livros sobre seca têm sido de Filipe Guerra, como *Seca sobre Seca*, *Raízes do Nordeste* e *O Nordeste Semi-Árido*, de Eloy de Sousa, de tão marcante atuação na história da Inspeção das Secas, *Calvário das Secas*; e de Joaquim Inácio, que foi também um grande estudioso dessa problemática, nós deveremos publicar até o próximo ano um livro da sua viagem à Paraíba em 1924. Havia no passado, no Rio Grande do Norte, uma verdadeira elite preocupada com estes problemas. Eu tenho dúvidas se nos dias de hoje nós temos uma geração com tantos conhecimentos dos nossos problemas, das nossas necessidades, como já tivemos no passado, no tempo de Filipe Guer-



“Eu tenho o maior respeito pelo professor Celso Furtado, mas fico com Lauro Xavier, quando ele não se conforma que Celso não tenha ouvido os velhos do Nordeste”

ra, de Eloy de Sousa, Joaquim Inácio, Juvenal Lamartine, José Augusto, Tavares de Lima. Tenho dúvidas de que hoje nós tenhamos uma geração à altura desses homens do passado. Então, este tem sido o meu trabalho na Fundação Guimarães Duque. Nós distribuímos nossos livros a cerca de 800 pessoas, mais principalmente a instituições; enviamos-os para as bibliotecas centrais das 100 Universidades brasileiras, federais, estaduais, municipais e particulares. Então, estes trabalhos que eram raros de serem encontrados, estão abastecendo as bibliotecas do país. É o trabalho que Mossoró vem fazendo desde 1948.

• Nós sabemos que os custos dos livros hoje estão muito proibitivos, daí porque as grandes editoras não estão aceitando mais publicar trabalhos com mais de 150 páginas, isso de nomes consagrados das ciências sociais e da cultura nacional. Como é que vocês, da Fundação Guimarães Duque, uma fundação relativamente pobre, perdida no sertão nordestino, estão resolvendo o problema financeiro para uma linha editorial tão ampla e tão agressiva?

□ Eu sou filho de um homem de Pombal e de uma moça de Catolé do Rocha. Eu sou filho daqueles paraibanos que se mudaram para o Rio Grande do Norte para servi-lo, para serem escravos do Rio Grande do Norte. A minha família teve diversos políticos, e todos eles continuam pobres. Nenhum homem rico saiu das funções públicas. Então eu tenho este espírito de luta dos paraibanos que saíram para o Rio Grande do Norte, para serem escravos dos problemas e das necessidades do Rio Grande do Norte. Minha família reside no Rio Grande do Norte há 49 anos. Eu gosto de futurar o cão com vara curta. Está é um longo trabalho, de persistência, de teimosia, de chá de cadeira. Quantas vezes eu não passo quatro, cinco horas, sentado numa cadeira esperando um burocrata para ele me dizer que não tem dinheiro para cultura... O Ministério da Educação e Cultura nos deu até agora 150 mil cruzeiros, O órgão que nos ajudou mais foi o CNPq, nos dando 900 mil cruzeiros, com os quais nós fizemos as edições dos livros de Guimarães Duque e Filipe Guerra, edições de três mil exemplares, grandes em termos de Brasil, onde ge-

ralmente são tão pequenas e reduzidas. A Sudene também tem me ajudado um pouco, como o Banco do Nordeste do Brasil; a Universidade Federal da Paraíba já publicou livros nossos, com um pouco de ajuda; a Universidade do Ceará, um pouco mais; a Universidade de Alagoas já publicou dois livros nossos e até da PUC eu arranquei uma vez 25 mil cruzeiros, com os quais fiz uma edição fac-similar da *Geologia Elementar*, de um livro interessante, o primeiro livro feito para o estudante brasileiro.

• O senhor se referiu a Guimarães Duque e a José Augusto Trindade, que não dois mineiros não só ligados ao Nordeste, mas também à Paraíba. O Guimarães Duque foi Secretário da Agricultura da Paraíba, na época de Ruy Carneiro, no período de 1940 a 1943, e José Augusto Trindade, que constituiu família aqui, tornou-se o grande organizador e mentor do Centro Pesquisas Agrônomicas de São Gonçalo, onde, inclusive, o professor Lauro Xavier, sustenta a tese de que as obras de Guimarães Duque só se tornaram possíveis devido ao lastro concebido por José Augusto Trindade. Ele estaria na base daqueles estudos de solos, sobre água, e sobre a realidade nordestina, em geral, produzidos por Guimarães Duque. O senhor concorda com esta teoria de dr. Lauro?

□ O doutor Lauro Xavier é uma glória da classe agrônômica nacional e eu estou inteiramente de acordo com ele em tudo isso que afirmou. O mérito do livro é realmente por ter salvo este acervo de pesquisa que o Instituto José Augusto realizou; é realmente uma coisa impressionante o que esse Instituto realizou em poucos anos e foi uma estupidez muito grande do Governo Federal em esvaziá-lo, e se não fosse esse livro de Guimarães nós nem saberíamos a multiplicidade de pesquisas que foram feitas em São Gonçalo. Então, os livros de Guimarães Duque, foi que exatamente salvaram essa coisa maravilhosa que foi o Instituto de Sousa. Há pouco tempo um colega da Sudene me provocou em Mossoró: “Mas, por que vocês se orgulham de Guimarães Duque e não se lembram de José Augusto Trindade, que foi a velocidade inicial de todo esse esforço, hoje continuando por Paulo Guerra, que é um grande mossoroense, é um grande

discípulo de Guimarães, que acabo de publicar um grande livro para o Nordeste: *Civilização da Seca?*... Então eu disse que, sinceramente, nós temos cuidado pouco de Guimarães, mas porque realmente tinha sido uma injustiça do Nordeste se esse homem ainda não recebesse um estudo mais profundo, avaliando o seu trabalho a favor do Nordeste.

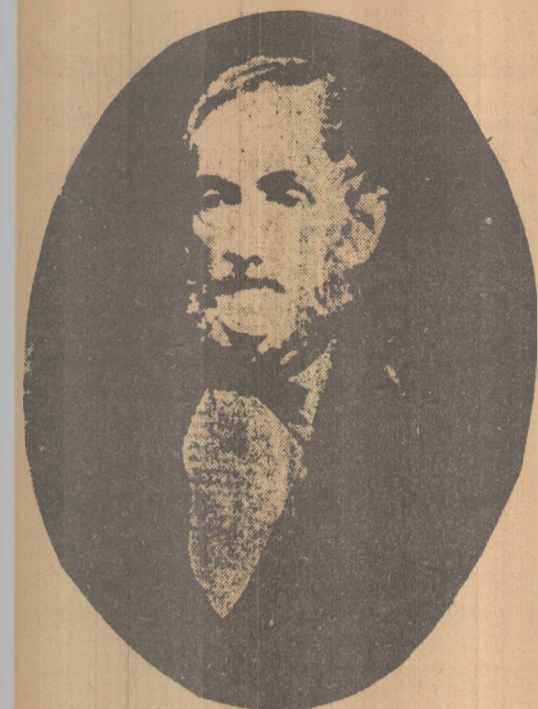
• Os estudos de seca no Brasil, particularmente no Nordeste, receberam uma profunda reorientação da Sudene, que com Celso Furtado procurou substituir a técnica fracionada, que vinha de Epitácio Pessoa, de acumulação de água, por uma nova teoria, chamada a “Teoria do Desenvolvimento”, que visava exatamente resolver de maneira integrada, os problemas das principais áreas nordestinas: a área urbana com problemas de excesso de mão de obra e desemprego, e a Zona da Mata, com baixos índices de produtividade e a região do semi-árido, onde Celso preconizava a convivência do paraibano com a seca, e a substituição do velho esquema de acumulação d’água por uma maior capitalização da região. O senhor está de acordo com a teoria de Celso Furtado, que tem sido tão combatida pelo professor Lauro Xavier?

□ Eu tenho o maior respeito pelo professor Celso Furtado, por seu renome internacional, mas eu fico com Lauro Xavier, quando ele não se conforma que Celso Furtado não tenha ouvido os velhos do Nordeste, não tenha ouvido a sabedoria acumulada do Dnocs. Então, eu acho que o professor Celso Furtado teria um trabalho muito mais interessante se tivesse botado as coisas que ele aprendeu na Europa, as coisas que ele sabia criar como um homem genial, sem desprezar a experiência desses sábios como Lauro Xavier, dos homens que trabalharam no Dnocs anos a fio, de Guimarães Duque, de José Augusto Trindade, de Paulo Guerra. Eu acho que ele teria feito uma obra muito mais duradoura se tivesse tentado somar, ao invés de prevalecer as suas teses, naturalmente de homem brilhante, de formação universitária e de renome internacional. Não estou à altura de criticar pessoas como Celso Furtado, mas gostaria de endossar o ponto de vista do meu amigo Lauro Xavier.

O professor Vingt-Un Rosado Maia, de tradicional família política nordestina, é sobretudo, hoje em dia, o principal agenciador cultural do Rio Grande do Norte, como coordenador da Fundação Guimarães Duque, que funciona anexa à Escola de Agronomia de Mossoró. Essa instituição, graças sobretudo à iniciativa de Vingt-Un, vem se distinguindo por sua copiosa linha editorial, que abrange, em pouco mais de 12 anos, mais de 180 títulos, com ênfase especial para as publicações que dizem respeito ao Nordeste semi-árido. Vingt-Un esteve recentemente em João Pessoa, onde fez uma palestra a convite do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e concedeu esta entrevista ao “Jornal de Domingo”.

• Como surgiu a Fundação Guimarães Duque e como se tornou possível esta linha editorial de tão extraordinário avanço?

□ A Fundação Guimarães Duque foi criada pela Escola Superior de Agricultura de Mossoró, uma escola implantada no semi-árido, nos idos de 1967. O conselho técnico administrativo da ESAM, criou a fundação, começou, então, a desenvolver um trabalho rural, que de certo modo é uma continuação do que foi iniciado em 1948, pelo prefeito Dix-Sept Rosado, uma figura curiosa do sertanejo, capitão da indústria e do comércio, entrando à força na política para se candidatar a prefeito de Mossoró. Eleito, cumpriu uma promessa que eu lhe havia sugerido: fundar uma biblioteca municipal. Cinco dias depois de empossado, a biblioteca foi criada; ao seu lado, surgiu o museu; ao lado deste, começamos uma série de publicações, a que denominamos *Coleção Mossoroense*. Houve um somatório desses esforços todos, que nós temos denominado de batalha da cultura. O movimento, de fato, começou em 1968, mas a partir de 1967, com a criação da ESAM e depois com a instituição da Fundação Guimarães Duque, preocupada com aquela destinação maior da Escola que era estudar os problemas do semi-árido. Então, nenhum nome poderia ser melhor para a Fundação do que Guimarães Duque, figura extraordinária de mineiro, como mineiro tinha sido José Augusto Trindade: duas figuras curiosas que se deram por inteiro ao Nordeste, se casaram com moças do Nordeste; viveram e lutaram e morreram, servindo à problemática do sofrido país do Nordeste. Então este nosso trabalho mostrou-se paralelo à finalidade específica da fundação de fazer pesquisas agropecuárias da ESAM; um trabalho cultural já iniciado anteriormente mas ganhando maiores dimensões a partir de 1967, e principalmente 1975. A nossa *Coleção Mossoroense* já publicou mais de oitocentos títulos com temas regionais, nordestinos e nacionais. Destes foram editados 190 livros. Nunca me considerei escritor, intelectual ou historiador, mas sempre me achei um trabalhador braçal da cultura. Isso é que eu faço amorosamente, desde 1948. Ultimamente nós estamos cuidando de reunir a bibliografia sobre seca.



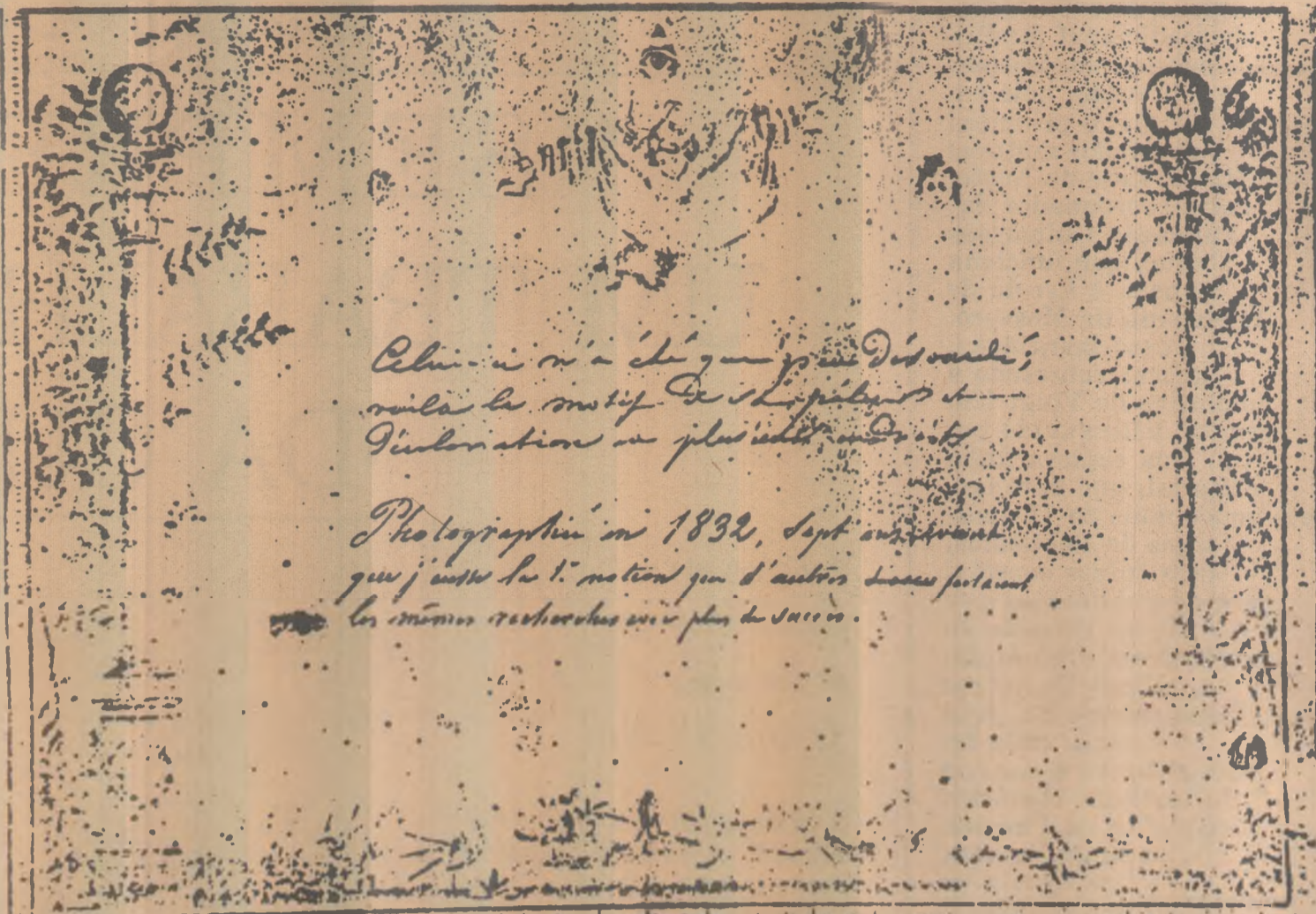
Hercules Florence

A caixa de papelão estava montada sobre uma palheta de pintor e no orifício, a lente de um monóculo ficava exposta quatro horas à luz de uma janela que se abria para os telhados e para o céu da Vila de São Carlos. No interior da caixa, um papel emulsionado em nitrato de prata ficou a paisagem, mas com um resultado inesperado: "o que devia ser escuro tornou-se claro, o que era claro ficou escuro..."

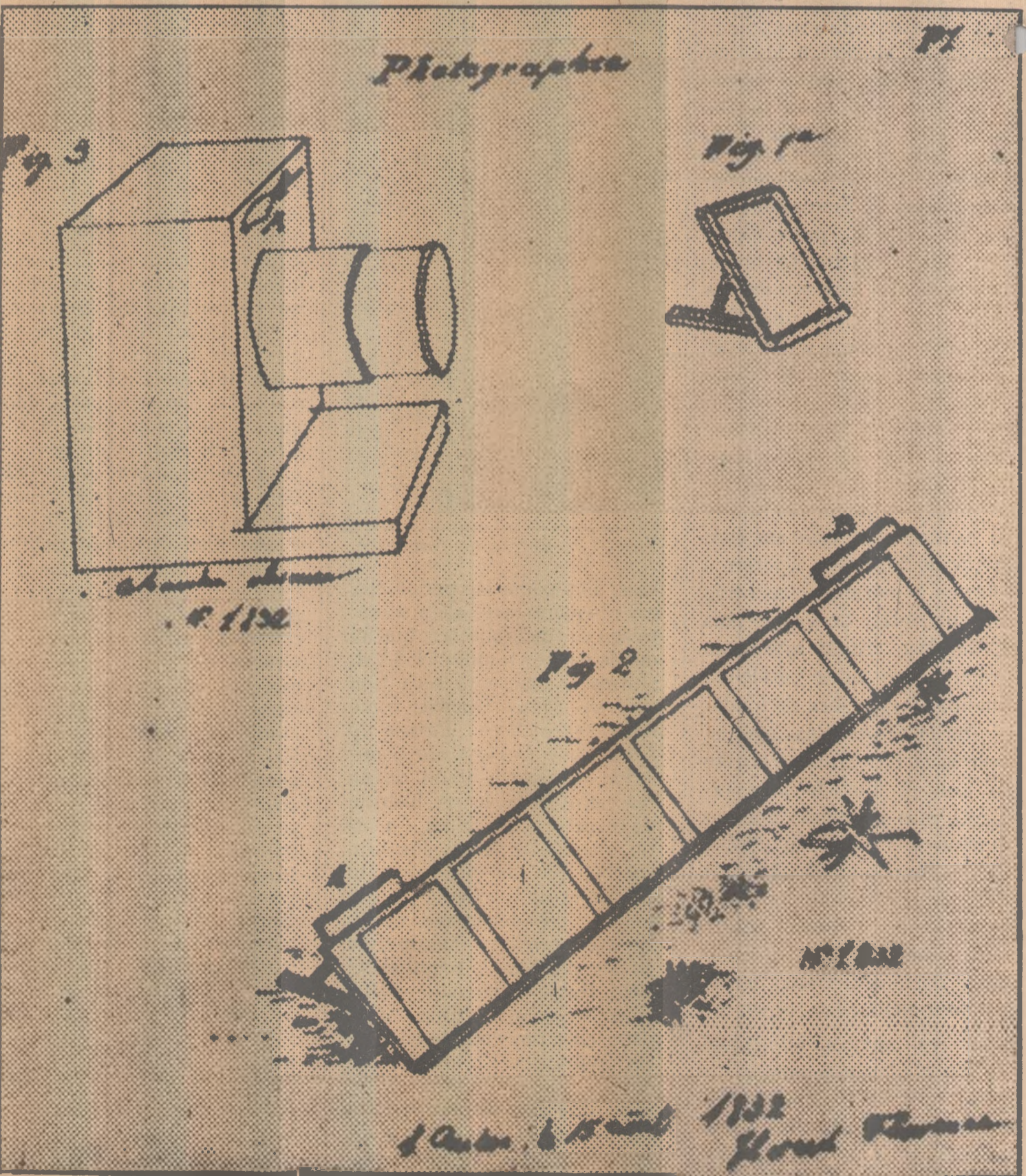
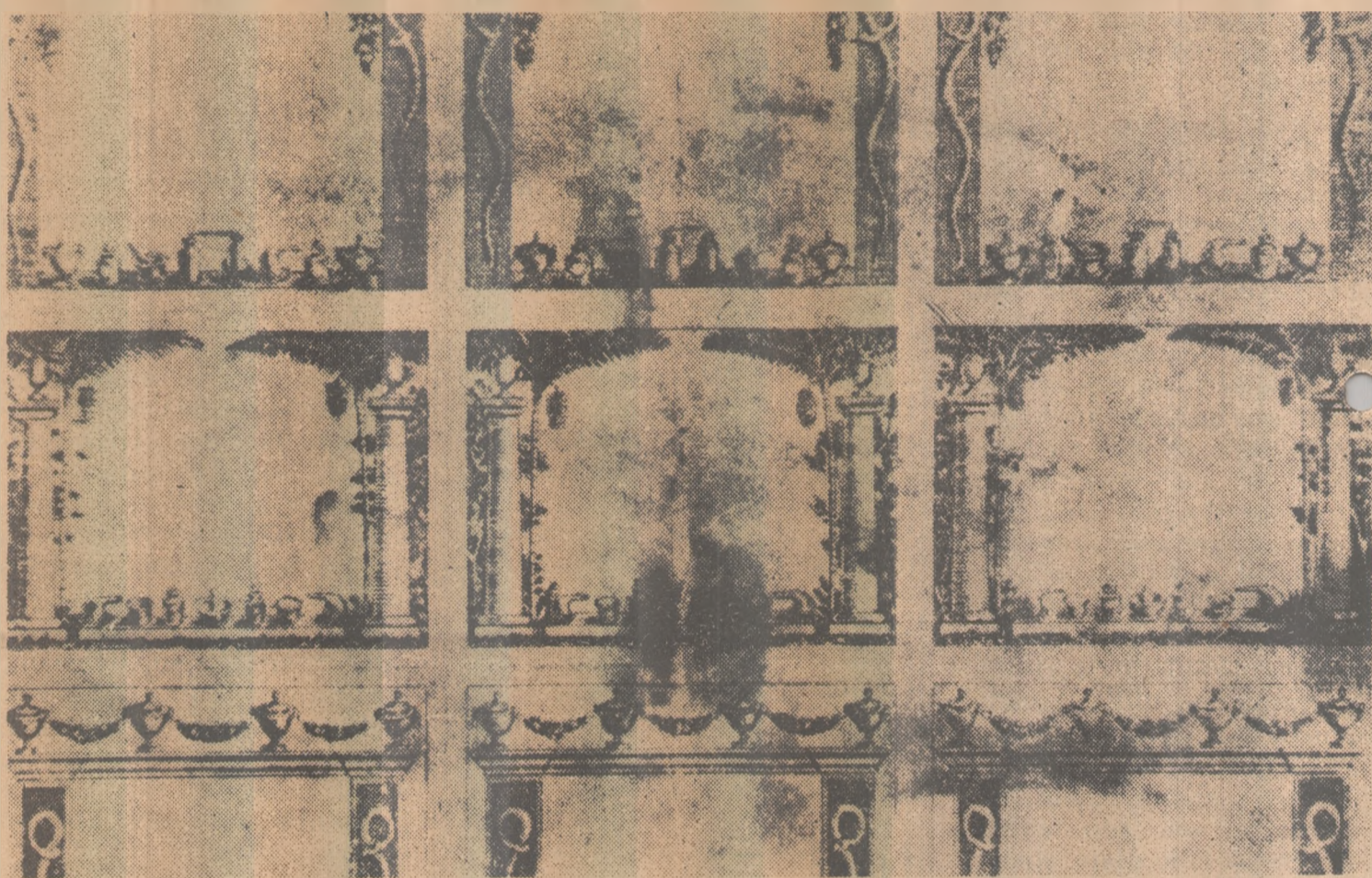
Quando Hércules Florence ficou perplexo diante do seu processo de "fixar imagens na camara escura", a que denominou de *photographie*, por sugestão do Quinzinho da Botica - ou melhor, o seu amigo e farmacêutico Joaquim Correia de Melo - não poderia supor que estivesse diante da base da fotografia moderna: o negativo-positivo. E o que é mais surpreendente: esta descoberta, que antecede à do francês Louis Daguerre, ocorreu na isolada Vila de São Carlos (hoje Campinas), no dia 15 de janeiro de 1833.

PHOTOGRAPHIE

Apesar do sotaque uma invenção brasileira



As duas únicas fotografias de Hercules Florence que foram preservadas



Depois de 148 anos de tão fantástico acontecimento, o pesquisador Boris Kossoy apresenta e documenta a descoberta de Hércules Florence, provocando espanto em especialistas mundiais que consideram que "esta é a maior novidade em mais de 100 anos de história da fotografia". A *photographie* brasileira levou Boris Kossoy - autor de uma monografia sobre Hércules Florence e o seu invento - a várias universidades norte-americanas, a proferir dezenas de palestras e a solicitar inúmeras entrevistas com historiadores. Esta "cruzada" pela verdade histórica sobre as origens da fotografia já começa a ter resultados: técnicos do Rochester Institution of Tecnological estão reconstituindo todo o processo da descoberta de Hércules Florence e, em outubro, Kossoy será a principal atração do Simpósio Internacional de Fotografia em Rochester, durante o qual apresentará provas documentais de manuscritos, desenhos e croquis, além das duas únicas fotografias tiradas por Florence e que resistiram ao tempo.

Como provas irrefutáveis do pioneirismo de Hércules Florence, o pesquisador relaciona, por exemplo, a criação do nome *photographie*, que surgiu em 1832 por sugestão do farmacêutico Correia de Melo, quando se sabe que essa denominação é, historicamente, atribuída ao inglês John Erschell somente em 1839. Outra prova é o uso do negativo-positivo, enquanto a placa do daguerreótipo permitia apenas uma cópia, ao que se acrescenta a constatação de que o negativo-positivo é uma invenção de Fox Talbot, posterior a 1834 e aperfeiçoada somente em 1839. E já em 1833, Florence em sua casa da obscura Vila de São Carlos, afastada dos grandes centros e sem conhecimento de outras experiências europeias, revelava e fixava, utilizando a urina como substância fixadora de imagens.

A comprovação de seus experimentos está preservada em manuscritos, atualmente de posse de seu bisneto Arnaldo Machado Florence e que foram colocados à disposição de Boris Kossoy nos quatro anos que se dedicou à pesquisa, assessorado por outro parente de Florence, Francisco Machado que traduziu parte das mil páginas do texto em francês.

Hércules Florence usava dois métodos de *photographie*: um com a camara fotográfica e da qual existem registros de várias experiências, como a imagem da janela de Florence ou da cadeia da Vila, e o outro, bastante semelhante ao da atual "copiadeira", devidamente registrado pela fotografia de um diploma da maçonaria e outra sobre os rótulos de farmácia. Escurecendo uma placa de vidro com uma lâmpada de querosene, Florence desenhava-a com uma ponta de metal, transformando a placa numa matriz. Em seguida, aplicava ao vidro uma moldura e aparador. Na camara escura, emulsionava-lhe nitrato de prata - também sugestão do farmacêutico Quinzinho da Botica - passando depois, a exposição da luz solar. O resultado era uma cópia de contato da placa com aquela que fracara o desenho.

"Apesar da importância dos registros e da existência de duas fotos de Florence - esclarece Boris Kossoy - passei a buscar outras fontes de pesquisa para, de fato, comprovar a veracidade do invento".

E encontrou, "um dado muito forte": em 1837, o Príncipe de Joinville - filho do Rei Luiz Felipe, da França e futuro marido da irmã de Dom Pedro I, Dona Francisca - recebeu do diretor da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, Félix Taunay, uma *Photographie* de um índio bororó. Boris Kossoy encontrou a confirmação desse presente. Em declarações prestadas a jornais da época, embora desconheça o seu destino atual.

Hércules Florence era dotado de uma versatilidade espantosa: fez estudo de Astronomia; elaborou novos sinais stenográficos, chegando a criar o que chamou de *Z. No. 1*, estudo sobre as vozes de animais do interior brasileiro, uma inovação que incorporou à sua *Polygraphie*.

Quem folhear extenso manuscrito de Florence *L'Amidées Arts Livre a Lui Même ou Recherches et Découvertes sur Différents Sujets Nouveaux* - uma compilação de seus inventos e do relato da viagem científica da expedição Langsdorff, na qual atuou como segundo desenhista, encontrará a semente de suas fotografias.

Iconografias primorosamente lapidadas a nanquim, revelam um traço vigoroso e perfeição de detalhes, a semelhança do atual hiper-realismo

nas artes plásticas, como nas aguadas *Tempestades Avancando Sobre o Salto Augusto do Rio Tietê* ou *Cortadores de Arvores para Construção de Barcos*. Hércules Florence já denunciando o seu "olho fotográfico."

Nascido em Nice, na França, no ano de 1804, aportou no rio de Janeiro, com 20 anos. Dois anos depois, parte com a expedição científica do Barão Langsdorff, servindo como desenhista desde Porto Feliz, na então Província de São Paulo até Belém do Pará.

Casando-se com Maria Angélica Machado, filha de um hospedeiro de Porto Feliz - também um estudioso perdido no interior brasileiro - fixa residência em Vila de São Carlos, ocupando-se em escrever sua avulsos viagens e compilar farto material iconográfico.

Sobre a falta de comunicação da Vila de São Carlos, Hércules Florence desabafava em seu diário no dia 15 de março de 1834: "Se eu estivesse em Paris, lá encontraria pessoas que me escutam. O público, que é o verdadeiro protetor do talento me recompensaria, estou certo, dos meus sacrifícios. Mas aqui não vejo ninguém a quem eu possa comunicar as minhas idéias. Os que poderiam me ouvir só pensam nas suas especulações e na política."

Apesar do clima pouco propício, prosseguiu em suas experiências. Ao saber, da invenção de Daguerre, através de um viajante na cidade de Itu, mostrou-se desiludido, escrevendo em seu diário: "A fotografia é a maravilha do século. Eu também já tinha colocado as bases, tinha previsto essa arte em sua plenitude. Realizei-a antes do processo de Daguerre, mas eu trabalhei no exílio. Imprimi pelo sol sete anos antes que se falasse em fotografia. Já tinha lhe dado esse nome, entretanto, a Daguerre, todas as honrarias".

O *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, edição de 29 de dezembro de 1839, publicava uma declaração de Hércules Florence, que ressaltava "uma mesma idéia pode vir a duas pessoas e sempre achei precariedade nos fatos que eu alcançava e a cada um o que lhe é devido.

Hoje, os parentes de Florence mantêm a mesma postura do seu antepassado em não querer reivindicar-lhe a invenção da fotografia. Apenas insistem na sua primazia, como "um dos pioneiros". Arnaldo Machado Florence, o bisneto, conserva todos os seus manuscritos e desenhos em sua casa em Campinas e enfatiza: "Hércules teve somente a primazia de ter usado o nitrato de prata e a adoção do nome."

Mas a importância de Hércules Florence, está agora cuidadosamente preservada pelo pesquisador Boris Kossoy, que sentença "quem quiser aprender fotografia deve voltar ao século XIX."

"Inventei a fotografia: fixe as imagens na camara obscura, inventei a poligrafia, a impressão simultânea das cores, novos sinais stenográficos, comecei a fazer uma coleção de estudos do céu com muitas observações novas. Minhas descobertas estão comigo, sepultadas no olvido, meu talento, minhas vigílias, meus sacrifícios são estéréis para os outros. Não tenho o auxílio das artes que se encontram nas grandes cidades para aperfeiçoar qualquer das minhas descobertas que poderiam, talvez, mudar minha sorte, ser útil à sociedade. Se eu estivesse em Paris, lá encontraria pessoas que me escutariam", escreveria Florence em seu diário.



LETRAS

Carlos Romero

A IMORTALIDADE DE EDILBERTO

Escritor a nível nacional, saído daqui menino, eis que volta o nosso Edilberto Coutinho, para, desta vez, receber o diploma da imortalidade acadêmica, em solenidade culturalmente expressiva.

Esse casamento de Edilberto com a imortalidade teve como madrinha de apresentação - e que apresentação! - a doutora Elisabeth Marinheiro, primeira mulher imortal da Paraíba, cuja palavra não esqueceu os paradigmas e os sintagmas.

Edilberto sentou-se na cadeira deixada pelo nosso Juarez Batista, representando, na ocasião, pela dedicada e inteligente companheira Lígia e o filho.

O patrono da 39, nosso doce Zé Lins, esteve presente no verbo edilberteano, muito precavido contra os tediosos bocejos. Dai sua curteza. Curteza que nada perdeu em beleza.

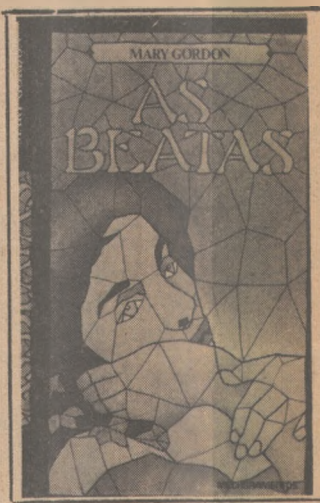
A Elisabeth, rainha de nome e de letras, reafirmou, mais uma vez, seu fôlego de escafandrista estruturalista, suas suaves patinações nos tecidos narrativos, revelando, assim, sua experiência e sua ciência da marinheira de muitas viagens. É o caso de bradar aqui: - Salve Rainha da Vila da Rainha, o saber é contigo!

Não tivemos a presidir os imortais trabalhos, o nosso Dom Afonso de olhos azuis, mas Eugê-

nio, o jovem poeta de cabelos brancos, genial criador e declamador de quadrinhas.

O Governador Clóvis, como não poderia deixar de acontecer, esqueceu o PDS e outros problemas, para ver de perto o primo, afilhado e conterrâneo imortalizando-se nas letras paraibanas para alegria e orgulho dos bananeirenses.

E para terminar, vejamos esta fatia do nutritivo bolo elisabeteano convidando o menino de Bananeiras para o reino da imortalidade: "Queira ocupar as cadeiras onde, outrora, sentaram seu tio-avô, Adolfo Cirne e seu próprio pai, o florista Francisco Coutinho Filho".



AS NOVIDADES DAS LIVRARIAS

Fogo Morto no Vestibular mineiro. Dois livros da Editora José Olympio serão adotados no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais: *Sagarana*, de Guimarães Rosa e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. O concurso será em janeiro de 83 e espera-se cerca de 30 mil candidatos.

E por falar em Zé Lins, a José Olympio está lançando a edição comemorativa dos cinquenta anos de *Menino de Engenho*.

ÁFRICA O POVO

De Carlos Comitini, a Achiamé está lançando *África O Povo*. Segundo o autor "é impossível analisar fatos políticos sem saber quais os fenômenos que os originam; quais os atores dessa grande obra que está sendo ensaiada; o ressurgir africano (troçado em miúdos, quais os povos que lutam por alcançar a verdadeira e definitiva independência".

A EXTINTA CIVILIZAÇÃO DOS JUDEUS

A Editora Francisco Alves está lançando de Isaac Bashevis Singer - *A Família Moskat*, que mereceu o Prêmio Louis Lamed. O tema do romance é a extinta civilização dos judeus da Europa Oriental. O verdadeiro herói da história é a civilização que desapareceu nas câmaras de gás durante a Segunda Guerra Mundial.

O BATÍSMO DO TRABALHO

O *Batismo do Trabalho*, que tem como subtítulo "Experiência de Lindolfo Collor", é um lançamento da Civilização.

Este livro acrescenta mais um título à nova historiografia brasileira. Sua autora, Rosa Maria Barboza de Araújo, dedica-se com humildade e paciência ao trabalho exaustivo, mas gratificante, de pesquisar efetivamente como se passou um certo evento mais ou menos recente da história nacional. Este evento é a criação do Ministério do Trabalho e as políticas originadas durante a curta gestão de seu primeiro-ministro: Lindolfo Collor.

A PAIXÃO DO PODER

A *Record* está lançando *A Paixão do Poder*, de Arelo Sederberg. É a história de três jovens executivos que lutam pelo posto mais alto de um enorme conglomerado multinacional - o máximo em matéria de poder e prestígio. É uma guerra sem quartel, onde só um poderá sobreviver. Cada um procura provar que a mulher do outro é uma tarada sexual.

A Paixão do Poder é livro impressionante e de um realismo feroz.

HISTÓRIA DE CINCO MULHERES

A *Melhoramentos* lança *As Beatas*, de Mary Gordon, a história de cinco mulheres que se tornam amigas íntimas devido à devoção comum a um dinâmico sacerdote. História engraçada, provocante e comovente.

O escritor Waldemir Miranda escreve ao colonista

O escritor médico e acadêmico Waldemir Miranda, atualmente na presidência da Academia Pernambucana de Letras, endereçou ao colonista a seguinte mensagem: *Caro Carlos Romero*: - Sua nota em "A União", a propósito de minha posse na Presidência da Academia Pernambucana de Letras, é mais

OS LIVROS MAIS VENDIDOS

Na Livro 7, na Visconde de Peletos, segundo informa o gerente Samuel Costa, os livros mais vendidos, na última semana, foram:

- 1 - *Prisioneiro Sem Nome, Cela Sem Número* - Jacob Timersuram - Codecri
- 2 - *Aqui e agora* - François Mitterrand - Nova Fronteira
- 3 - *Discursos Parlamentares* - Carlos Lacerda - Nova Fronteira
- 4 - *O Partido* - Moisés Vinhas - Hucitec
- 5 - *A Economia Política da Crise* - Ma. da Conceição Tavares
- 6 - *Se me deixam falar* - Moema Viezzer - Global
- 7 - *Educação A Revolução Que Não Foi Feita* - Antonio Rafael de Menezes
- 8 - *1964. A Conquista do Estado* - Dreifuss - Vozes
- 9 - *A guerra do fim do mundo* - Mario Vargas Llosa - Francisco Alves
- 10 - *As Flores do Mal* - Baudelaire - São Paulo.

um gesto de cortesia a que me sinto cativo. Cativo como amigo e cativo como admirador devoto, além de leitor de Letras. Efusivamente

Waldemir Miranda

Retrato Verdídico do Povo Brasileiro

O livro *Maracanã, Adeus* do escritor Edilberto Coutinho, será, lançado, nestes dias, pela José Olympio, em 3ª edição.

Trata-se de uma coletânea de contos, que mereceu o Prêmio Nacional Afonso Arinos. Alceu Amoroso Lima, a propósito de *Maracanã, Adeus* onze histórias de futebol, salientou, em seu parecer o seguinte: "O autor, de nome já consagrado como ficcionista, não só conhece de perto esse mundo típico do nosso esporte nacional mais representativo, através de seus diversos aspectos, mas nos dá, com esses contos, um amplo e verídico retrato do povo brasileiro".

Escritor paraibano lança livro no Rio

O escritor paraibano Paulo Conserva lançou, no dia 15 do mês último, o seu livro *A Revolução de Mugiqui*, que tem como subtítulo: "Retalhos da Memória Sertaneja".

O lançamento se deu no restaurante La Gondola, em Copacabana.

Paulo Conserva virá agora em junho a João Pessoa, onde fará lançamento de seu livro, possivelmente, na Livro 7, depois viajará até Itaporanga, sua terra natal, onde participará das festividades da Semana Universitária, naquela cidade do sertão paraibano.

A Revolução de Mugiqui é um livro que reflete a realidade sertaneja. O prefaciador é Francisco Julião e a editora a Codecri.

AGENDA DO COLUNISTA

1 - O poeta Celso Novaes está com os originais de seu próximo livro prontos. Trata-se de uma coletânea de poesias. E o título é: SUPERFICIE DO LESTE.

O discurso de recepção da professora Elisabeth Marinheiro ao acadêmico Edilberto Coutinho, na APL, noite de 28 de maio último, foi, como se esperava, de alto nível. Exige publicação o mais depressa possível.

O Sinfonismo na Paraíba. Eis a próxima pesquisa do musicólogo Domingos de Azevedo Ribeiro. A obra conta toda a história do sinfonismo na Paraíba, desde a fundação de um Clube Sinfônico, na primeira década deste século, passando pela *Orquestra Sinfônica da Paraíba*, fundada no dia 4 de novembro de 1945, (fase amadorista) até a fase profissional, que é a de hoje.

Correspondência: Carlos Romero

- Av.N.S. dos Navegantes, 792

- Tambau-João Pessoa-Pb -

Telefone: 226.1061

CHICO FERREIRA

Um trabalho com tinta de impressão

• Texto de NANÁ GARCEZ

• Fotos de ANTONIO DAVID



Francisco Ferreira, ou simplesmente Chico, como é mais conhecido é o nome de um novo artista plástico cujos trabalhos, feitos com tinta de impressão, começam a aparecer na Paraíba e em outros Estados. Ele tinha apenas 8 anos de idade, quando deixou a sua cidade natal (Catolé do Rocha), com seus pais, para vir morar em João Pessoa pela mesma razão de todos os retirantes: à procura de melhores condições de vida e oportunidade de trabalho.



á dois anos atrás, quando trabalhava no setor de Circulação do *Correio da Paraíba*, jornal que era impresso a chumbo, Chico começou a brincar de pintar em papel com as tintas de impressão usadas para tirar a prova com o chumbo da matriz.

Por questões sentimentais resolveu isolar-se completamente do mundo, e dedicou-se ao novo passa-tempo, de tal forma que a brincadeira transformou-se numa atividade importante levada à frente com muita seriedade.

Criou coragem e expôs os seus trabalhos à crítica de gente ligadas às artes plásticas, como a professora Isa Plá e outras pessoas da Oficina D'Arte, das quais recebeu orientações e estímulos.

A partir de então, a pintura deixou de ser para Chico Ferreira um simples passa-tempo. Procurou desenvolver mais e mais as suas habilidades, e conseguiu fazer a sua primeira exposição no ano passado, em sua cidade natal, Catolé do Rocha, durante a Semana Universitária, que se realiza normalmente no mês de junho.

Por mais de um ano ele continuou pintando com o rolo em preto-e-branco, usando as mesmas tintas de impressão de jornal, e papel. Mas em fevereiro o pintor Marcos Pinto, que estava em João Pessoa por ocasião do Festival de Artes de Areia, o visitou e recomendou o uso de telas, chegando mesmo a lhe dar duas para que fizesse uma experiência, observando os resultados do trabalho.



Chico, de cabeça prá cima

• Agnaldo Almeida

Um dia, visitando uma exposição em Campina Grande, aproximei-me de um grupo de senhoras para ouvir o que uma delas dizia sobre a pintura que estava à sua frente. Elegante e vestida, de óculos enorme e penteado mantido à base de laquê, ela explicava qual tinha sido a intenção do autor do quadro ao distribuir cores tão vivas sobre a tela.

Tratava-se de uma pintura moderna e, na verdade, eu não estava entendendo absolutamente nada. Nada mais correto, então, do que beber naquela fonte o que a minha pouca inteligência não fora capaz de decifrar.

Ocorre que a exposição ainda não fora oficialmente aberta e nem todos os quadros estavam em seus devidos lugares. O próprio pintor passava de um lado para o outro, arrumando as coisas, dando or-

dens ao pessoal de apoio para colocar bem os quadros nos stands.

Estava, pois já começando a acreditar nas palavras daquela madame quando, em meio às suas explicações, fomos surpreendidos pelo pintor que ainda pode ouvir o final da explicação: "Este quadro - dizia a senhora - retrata a busca intensa que o ser humano faz para encontrar-se consigo mesmo".

Depois de pedir licença, o autor da obra de arte aproximou-se do quadro, ajustou-o na parede e dirigindo-se a todos nós disse rápido: "Desculpem, é que ele estava de cabeça para baixo".

Eu ri e sai de mansinho, meio envergonhado. Mas, desde aquele dia aprendi a calar a boca diante de uma pintura moderna. Não seria pois agora que iria tentar descobrir intenções, desejos e mensagens contidas nos quadros de um pintor.

Com Mercedes Cavalcanti, ele aprendeu a técnica de fabricar em casa as próprias telas, que são caras se compradas no comércio.

Os temas de seus quadros eram mais regionais, embora tivessem caricaturas e animais. Aconselhado por Marcos Pinto, ele passou a desenvolver caricaturas e perfis, e figuras que transpareciam os sentimentos através do olhar.

Nem tudo são flores, e Chico Ferreira fez algumas denúncias sobre o que acontece no pequeno mercado de arte da Paraíba, contando as dificuldades que enfrenta.

Na Galeria Gamela, por exemplo, ele disse que o acesso é muito difícil, porque os quadros, para serem expostos, têm que passar pelo conselho, que é composto por um grupo de artistas que já dominam o mercado de arte local, e não têm interesse que novos valores apareçam.

- Hoje, eu não tenho mais vontade de expor na Gamela - diz Chico - lembrando que quando apresentou os seus quadros apenas recebeu desestímulo de seus membros, mas não desistiu da pintura porque sempre que mostrava os seus trabalhos a outras pessoas, estas não só gostavam como também compravam.

A sua esperança é que o Espaço Cultural dê acesso a novos valores, pois é difícil continuar pintando sem conseguir penetrar no mercado local. Além da satisfação que o artista tem em ver o seu quadro apreciado, a remuneração é importante porque todo o material de pintura é caro. Por isso, Chico Ferreira acha que a Secretaria de Educação e Cultura, como um órgão público mais ligado à questão deveria dar "um maior incentivo aos principiantes no campo das artes".

No caso, porém, o pintor é meu amigo. E Chico, o que veio de Catolé do Rocha e que, sem dinheiro mas com vontade de pintar, começou a inventar técnicas que hoje já começam a fazer estilo. Usa rolos, tinta de impressão e outras coisas que acabam dando às suas pinturas uma característica inconfundível.

Na primeira vez em que vi seus quadros, não disse nada. Lembrei-me daquela senhora e perguntei se nenhum deles estava de cabeça para baixo. Ele me respondeu que não e eu arrisquei: "E, são muito bonitos".

Foi tudo o que eu, até hoje, pude dizer de seus trabalhos: são quadros bonitos que eu gostaria de ter na parede de minha casa. Mesmo sem saber o que significam. Ou se significam.

Tem nada não: qual quer dia eu crio coragem e pergunto a ele o que diabo querem dizer aquelas cores vivas, intensamente vivas, sobre as suas telas.

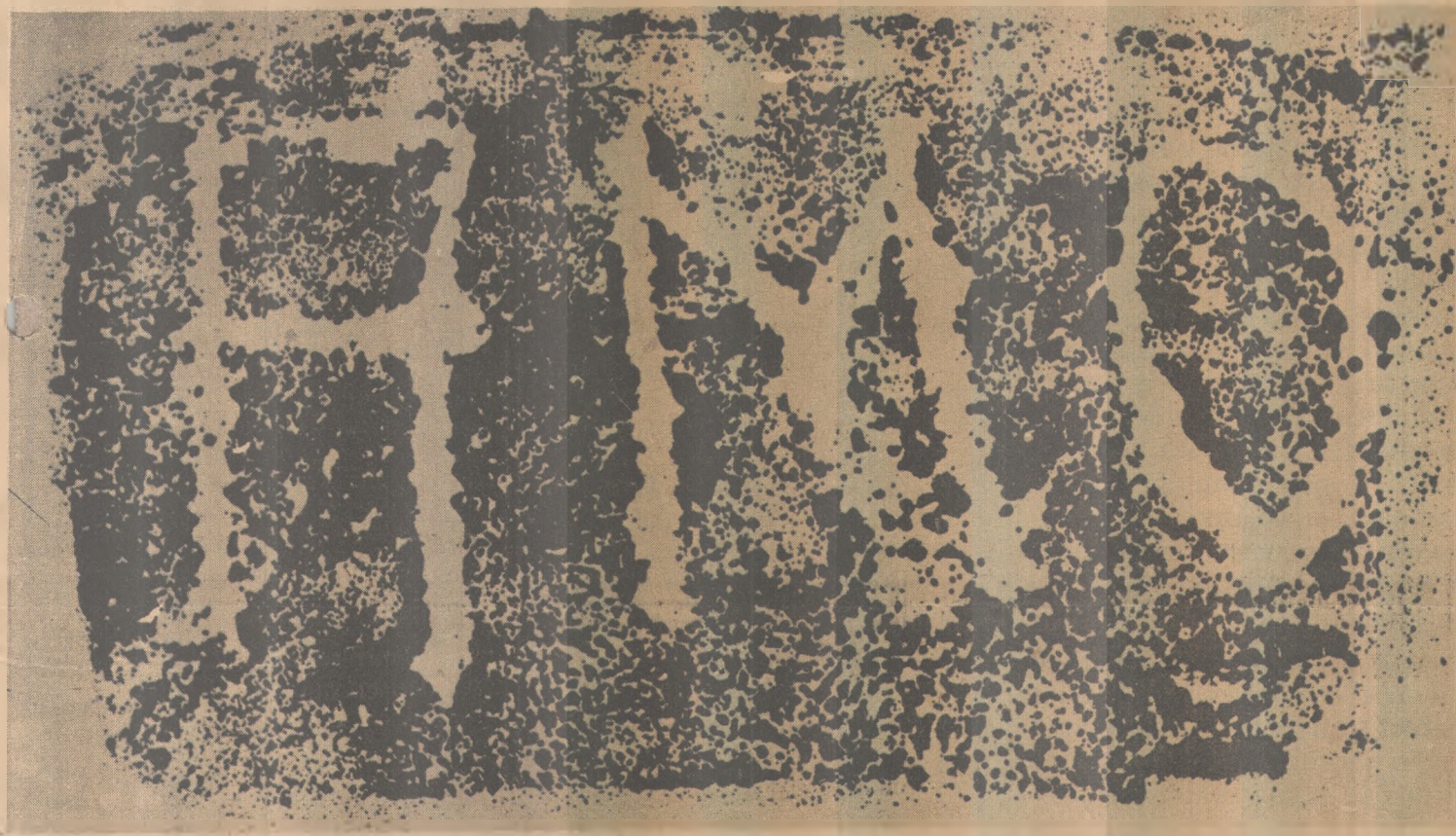
A PARTIR DE 4ª FEIRA NO NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

AS NOVAS IMPRESSÕES DOS IRMÃOS APRÍGIO E FREDERICO

A partir de 4ª feira, o Núcleo de Arte Contemporânea estará mostrando o trabalho dos irmãos Aprígio e Frederico, *Impressões das Calçadas de Olinda*. Esta exposição continua, de certa forma, a série *Olinda no NAC*, iniciada com a mostra de Bajado e dos trabalhos da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda.

Aprígio e Frederico nasceram em Pernambuco, mas residiram em João Pessoa entre 71 e 74. Expuseram na Galeria José Américo, do Teatro Santa Roza, e na Galeria Aquarius, que existia aqui em 1972.

Aprígio fez sua primeira exposição individual na Galeria do Mercado da Ribeira, em Olinda, em 1973. Participou de várias mostras coletivas importantes,



como I Exposição de Arte Latina, e individuais como *Que Viva Canudos*. São conhecidas suas séries *Bajado*, *Padre Henrique*, *Papafigo*, *Maruim*, *Magistrado*, e o *Encontro de Vaçora com o Magistrado*.

Aprígio recebeu vários prêmios em salões e concursos, sendo os mais importantes: Primeiro Prêmio de Desenho do XXX Salão Pernambucano, Aquisição do I Salão Nacional de Artes Plásticas, Prêmio Souza Cruz do XXXIV Salão Pernambucano, Aquisição do XXXV Salão Paranaense.

Frederico participou do I Salão de Arte Global de Pernambuco, mantém atelier em São Paulo, lecionou pintura e desenho no Museu de Arte de Campina Grande (1975) e foi premiado no II Salão de Arte Global de Pernambuco com aquisição. Manteve, com o irmão Aprígio, o Atelier 58, na avenida João Machado, em João Pessoa.

A mostra *Impressões das Calçadas de Olinda* estará exposta na sede do NAC, à Rua das Trincheiras, 275, no horário de 8 às 22 horas, de 2ª a 6ª feira.

CADA DOMINGO

Palhaço de Loja

JOSÉ LEITE GUERRA

Já se vê que esse palhaço não é mocinho. Olhem como a tinta da maquiagem entope suas rugas! E, no entanto, dança. Ao som do forró, balança. E dá umbigada na boneca mole, inanimada, flexível, presa pelos seus braços de uma musculatura debilitada.

Um palhaço, não sei se já de circo, algum circo que o tempo consumiu. O suor molhando as listas vermelhas e amarelas de seu casaco. A gravata, como a de todo palhaço, amarrotada e de nó mal dado.

Os transeuntes param. Apenas param e olham. Nem sorriem. Também não há graça nenhuma em ver um palhaço velho saracoteando uma boneca de pano entre os tabuleiros da loja e tecidos.

Só quem ri é ele: banguela, um riso de cratera, um buraco que se abre sobre o queixo. E um gargarejo, um chiado de bronquite mal curada. Ele ri de si mesmo. É lugar comum dizer que os palhaços escondem num riso o choro embutido na alma.

Talvez o palhaço de loja não fuja a essa lei. Se foi de circo relembra a criança a sacudir-lhe petecas de saco de pipoca, a negrada, se despedaçando em gaitada. Uma graça. Se não foi de circo, nem tem vocação para arte, então é desastroso.

Foi assim que pensei: ele deixou em casa a família esperando pelo dinheiro a ser ganho nessas macaquices comerciais. Um forçar a barra, um representar sem vontade só pela retribuição do final do dia.

Sim, senhores, é assim que vejo o palhaço que dança o forró com aquela boneca de pano mal feita, barriguda, com peitos de algodão. Um palhaço de si mesmo. Que finge ser o que não é, nem nunca desejou ser. Por isso, ninguém ri. Alguns passam, param, olham, mas não esboçam sequer uma dentadura.

Quando terminar o dia, e a loja cerrar as portas, ele sairá em direção ao ponto do ônibus. Vestindo roupa comum, comprará o pão na padaria mais próxima. E com o pão quente, cheirando dentro do embrulho, se amarrotará entre os passageiros, alguns deles pessoas que o viram dançando e não acharam graça.

O palhaço de loja estará sério, muito sisudo e descontente por ter de repetir, no dia seguinte, o forró com a boneca de pano, cujo nome ora esqueço mas que poderá até chamar-se Chiquinha.

Assim, será, durante toda a noite, um homem sem rouge ou tinta na cara, sem máscara, deitado sobre o duro colchão de sua realidade. Uma realidade que nem o fingir-se palhaço consegue desfazer porque sua vocação é outra. Bem outra. Talvez a de trabalhar num escritório ou ser doutor. Mas nunca pode estudar, ou não se importou com estudo, pensou que a malandragem sustentaria sua vida.

Terminará como palhaço, até quando, combalido pela idade, não conseguir enganar a si mesmo, nem aos outros. Então tirará a peruca negra e saltará a cabeleira branca, despenteada. A partir daí, nem palhaço de loja será...

A texturologia das calçadas de Olinda

MONTEZ MAGNO

Leonardo da Vinci, no sec. XVI, ficou encantado ao descobrir nos muros e paredes de Florença, todo um mundo de impressões e sugestões advindo da textura e das manchas neles existentes. Não sei se era hábito dos florentinos rabiscar desenhos e grafismos nos muros e nas calçadas, mas é possível que sim porque essa prática é inerente ao ser humano desde priscas eras e porque é próprio do homem registrar através de traços e desenhos, em superfícies as mais diversas, seus pensamentos e sentimentos.

Em várias cidades do mundo, com certeza, encontrar-se-ão em seus muros e em suas calçadas esses registros que os irmãos Aprígio e Frederico recolheram das calçadas de Olinda, não sendo, portanto, apanágio desta última a existência de grafismos. No entanto, o mérito desses dois irmãos artistas consiste em que eles documentaram de forma mais completa o micro universo dos desenhos existentes nas calçadas de Olinda.

Eles poderiam ter ampliado a sua documentação incluindo também o grafismo dos muros, que criaria o confronto entre os planos horizontais (calçadas) e os planos verticais (muros), suportes nos quais se encontram tais desenhos.

Poderiam também pura e simplesmente fotografar a sua pesquisa mas tal processo provavelmente não teria a força e a pureza que tem as gravuras monotípicas por eles realizadas, que contêm algo do que Jean Dubuffet chamava de *art brut* na sua espontaneidade e simplicidade aparentes.

Esses trabalhos são fruto da observação atenta de dois transeuntes cujos olhos se dispuseram a "varrer" o chão por onde pisaram, detectando nas calçadas de cimento (material este já conhecido dos romanos,

digam-se de passagem) uma série de acontecimentos registrados em signos e escrituras feitas por anônimos.

Ao olhar atento desses dois artistas e de outras pessoas que possivelmente perceberam a riqueza signíca (e, por vezes, simbólica) que se estende horizontalmente aos nossos pés, podemos contrapor uma situação inversa, a do transeunte ausente e alienado dessa realidade.

O nosso hábito visual de olharmos mais ao nível da nossa própria cabeça, um pouco acima ou um pouco abaixo às vezes, é talvez uma consequência do nosso comportamento psicológico e sociológico, um condicionamento da rotina e da retina. É verdade que não podemos exigir que todos andem sempre de olhos voltados para o chão, como tamarandás à cata de formigas, como também seria estranho que centenas ou milhares de pessoas ficassem de olhos voltados para o céu, como no quadro surrealista *L'attente*, de Richard Oelze.

Mas, o olhar atento, daqueles que sabem ver e não simplesmente olhar se dispõe a flagrar qualquer realidade, seja em que nível for. Dessa forma, Aprígio e Frederico, como outros já o fizeram, flagram com acuidade o mundo de referências signícas paralelo e situado aos seus pés.

Porém, além de o flagrarem também o registraram o que, em suma, se transformou no registro de registros.

Os registros impressos em cimento nas calçadas de Olinda, principalmente, serviram para que os dois artistas deles se utilizassem como matrizes de seus trabalhos, grafismos e desenhos executados por berrassos desconhecidas, sob os mais diversos humores e intenções.

Quase diria que Frederico e Aprígio funcionaram como verdadeiros arqueólogos do contemporâneo, se tal expressão não fosse tão contraditória apesar de me ser sim-

pática. Seria melhor, talvez, dizer, para não ferir os ouvidos acadêmicos e bem comportados, que eles, os artistas aqui em foco, realizaram um trabalho de historiografia visual de registros recentes.

Podemos detectar nos trabalhos de Aprígio e Frederico algumas referências oportunas: as suas gravuras (no sentido mais amplo) são predominantemente texturais e têm alguma conotação com as obras dos chamados "pintores de matéria", pertencentes à época do informalismo abstrato, tais como Tapiés, Cuixart, Tharrats, Vilacasa, Mier, todos da quarta escola barcelonesa, que situa entre décadas de 50 e 60, e mais com a obra do francês Fautrier. Tal conotação não é forçada nem gratuita, por Aprígio e Frederico são grandes admiradores de Tapiés e da mencionada escola barcelonesa e, possivelmente, de Fautrier. Por acaso, ou aleatoriamente, o material recolhido por eles se ajusta a essa observação, que me parece procedente.

O conjunto das gravuras ou registros tem muito a ver também com as pinturas e incisões gravadas sobre rochas realizadas pelos homens pré-históricos em diferentes regiões do mundo, inclusive as que se encontram na Paraíba, no Piauí, em Minas Gerais e São Paulo.

Foi realizado uma espécie de mapeamento monotípico das calçadas de Olinda, o que, sem dúvida, além do valor artístico, histórico e documental, nos leva a pensar que também se trata de um trabalho sociológico, já que os desenhos, os textos, os signos, os símbolos e grafismos texturais recolhidos constituem um excelente material de estudo para a semiologia, a psicologia e as ciências sociais.

Um dado curioso é a existência, muitas vezes, da escrita especular, ou invertida, que nos remete a Leonardo da Vinci e Lewis Carroll, ambos cultores desse tipo lúdico de in-

versão escritural. Por sinal, os próprios Frederico e Aprígio, costumam realizar, vez por outra, este sistema especular de escrita em seus quadros a óleo, criando uma inversão da imagem, como um negativo.

Há também a registrar aqui o aspecto hieroglífico desses trabalhos, quando alguns signos e grafismos se tornam de difícil leitura e interpretação, invertendo e abstratizando o processo de comunicação.

A textura do material (cimento) transportada para o papel, tornando-se gravura, cria um distanciamento interessante em consequência da granulação obtida e do efeito causado pelo contraste do preto-e-branco, parecendo ao espectador, por vezes, estar apreciando grandes superfícies topográficas arenosas vistas do alto.

O microcosmo dos signos implantados nos desenhos das calçadas amplia-se através da fragmentação granular dando a ilusão às vezes de constelações estelares com seu desenho transformado em grandes trajetórias.

Assim, a poética adstrita a um espaço limitado e inferiorizado pelo uso se transmuda em poética de grande transcendência, confirmando que a arte se caracteriza especialmente por seu poder alquímico de transmutação e não pelas falsas e fáceis pirotécias tão a gosto dos pseudo-artistas.

Por último, vale a pena dizer que nos trabalhos dos talentosos artistas Aprígio e Frederico, realiza-se uma incursão no território da natureza artificial, em contraposição à natureza natural, pois que esses trabalhos são baseados em outros trabalhos já realizados pelo próprio homem em seu habitat urbano. Aqui o *homo fabens* se une ao *homo ludens* e provoca e cria em seu próprio ambiente, artificialmente, ou seja, com os artifícios do seu fazer, uma nova realidade com características especificamente suas.

REINALDO

Um craque injustiçado

Quando a bola rolar no próximo dia 14 de junho, no estádio Sanchez Pizjuan, um jogador certamente não estará presente na equipe brasileira, no jogo de estreia do Brasil, contra a União Soviética. Trata-se do centroavante Reinaldo, do Atlético Mineiro, depois de Tostão, o melhor atacante a vestir a camisa 9 da Seleção Brasileira e que, por ironia do destino, foi afastado da equipe por motivos ainda não discutidos.

Reinaldo, um dos principais responsáveis pela classificação do Brasil para Copa do Mundo, quando marcou um golazo contra a Bolívia, em La Paz, garantindo a presença do time brasileiro na Espanha, nem sequer foi incluído na relação dos 40 que foi enviada à Fifa pelo departamento de futebol da CBF. Este fato foi para o jogador a maior frustração em toda a sua carreira, pois, se não merecia estar entre os 22 que amanhã viajam à Espanha procedentes de Portugal, pelo menos deveria estar na outra lista.

O treinador Telê Santana não quis comentar os motivos que o levaram a não relacionar o centroavante do Atlético Mineiro, apenas afirmando que chamou os melhores no momento. Segundo o médico Neylor Lasmar, da Seleção e do Atlético Mineiro o motivo da não convocação de Reinaldo foi devido a problemas técnicos, pois, clinicamente considerava o jogador curado. Mas aí vem a pergunta: Será que se Sócrates, Zico ou Falcão estivessem nas mesmas condições o treinador teria coragem de não relacioná-los sequer entre os 40 inscritos?

Creio que o caso de Reinaldo foi uma dura injustiça e a prova está aí: o jogador participou normalmente do Torneio dos Campeões e se não realizou excelentes atuações, não chegou a decepcionar, marcando gols decisivos. Todos sabem e conhecem o potencial técnico do jogador e tenho certeza que se ele fosse incluído no grupo,



A saudável alegria pelo gol

com o passar do tempo poderia recuperar a sua melhor forma.

NA ARGENTINA

Apesar de não ter feito uma boa apresentação na Copa de 78, na Argentina quando todo o time comandado pelo falecido Cláudio Coutinho fracassou, Reinaldo voltou ao Brasil consciente disso e com muita luta conseguiu se recuperar das más atuações no Mundial. Dos centroavantes que passaram pela Seleção Brasileira depois da conquista do tricampeonato no México, o craque do Atlético Mineiro foi o mais completo.

Vários jogadores vestiram a camisa nove da Seleção e não resolveram o problema do ataque, entre eles César, do Vasco hoje na Espanha; Nunes, do Flamengo, Baltazar, do Grêmio, Roberto, do Vasco e do Sport Recife; Serginho, do São Paulo e Careca, do Guarani. Estes atacantes tiveram participações de ruim para regular no escrete e somente os dois últimos, mesmo sem convencerem foram os preferidos de Telê Santana.

Texto de
GERALDO VARELA



Os dribles curtos e secos fizeram de Reinaldo um dos melhores jogadores brasileiros na última década. Mas insistentes contusões foram aos poucos tirando o craque de cena. Ele passava vários dias sem jogar e quando voltava aos gramados aparecia sempre um novo problema. Reinaldo não se sente satisfeito hoje em dia no Atlético, pois além da frustração da Seleção Brasileira, o clube contratou outro jogador para a posição, o atacante Bira, do Internacional de Porto Alegre.

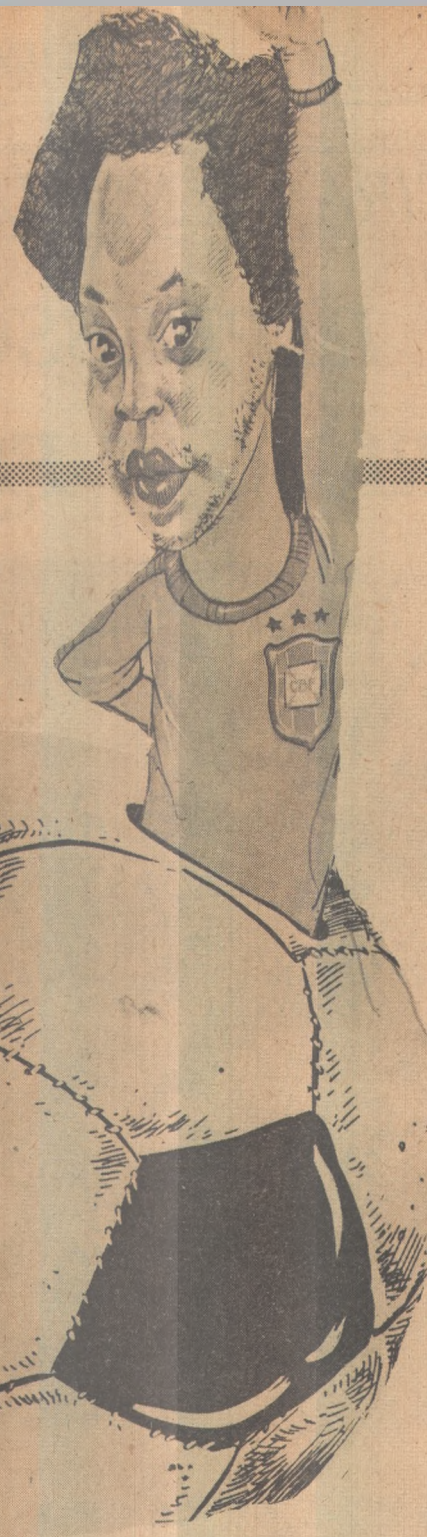
Com isso, o craque ficou ameaçado e o treinador Carlos Alberto Silva resolveu convencer o jogador que a vinda de Bira não traria maiores consequências e que ele podia muito bem jogar ao lado dele, só que agora Reinaldo vem jogando mais recuado, fora de suas características. O próprio atleta reconhece que não se sente bem atuando nesta função, mas para evitar problemas com Carlos Alberto decidiu colaborar.

LUGAR NO TIME

Quando a Seleção Brasileira treinava ainda no Brasil, e num coletivo realizado na Vila Olímpica, o jogador não escondia a sua tristeza pela forma como foi afastado do time de Telê Santana e perguntado por um repórter se não sentia mágoas do técnico ele respondeu: "Não guardo mágoas de ninguém na Seleção, mas acho que poderia estar entre os relacionados".

Bichado...Bichado...ôôôô
Bichado...Bichado...ôôôô
Este foi o coro que Reinaldo ouviu pela torcida do Flamengo na final do Campeonato Brasileiro de 80, quando o Atlético perdeu para o rubro-negro por 3 a 2, tendo o centroavante do Galo marcado os dois gols do time mineiro. Para Reinaldo aquele dia foi um dos mais tristes, pois ele não admitia de maneira alguma a perda do título.

Naquela partida decisiva, Reinaldo mostrou mesmo contundido que podia ser útil a qualquer equipe e mesmo a torcida do Flamengo o pichando de bichado, ele ainda a desafiou marcando o segundo gol, aquela altura o do empate, calando mais de 100 mil rubro-negros presentes ao Maracanã. Mais tarde, o atacante era expulso e morria finalmente as últimas chances do Atlético conquistar a Taça de Ouro.



do jogador ter ser envolvido em questões políticas, pois, comentou-se na capital mineira que ele havia se filiado ao PT no início do semestre passado. Mas afora esses problemas, surgiram também os boatos de que o craque mineiro estaria se envolvendo com homossexualismo, numa das mais terríveis calúnias criadas em tornos do atacante.

O último jogo que Reinaldo disputou pela Seleção Brasileira foi na excursão que o time comandado por Telê Santana fez à Europa no final do primeiro semestre do ano passado, contra a França, no Parc de Princes, na vitória de 3 a 1 sobre os franceses, com o atacante marcando o segundo gol da equipe no 1º tempo. Antes ele havia participado da partida em Wembley, diante da Inglaterra.

Reinaldo não imaginava que ao ser substituído por Cé-



Quando joga contra o Cruzeiro tradicional adversário em Belo Horizonte, é que Reinaldo costuma exibir todo o preciosismo que vibra as arquibancadas e gerais do Maracanã

Para Reinaldo aquela humilhação da torcida do Flamengo foi um fato marcante na sua vida, mas não chegou a abalar tanto como a sua exclusão da Seleção Brasileira e ele lamenta que não tenha tido sorte como outros craques que foram preparados para serem lançados, como o caso de Zico que teve vários problemas físicos, mas que com um trabalho dos mais eficientes do departamento do clube, hoje é um jogador que pouco se contunde e dá muitas alegrias a sua equipe.

Com isso, Reinaldo afirma que faltou um pouco de paciência e que seu lançamento foi premeditado, cedo demais. Ele acha que se tivesse um tratamento intensivo, o qual foi submetido Zico estaria hoje em perfeitas condições físicas, mas acredita que este trabalho poderia ter sido feito este ano, se realmente os dirigentes da Seleção Brasileira tivessem interesse em contar com o jogador na Copa do Mundo.

A POLÍTICA

Outro problema, que influiu decisivamente na desconvoação de Reinaldo foi o fato

de sar (ex-Vasco) aos 18 minutos do segundo tempo, que estava encerrando a sua participação na Seleção Brasileira que seguiu para a Espanha, pois na última partida da excursão contra a Alemanha em Stuttgart, o jogador mineiro não ficou sequer no banco de reservas, pois foi afastado por contusão.

O atacante mineiro no comando de Telê Santana jogou 11 vezes pela Seleção e marcou 8 gols, sendo o terceiro artilheiro da equipe, pois Zico com 23 e Sócrates com 11 foram os dois primeiros.

Reinaldo espera que a Seleção Brasileira faça uma bela campanha na Espanha e traga o caneco, pois, mesmo não estando no grupo, garante que vai torcer bastante para que o Brasil conquiste o tetracampeonato tão sonhado. "Agora não adianta mais nada. Tudo foi apenas um sonho e infelizmente acabou. Mas quem sabe, se na Colômbia não terei uma nova chance, afinal ainda terei idade para disputar outra Copa do Mundo", disse o atleta.



Em sua casa, aos 25 anos, Reinaldo ainda não acostumou-se ao fato de não ter sido convocado

Fundador:
Edson Régis
* 27-Maio-1949

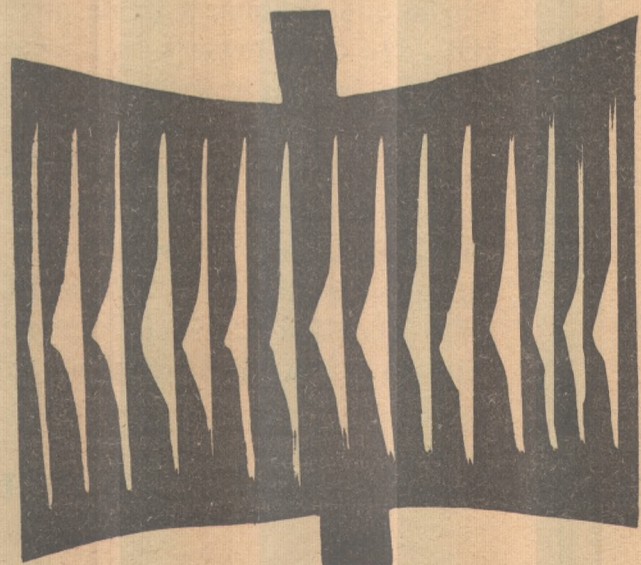
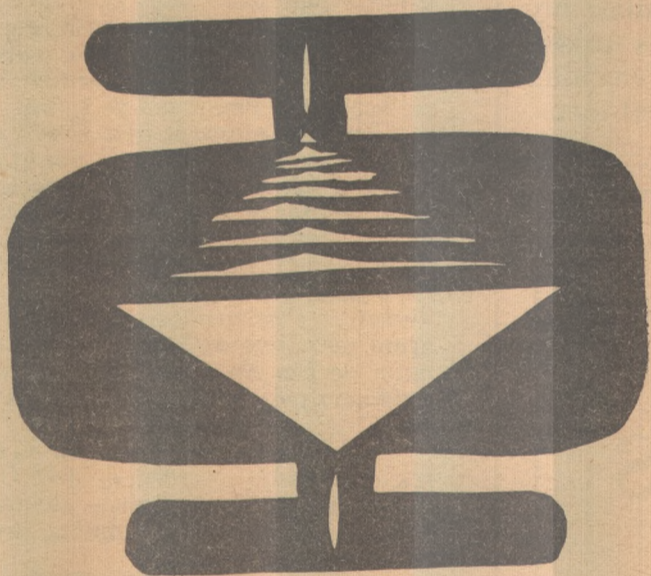
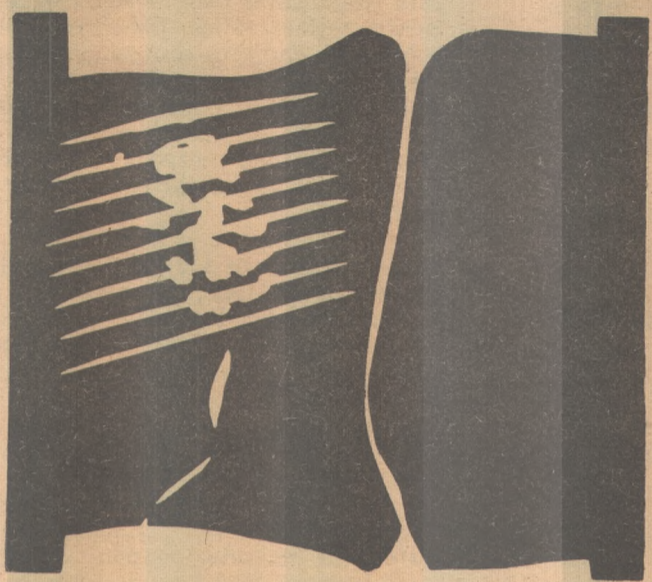
Correio das Artes

Suplemento
quinzenal
de A UNIÃO

NOVA FASE

João Pessoa, 6 de junho de 1982

Nº 173



SOBRE O GRUPO SANHAUÁ

• Marcos Vinicius

“(...) Sanhauá, por tudo isso, valeu a pena. Porque atualizou a poesia paraibana, colocando-a em bases contemporâneas, livrando-a de ficar a reboque de movimentos já extintos. Porque refletiu, como nenhum outro movimento poético da província nos últimos 30 anos, talvez, um determinado momento histórico. Porque foi uma resposta dada pela criação à pobreza de recursos. Porque buscou novos públicos para a poesia, tirando os poemas dos livros e levando-os para exposições e mostras. Porque levou o debate sobre poesia para escolas, faculdades, teatros, etc. Porque, em nível provinciano, instaurou

uma nova postura em relação à atividade literária. Porque colocou na rua quase 15 títulos, quando era precaríssimo o nosso movimento editorial. Porque quis inovar. Porque buscou as bases para uma poética nordestina de vanguarda. Porque colocou a poesia em blue-jeans. Porque buscou, a partir de sua inquietação, a expressividade em outras áreas de criação, além da poesia. Valeu a pena, sim. Pelos contos de Ponce. Pelo “Show Show Pavão”, meu e de Biu. Pelo trabalho de Anco como homem de teatro. Pelas experiências em prosa de Sérgio de Castro Pinto. Pela fecunda dramaturgia de Marcos Tavares. Pelo pioneirismo editorial de Marcos dos Anjos (“Uisque para mim e cerveja

para os meninos!”). Pela experiência que me proporcionou a garra necessária para enfrentar um trabalho dentro da música popular brasileira e do teatro. E também pelos bate-papos noturnos no Ponto de Cem Réis. Pelas noitadas na Bambu e esticadas à casa de Berta. Pelas discussões “no cano do Liceu”. Pelo fato de sermos “a marcária”. Pela briga que nunca houve - com o Grupo Caravela. Pela Revista “Couro”. Pelos amigos todos. Pelo salpico do mundo, a poeira que ficou.

Valeu a pena por tudo.

* Fragmento do prefácio à *Antologia Poética do Grupo Sanhauá*, do qual Marcus dos Anjos, recentemente falecido, foi o seu principal mentor.

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR

Sérgio de Castro Pinto

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almeida
Walter Galvão
Wilson Brunel Meller
Sérgio de Castro Pinto
Carlos Antônio Aranha
Anco Márcio

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr\$ 350,00
Outros Estados
Cr\$ 400,00

AOS LEITORES

Uma falha no setor responsável pela finalização gráfica deste suplemento ocasionou um adiantamento no número da edição que circulou a 22 de novembro de 1981. Na capa deveria constar o número 160 mas foi impresso como 162. Portanto esclarecemos: *inexistem os números 160 e 161*. O mesmo ocorreu à edição do dia 9 de maio de 1982 que circulou com a numeração 175 quando a correta seria 171. Na quinzena seguinte, o CORREIO DAS ARTES corrigiu a sequência imprimindo o de número 172. A edição de hoje é a de número 173.

O EDITOR

NESTE NÚMERO

Faleceu, sexta-feira atrasada, vítima de acidente automobilístico, o poeta Marcos dos Anjos, espécie de líder, de mentor intelectual do Grupo Sanhauá, movimento poético que se instaurou em João Pessoa no início da década de 60, mais exatamente em 1963, com a publicação de *Alguns Gestos*, de sua autoria.

Mas além de poeta, Marcos dos Anjos foi também responsável pelo desencadeamento do movimento mimeográfico paraibano, pois, graças à publicação de livros com feição essencialmente artesanal, inclusive com capas de papel-de-embrulhar-carne, pôde o Grupo Sanhauá colocar em circulação autores como Ponce de Leon, Marcus Vinicius, Antônio Serafim, Anco Márcio, Marcos Tavares e Sérgio de Castro Pinto, autores até então inéditos em livro.

Neste número, o *Correio das Artes* publica poemas de Marcos dos Anjos, todos eles insertos em *Alguns Gestos* (1963) que, a exemplo dos livros posteriormente lançados pelas *Edições Sanhauá*, assumiu plenamente a idéia do artesanato editorial, ainda mais porque representou o “primeiro passo do rompimento com a ‘aura’ do livro-enquanto-produto”. Alia-se à homenagem que ora prestamos a Marcos dos Anjos, o também poeta Eulajose Dias de Araújo.

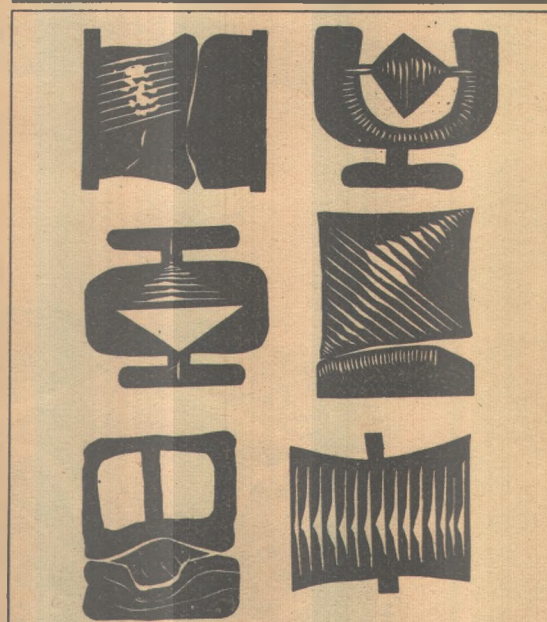
O mais novo membro da Academia Paraibana de Letras é o escritor Edilberto Coutinho que, na sexta-feira passada, ocupou a cadeira que tem como patrono José Lins do Rêgo. Substituindo ao ensaísta Juarez da Gama Batista, Edilberto Coutinho foi saudado pela Professora Elizabeth Marinho que, na oportunidade, enfocou a obra do ficcionista paraibano. Mas além do discurso de saudação da Professora Elizabeth Marinho, publicamos, também neste número, o discurso de posse de Edilberto Coutinho por ocasião do seu ingresso na Academia Paraibana de Letras.

Embora inserto no livro *Em Nome da Vida*, recentemente lançado pela *Editora Civilização Brasileira*, publicamos o poema *Silêncio Um, o do Universo* de Moacyr Félix. É que, segundo Moacyr Félix, embora publicado em livro, todo e qualquer texto é sempre passivo de modificações, assim o autor o deseje, assim o texto o esteja a exigir. Neste número, o *Correio das Artes* publica a versão talvez agora definitiva de *Silêncio Um, o do universo*, do autor de *Em Nome da Vida*, livro recentemente premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Colaboram, neste exemplar do *Correio das Artes*, José Pedro Nicodemos, José Octávio, Magna Celi Meira de Souza, Leticia Tavares Cavalcanti e Antonio Cardoso. Leia, também, as seções *Registro e Novos*.

• O EDITOR

Correio das Artes



Capa de Unhandejara Lisboa

A propósito de João de Lyra Tavares, há que considerar a convergência de duas facetas na sua personalidade: a do homem público e a do historiador, ou seja, a do participante da história objetivamente considerada e a do seu intérprete.

Descendente da linhagem dos Albuquerque, tronco de quase todas as famílias nordestinas, João de Lyra Tavares nasceu em Goiana, município de Pernambuco, aos 23 de novembro de 1871. Dentre os seus ascendentes notáveis, distingue-se a figura de um Antonio Borges da Fonseca, autor da *Nobiliarquia Pernambucana*, como, indo mais longe, se encontrará a do não menos notável capitão-mor João Tavares, ligado à conquista e à fundação da Capitania Real da Paraíba, da qual se fez o primeiro governador.

Dos reveses econômico-financeiros sofridos pelos seus pais e avós, senhores de engenho em Goiana, surgiu-lhes a idéia de tentarem melhor vida no Rio Grande do Norte, para onde se deslocaram, levando para Macaíba o nosso futuro historiador, aos três anos de idade. Ali faria ele o seu curso primário. E, atingida a adolescência, era levado a Natal, onde se iniciaria nos estudos humanísticos, matriculado no ginásio oficial.

Mas cedo teve de interromper e encerrar a sua formação escolar, porque passara a trabalhar aos treze anos de idade. Os estudos sistemáticos cediam assim lugar à formação do autodidata, que então começa.

A iniciação nos trabalhos do comércio fê-lo percorrer uma gama de funções que foi do caixeiro ao guarda-livros. A esse respeito, vale a pena abrir aqui um parêntese, para lembrar uma tradição de origem portuguesa, que se instalou nos tempos coloniais e subsistiu até o início da II República: a de fazer da casa comercial uma escola de trabalho físico e intelectual ao mesmo tempo.

É verdade que nela muitos mourejavam pobremente a vida inteira, como simples trabalhadores do balcão. Grupo bem menor, entretanto, transitava de caixeiro-vassoura a interessado nos lucros, sócio, e finalmente comerciante. Mais reduzido era, porém, o terceiro grupo, isto é, o dos caixeiros que passavam das primeiras letras e das quatro operações aritméticas às técnicas contábeis do guarda-livros, quando não destas às letras.

Numa visão culturalista da evolução da vida brasileira, não há como esquecer esse aspecto da paisagem social urbana, não omitido pela Constituição de 1824, quando dispôs, no seu art. 92, inciso 3º, que estavam excetuados da proibição de votar "os guarda-livros e primeiros caixeiros das casas de comércio".

A literatura brasileira, por sua vez, recolheu na novelística a ação típica do guarda-livros, com sua posição definida na classe média do urbanismo brasileiro. Na verdade, o seu trabalho não se limitava à função contabilizadora dos atuais escritórios que o substituíram. Ele ia de casa em casa de comércio, assistindo, muitas vezes, ao balanço anual das firmas comerciais de sua clientela, verificando-lhes os lucros e perdas, diagnosticando-lhes os males econômico-financeiros e aconselhando-lhes medidas revitalizadoras. Recordando-se, ainda, os aprimorados tipos de caligrafia peculiares à profissão. Guardadas as devidas proporções, o status do guarda-livros no passado brasileiro se assemelhava ao do médico de família, também desaparecido na voragem da complexidade da vida moderna. Também desaparecido está o amanuense das repartições públicas, muito bem perfilado no romance de Ciro dos Anjos.

A digressão ora feita é de todo pertinente ao tema deste trabalho, até porque, segundo depoimento do ilustre escritor Ministro João Lyra Filho, seu pai sempre se considerou um guarda-livros.

Para dedicar-se a essas atividades mercantis é que deixou o Rio Grande do Norte aos 24 anos de idade, já iniciado também no pensamento político, empolgado, desde a adolescência, com a campanha abolicionista e republicana de Pedro Velho Albuquerque Maranhão, fundador da República naquele Estado.

Durante os sete anos que passou no Recife, pôde revigorar a sua formação intelectual, colaborando na imprensa local. De lá veio à Paraíba, para dirigir uma filial da firma em que trabalhava. Acabaria tentando aqui o comércio por conta própria, no que, porém, não foi feliz.

Nela era muito forte o fascínio das coisas do espírito, que nem sempre se harmonizam com o império das coisas prosaicas. O seu fracasso como comerciante apressou-lhe o ingresso no serviço público e nas duas prestigiosas instituições do ensino médio na Paraíba: o Liceu e a Escola Normal, no primeiro ensinando Contabilidade, e, nesta, História e Geografia. A partir daí se integraria nas lides da inteligência. E, particularmente, nas de historiador.

LYRA TAVARES, HISTORIADOR E HOMEM PÚBLICO

• JOSÉ PEDRO
NICODEMOS •

Para isso muito contribuiu o ambiente cultural nas duas primeiras décadas deste século. A esse respeito, vale assinalar que, quando escrevi uma "Introdução às Datas e Notas de Irineu Pinto", para a sua reedição pela Universidade Federal da Paraíba, reprodução fac-similada da edição de 1908, tive oportunidade de ressaltar a excelência do meio intelectual desta cidade naquela fase da vida republicana. Havia, realmente, uma floreação de valores, que não deixou sem continuidade o talentoso trabalho de Irineu Joffily, que publicara, em 1892, as suas *Notas sobre a Paraíba*. Realmente, a ele se seguiram valores do porte de Maximiano Machado, Irineu Pinto, Coriolano de Medeiros e Tavares Cavalcante, entre outros. Esse entusiasmo pela pesquisa e pela publicação de verdadeiros trabalhos-fontes iria prosseguir logo depois com Celso Mariz e José Américo de Almeida, para só falar da década de vinte, dentre os que souberam engrandecer a historiografia paraibana e brasileira, como fez Lyra Tavares. Em meio a essas reflexões ali tecidas, lembrava eu um fator que muito contribuiu então, como ainda hoje, para o desenvolvimento da nossa historiografia - O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que abrigava quantos revelassem pendor para as letras históricas.

Volumosa foi a contribuição historiográfica de Lyra Tavares, transpondo mesmo os limites provinciais. Mas, inegavelmente, são duas as obras em que imprimiu mais forte a marca de sua vocação de pesquisador e historiógrafo: *Apontamentos para a História Territorial da Paraíba* e *A Paraíba*, cada uma delas editada em dois volumes e ambas publicadas em 1909.

De fato, não são obras de pensamento, em que através de suas páginas se pudessem apreciar criticamente as idéias políticas e filosóficas do seu Autor, reveladas mais tarde na sua atuação no Senado. Trata-se, todavia, de duas obras de referência e de consulta obrigatória, mesmo por profissionais de outros ofícios. Exemplo disso é o que me ocorreu quando advogava em Mamanguape. Precisando de ajuizar uma ação divisória e demarcatória, recorri a um dos cartórios para cientificar-me dos contornos das terras que tinham o mesmo nome da propriedade das quotas ideais ou *pro-indiviso* do meu constituinte. O velho escrivão puxou da estante os *Apontamentos* de Lyra Tavares e me mostrou a origem sesmarial das terras demarcadas.

Desse modo, quando sugeri à Universidade Federal da Paraíba a reedição dessa obra para a qual o dr. João Lyra Filho e eu chegamos a escrever introduções necessárias, senti que dois motivos lhe dificultavam a execução editorial: de um lado, a despesa, por ser volumosa; e de outro, a alegação do reduzido mercado consumidor, pelo fato de não se tratar de história fática e interpretativa, cuja leitura pudesse interessar a todos.

Os *Apontamentos para a História Territorial da Paraíba* se constituem, pois, numa obra referencial, numa fonte para historiadores e pesquisadores estaduais e regionais no tocante à localização e distribuição das sesmarias, algumas das quais originadoras de povoados, freguesias, vilas, e cidades. No estudo introdutório a que acima aludi, vali-me de Capistrano de Abreu, que, analisando Varnhagen, mostrava a necessidade de "monografias conscienciosas" para esclarecimento de "pontos obscuros do passado". Reclamava que sobre a história das sesmarias ninguém se atrevera a tocar ainda. E era difícil que alguém o fizesse naquela época



Ministro João Lyra forneceu os dados biográficos

ca de tanta omissão acerca de nossa história territorial. A ponto de os melhores compêndios didáticos ressaltarem muito o aspecto feudal das capitanias, difundindo o conceito errôneo de considerá-las, no seu todo, como propriedades particulares dos capitães donatários, jamais explicando que estes, como representantes da Coroa, tinham o dever de distribuir sesmarias, além das terras particularmente doadas nas escrituras aos titulares das capitanias. Esse ensino deficiente responde pela ignorância, por parte da maioria de universitários, do que se deve entender por sesmaria.

Ao espírito prático do autodidata, que foi Lyra Tavares, afigurou-se significativo preencher essa lacuna. E o fez com seriedade, continuando a obra de Irineu Joffily. Do Catálogo Geral do Arquivo Público, de quinze volumes, onde não encontrou ordem cronológica, copiou os registros de 1138 sesmarias, a partir de 10 de janeiro de 1586 até 21 de fevereiro de 1824. Somente isso lhe emprestaria um lugar de destaque na historiografia paraibana. Mas não parou aí. Examine-se a estrutura desse trabalho.

O primeiro volume está dividido em três partes: 1) Sesmarias e Sesmarias da Capitania da Paraíba; 2) Leis e decisões do Governo Nacional sobre terras públicas; 3) Registro geral de terras, de conformidade com o Regulamento de 30 de janeiro de 1854.

Na primeira parte do I volume, antes de transcrever os registros de sesmarias paraibanas, ocupou-se em conceituar o instituto das sesmarias, reparando uma falha da historiografia geral do Brasil, que ele, como professor, conhecia e contra a qual já reclamara Capistrano. Fez então, com mais de meio século de antecedência, quase o mesmo que o historiador Costa Porto, que publicou em 1965, pela Imprensa Universitária de Pernambuco, a monografia intitulada *Estudo sobre o Sistema Sesmarial*. Antes disso, em 1954 e 1955, a preocupação com esse assunto levava a Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, através de sua Biblioteca Pública, a divulgar, na íntegra, cartas de doação de sesmarias pernambucanas, sob o título de *Documentação Histórica Pernambucana - Sesmarias - 2 volumes*.

A publicação desses documentos ensinou o esclarecimento de questões interessantes na história do vizinho Estado, tal como a vinda de capitães paulistas para lutarem contra os Palmares, um deles André Furtado de Mendonça.

A segunda parte desse volume de Lyra Tavares é dedicada às leis e decisões do governo nacional sobre terras públicas, desde a de n. 601, de 18 de setembro de 1850, "a primeira lei pátria sobre terras", que proibiu "as aquisições de terras devolutas" por outro título que não o de compra. A tudo isso se somam as considerações sobre conceito e evolução das terras de marinha, com a transcrição de avisos, portarias, decretos e ordens.

Ainda há um assunto referente à área jurídica, o texto do Decreto 451 B, de 31 de maio de 1890, que estabeleceu o registro de transcrição de imóveis pelo Sistema Torrens, posteriormente substituído pelo regime alemão de transmissão imobiliária adotado pelo legislador do nosso Código Civil.

O segundo volume está estruturado em três partes: 1) 955 registros de terras; 2) registro de cinco sesmarias pesquisadas em cartórios públicos; e 3) a última parte da obra, que consiste numa informação geral sobre militares que passaram pela Capitania da Paraíba, sem nenhuma conexão com o sistema fundiário, seu tema central. A conclusão a tirar da análise desses dois volumes é a de que não se trata de livro de interesse do grande público consumidor. Mas, na verdade, de trabalho de consulta, de referência, de estudo, destinado a pesquisadores do nosso passado histórico, bem como a quantos tenham necessidade cultural de conhecê-lo.

A segunda obra, em ordem de importância, é *A Paraíba*, monografia geográfica e histórica, a um só tempo. Não é livro de interpretação erudita. Ao contrário disso, dentro do seu pragmatismo, se destinava, isto sim, ao grande público. É história e geografia descritiva, que procura, ao mesmo tempo, satisfazer a curiosidade do estudioso e do leitor comum.

Dividida em dois volumes, no primeiro se encontram notas históricas sobre o Estado da Paraíba e uma notícia sintética, de natureza geográfica, a respeito de seus limites, orografia, potamografia, memórias, relatórios e cartas de técnicos sobre a Paraíba.

Do II volume constam informações de geografia política e histórica, começando pela divisão administrativa do Estado. Nele se incluem também história, geografia e estatística dos 39 municípios em que se dividia então o território estadual. Percebe-se um interesse com a situação econômico-financeira, a saúde pública, avaliadas pelas estatísticas reveladas em suas páginas. Assim, registrou fatos não muito frequentes na história àquele tempo, mais voltada para eventos político-militares e administrativos. Nesse livro se anotam também dados sobre história eclesiástica. E dele se pode dizer, portanto, que é uma síntese de história geral, mas sem maior profundidade.

É lícito assinalar, pois que Lyra Tavares prestou à historiografia estadual uma contribuição valiosa. Sem preocupação erudita, tão comum ao tempo, escritos com a correção e simplicidade de estilo que o caracterizavam, os trabalhos ora analisados têm a marca do ensaísta que pensou em servir.

Durante a trajetória de sua vida pública, ele se manteve numa postura elevada e digna, fiel à sua cultura e ao seu espírito público. Deputado à Assembléia Legislativa da Paraíba pelo Partido Republicano Conservador, a sua atuação se notabilizou pelos seus trabalhos na Comissão de Finanças. Em 1915, chamado ao Rio Grande do Norte para representar esse Estado no Senado da República, em substituição a Augusto Tavares de Lyra, seu irmão, tornou-se uma figura de prestígio nacional, mercê dos relevantes trabalhos que prestou na Alta Câmara, junto à Comissão de Finanças, velando pelo equilíbrio orçamentário, coerente com os seus princípios de economista, contabilista e fiscalista.

Do depoimento do Ministro João Lyra Filho, de onde colhi os dados biográficos, se depreende que a ação política de João de Lyra Tavares não se limitou ao saneamento das finanças públicas. Pois foi além do liberalismo do seu tempo, apresentando projetos que beneficiavam os modestos funcionários e operários da indústria, visando a limitar a especulação imobiliária através de taxaço progressiva, tudo isso numa fase difícil da questão social, nos últimos anos da I República.

A memória do historiador Lyra Tavares merece, não há negar, a nossa homenagem e respeito, porque ele fez a vida afóra um intelectual e homem de grande mérito.

(Trabalho lido no dia 2 de abril de 1982, na Fundação Paraibana do Livro, da Universidade Federal da Paraíba.)

• José Pedro Nicodemus é professor de História de UFPR.



O COMPROMISSO DO ESCRITOR

• EDILBERTO COUTINHO

Discurso de posse na Academia Paraibana de Letras - Cadeira nº 39, patrono José Lins do Rêgo - em João Pessoa, 28 maio 1982.

Senhores acadêmicos:

Deixai este que chega hoje, para ocupar em vossa Casa a Cadeira nº 39, para a qual o haveis eleito em decisão generosamente unânime - conforme a comunicação oficial do vosso presidente, professor Afonso Pereira - evocar a última vez que viu, em vida, o seu ilustre Patrono.

Participava de um grupo que, de repente - não mais sabe por sugestão de quem - resolveu ir fazer uma matinalta ao escritor e esportista, com a charanga do Flamengo. Do grupo fazia parte o cronista Antônio Maria. Foi pouco mais de meio ano antes da visita da Indesejável das Gentes. Faltou a charanga. Mas foram os amigos à casa de Zé Lins, acalentar-lhe o coração rubro-negro. Cantar-lhe o hino do Flamengo e tomar-lhe o café da manhã.

Lá estava o João Condé, amigo dedicado, datilógrafo e guardião dos manuscritos da obra-prima, *Fogo Morto*. Zé Lins chamou Maria a um canto, dizendo-se preocupadíssimo com a saúde dele. Pediu que moderasse a bebida. Maria prometeu. Juraria, depois, que cumpriu mês sem álcool. Sentira, ao outro - revelou em crônica comovida - como a um pai. Tal o fervor do apelo de Zé Lins.

Falou-se coisa de uma hora sobre assuntos do cotidiano. Sobre a campanha do Flamengo no campeonato daquele ano, sobre televisão, Zé Lins impressionadíssimo com a falta de expressão das moças, que então faziam anúncios, o riso sem nenhuma alegria, o excesso de gestos, a formalidade das mãos.

Pouco depois, em 11 de setembro de 1957, Antônio Maria escreve: "Vem me dizer que o Zé Lins dificilmente sairá dessa. Vou rezar um *Lembrai-vos* de São Bernardo e pedir o milagre".

Não adiantou. Dia seguinte, à 1 hora e 15 minutos morria, tranquilamente, o grande escritor, o paraibano digno, o brasileiro já de circulação planetária, com sua obra traduzida para vários idiomas. A sua cabeceira estavam a esposa, as filhas, os genros, alguns amigos e o médico assistente, Dr. Teobaldo Viana, dedicadíssimo durante os quase três meses de internamento e intensos sofrimentos.

José Lins do Rêgo era uma espécie de denominador comum de homens das mais diferentes tendências e atividades. Assim, às 9 horas da manhã do dia 12, grupos os mais heterogêneos - intelectuais, desportistas, políticos, parlamentares, industriais, simples gente do povo - subiam as escadas da Academia Brasileira de Letras, para o velório. Juscelino Kubitschek de Oliveira, no terno cinza de corte perfeito, ombreava com o crioulo desdentado, exposto na camisa do Flamengo rota em baixo da axila esquerda. Ambos, tristes. Como todos em volta. Era, acima de tudo, o adeus ao homem bom que partia. E, nesse gesto de saudade, uniam-se não apenas os que o conheceram, mas também muitos que apenas o leram ou ouviram falar dele, de seus livros, de suas opiniões, durante a corajosa e útil travessia de 56 anos nessa vida, que tanto amou e tão bem descreveu, sempre temendo a morte.

Coberto com a bandeira do Flamengo, José Lins foi conduzido, às 16 horas, ao Cemitério de São João Batista, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro.

No atestado de óbito, o Dr. Teobaldo Viana anotou, como *causa mortis*: cirrose do fígado, síndrome hepato-renal e acidose urêmica. Palavras que pouco importam, agora. Mas esse médico, que o acompanhou desde o primeiro instante do internamento, no Hospital dos Servidores do Estado, até o desenlace, comentaria depois a "resistência fantástica" do ilustre paciente. Exaltou-o comovido em palavras, estas sim, importantes: "Nordestino de fibra foi o José Lins do Rêgo".

A lembrança que guarda, este que agora desajeitadamente vos fala, é a do homem pleno de vida, amando a vida intensamente, de gestos largos, soltos, cordial e brincalhão - dizendo de si mesmo, num arremedo de bravata mansa, "Com o Zé do Rêgo ninguém pode" - que algumas vezes encontrou, na companhia de alguns dos que mais lhe privaram a intimidade, como Gilberto Freyre, João Condé, Juarez Batista, Odilon Ribeiro Coutinho, José Olympio Pereira - seu editor e companheiro de Maracanã, nas tardes de futebol - e Lúcio Cardoso, o também poderoso romancista, sentindo a admiração mútua que os unia, apesar das diferenças vitais entre um e outro.

Recordar José Lins, senhores acadêmicos, faz ao que agora chega à vossa ilustre companhia, renovar a fé nos valores culturais. Em especial, na utilidade da Literatura; em sua importância, não apenas como simples exercício do chamado prazer estético, mas basicamente - quando a admiramos praticada por um José Lins, com sua arte que mergulha tão profundamente na experiência humana - em seus aspectos mais úteis, determinados pela aproximação que estabelece com o real; em certa medida como que *corrigindo-o*, ao resgatá-lo; enfim, no que tem a ver com o cotidiano de todos nós.

José Lins e Juarez Batista, este outro que será também hoje evocado, louvado com saudade e afeto, admiração e respeito, foram escritores que, no operar literário a que dedicaram o melhor dos esforços, da inteligência e da sensibilidade, confirmariam bem o conceito sartreano de uma arte - Jean-Paul Sartre fala da arte da prosa literária - que nada tem de efêrea, sendo ao contrário utilitária por excelência; e trazendo, necessariamente, no seu conteúdo, uma forma social de compromisso; esse compromisso social a que o escritor não pode falhar, ou não será escritor.

Escritores, como Juarez e como José Lins, foram homens que fizeram da composição das obras literárias, que nos legaram "meio artístico para aprovar ou rechaçar, esteticamente, determinadas tendências da vida", dentro da definição de Lukács que mostra bem, por outro lado, como o aspecto formal (e aqui vai uma lição fecunda para os jovens escritores, ou postulantes a) não estava - esse lado da forma, artisticamente trabalhada - fora, realmente, das cogitações do notável teórico da Literatura, em que pese (pesará, para alguns) a filiação ostensivamente marxista da *praxis* crítica em que militou.

TEMA DE PERMANENTE INTERESSE

Constituiu sempre, a obra de José Lins do Rêgo, para este que agora toma o vosso tempo, tema de agudo, permanente e vital interesse. Era, aquele operar literário do romancista, na verdade, a perfeita ilustração do compromisso do escritor - opondo-se a todas as formas de repressão, a todas as armas de

destruição - assumido da maneira mais completa. Homem sobrecarregado de talento e de sensibilidade, deixa José Lins ver no seu texto - em todos os textos de sua vasta, variada e valiosa obra - a esperança num Brasil, nas palavras de Juarez Batista, "sem ter vergonha do Brasil". Por isto, os seus livros na medida em que são universais, são tão da Paraíba, tão brasileiros. Zé Lins é tão Brasil, que dói. Seu pensamento, exposto não como tese - que romance não é lugar para teses - mas no entretexto da obra de ficção finamente elaborada, é um espelho em que se pode olhar a própria nacionalidade. Claro que em reflexos nem sempre positivos, nada de meufanisms, mas que verdadeiros e reveladores.

A leitura da obra viria, necessariamente, aguçar a curiosidade do jovem leitor, querendo conhecer melhor a extraordinária personalidade humana que a produzira. É normal que tal ocorra ao leitor apaixonado: quando admira grandemente um livro, deseja saber mais sobre o autor. Quer desvendar, se possível, algo daquele espírito sedutoramente instigante, daquele ser de exceção que produziu o objeto estético de sua admiração.

Leu, portanto, este desajeitado que vos fala, todos aqueles livros importantes - *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *Moleque Ricardo*, *Usina*, *Fogo Morto* - ainda na adolescência. Fase em que, um tanto ousadamente, e, por certo, sem maior autocrítica, lançou-se à própria aventura literária, publicando um livrinho de estórias, felizmente curtas, por uma editora de estudantes, no Recife, onde morava. Viu logo, o adolescente atrevido, com enorme satisfação e um certo orgulho, difícil de disfarçar, seu nome associado por Gilberto Freyre ao do autor já de sua tão arraigada, enorme estima e admiração. O ilustre Freyre, em artigo para o vetusto *Diário de Pernambuco*, relacionava algumas semelhanças encontradas nos dois autores: o consagrado e o novo. Ambos, na verdade, nordestinos nascidos na mesma Várzea da Paraíba, quem sabe aparentados, tendo ambos - destaca Freyre - feito a formação socio-cultural prin-

cipalmente no Recife, com os alunos da Faculdade de Direito daquela praça recifense, tão paraibanamente denominada Adolfo Cirne, colaboradores de jornais recifenses e participantes de importantes movimentos culturais na capital pernambucana. José Lins, como sabem todos, um dos mais categorizados representantes do Movimento Regionalista, a seu modo também Modernista, e Universalista, capitaneado por Freyre, por Freyre deflazado no Recife, nos anos 20, com irradiações tão notoriamente positivas para a cultura brasileira até hoje. O outro, o autor adolescente dos anos 50, elaborando suas tentativas de crônica, seus arremedos de conto, que conseguia publicar no suplemento literário do *Diário*, então dirigido por Mauro Mota e que muito positivamente marcou aquele momento. Mauro aglutinou, em seu trabalho editorial, não apenas autores nordestinos, mas de vários Estados brasileiros, em quase todas as regiões do país. Fez aquele suplemento de província ser lido e admirado no Rio de Janeiro, em São Paulo; e numa época em que era ainda mais evidente o colonialismo cultural interno, que ainda hoje determina que se percam no anonimato tantas vocações legítimas por esse Brasil, apenas por não se tornarem nomes divulgados no eixo carioca-paulista. Foi a tal ponto importante a ação do suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, sob o comando de Mauro Mota, que dele se disse haver constituído quase um segundo Movimento Regionalista e, certamente, uma confirmação do primeiro, o de Freyre; certamente, sua continuação e afirmação, nos anos 50. Naquela ricamente movimentado suplemento, estrearam um poeta da categoria de Carlos Pena Filho, um crítico do porte de Eduardo Portella, um ensaísta do nível de Edson Nery da Fonseca, um ficcionista do valor de Osman Lins, para que se fique na enumeração de pouquíssimos entre dezenas de talentos jovens, recrutados por Mauro, cujos trabalhos divulgava, ao lado dos que eram assinados por alguns dos mais consagrados nomes da literatura brasileira da época.

E, entre os colaboradores nordestinos, destacava-se o jovem paraibano Juarez Batista. Havia estreado em livro em 1950, apenas aos 23 anos, com as suas *31 Histórias do arca-da-velha*, seguindo-se, logo no ano seguinte, o surpreendentemente inovador ensaio sociológico e de ecologia urbana, *Caminhos, sombras e ladeiras*. Era um "novo" que surgia já imago escritor; em alta consideração o tinham Gilberto Freyre e Mauro Mota. Este que agora tenta fazer-lhe o justo elogio, o conheceu em casa de Gilberto, encontrando-o muitas vezes na sala de Mauro, na redação do *Diário*. Foi uma amizade jamais abalada. Jamais abalado, o exercício de admiração deste que ainda vos fala, pelo companheiro que já partiu. Juarez e sua fidelidade à Paraíba: "Junto estou a lhe remeter" - escrevia em carta de 6 de outubro de 1979 - "uns ensaios, coisas assim provincianas, o que, pelo óbvio, têm de ser a matéria da minha atividade e hem-querer. Você as verá, caro Edilberto, e se tempo houver, dar-me-ia muita alegria folheá-los. São, apenas, um sinal de que estamos vivos e presentes à vocação de toda a vida". E junto a cartas como esta, remetia seus esplêndidos ensaios sobre José Lins, sobre José Américo, sobre Jorge Amado. Sobre Gilberto Freyre, seus discursos de recepção, nesta Casa, a Aurelio de Albuquerque - "Justiça, imprensa e Academia" - e a Joacil de Brito Pereira - "O Homem, a saga e a vida" - e ainda o livro de Joacil, - Uma vocação política - que ajudava com o seu denso prefácio, a tornar leitura ainda mais atraente. Pelo Ministro João Lyra Filho, outro dos companheiros de Academia que Juarez tanto apreciava, ficou este falador sabendo do imerecido apreço em que o tinha Dona Lygia Vasconcelos Batista, a ilustre advogada, a companheira dedicada e agora melhor guardiã da memória de Juarez. E, da doutora Lygia, recebia carta recente, em que revela: "Transmiti ao Ministro João Lyra Filho o que ouvia Juarez comentar aqui em casa a seu respeito. Acredito que ele ficaria bastante satisfeito com o seu nome para substituí-lo na Academia, se lhe fosse dado opinar, como creio que o José Lins teria também ficado".

Juarez Batista foi um amigo de todos os momentos. No final dos anos 60, telegrafava à presidente da Fundação Casa do Estudante do Brasil, Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça - a extraordinária poeta *double* de



José Lins do Rêgo (de óculos) e Juarez da Gama Batista

"La poesia es durable cuando es obra de todos. Tan autores son los que la comprenden como los que la buscan".

• JOSÉ MARTI

"O homem é um colecionador de perdas. Perdeu o paraíso. Perdeu as ilusões. Está ameaçado de perder a linguagem". EDUARDO PORTIELLA.

"Percebo que não preciso de respostas para prosseguir. Preciso de perguntas. Deus está no futuro". SAMUEL RAWET.

Representante do Brasil no INTERNATIONAL WRITING PROGRAM (Universidade de IOWA, EUA.) Portador da cultura brasileira em várias universidades norte-americanas (Texas, Missouri, Flórida, Novo México, Arizona, Califórnia). Diplomado pelo WORLD PRESS INSTITUTE, é jornalista em Saint Louis e Miami, na Flórida.

Analista itinerante do trabalho indigenista do Marechal Rondon nos grandes centros acadêmicos de Madri, Barcelona, Lisboa, Nova Iorque. Correspondente na Europa e na América do Norte dos principais jornais e revistas de nosso país. Novamente representante do Brasil, no Seminário Popular DIMENSIONS OF BRAZIL, da Universidade da Califórnia (Los Angeles), falando sobre *Literatura e Futebol*.

Presença obrigatória nos principais eventos literários da Nação, onde surge dissertando Lins do Régio, debatendo José Américo, revisando Gilberto Freyre. E com o mesmo entusiasmo que fala aos gaúchos, americanos ou europeus, o filho de Francisco Coutinho Filho - Otilia Cirne Coutinho fala ao NELL/UFPb/Campus II de Campina Grande e aos já famosos Festivais de Areia, idealizados por Gama e Melo e tão sinceramente aplaudidos pelo Mestre-Acadêmico Aurélio de Albuquerque.

O menino de Bananeiras não tardaria a se fazer diretor da Revista RUMO e da Escola Livre de Estudos Superiores da Fundação Casa do Estudante do Brasil. Seria o representante dessa Fundação (1970) na Comissão Brasileira do 25º Aniversário da ONU. E será sempre o convidado especial de importantes comissões julgadoras: JABUTI (da Câmara Brasileira do Livro), JOVEM ESCRITOR CARIOCA (do Departamento de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro), Concurso de Ficção "José Lins do Régio" (Governo da Paraíba, 1982), além de outras premiações nacionais.

Atualmente, integra a equipe de *O Globo*. Produz e apresenta programas culturais na Rádio MEC. Sem pretender estar só com a linguagem, sua palavra vai se estendendo Brasil a fora, como quem quer reduzir distâncias e/ou fundir tempos e coisas díspares.

É este o Escritor que temos a alegria de receber nesta Casa de Juarez Batista - José Edilberto Coutinho.

Queira ocupar as cadeiras onde outrora sentaram seu tio-avô, Adolfo Cirne e seu próprio pai, o folclorista Francisco Coutinho Filho.

ONDA BOIADEIRA

A Guerra de 1930/1945 traz as descobertas da Física, o avanço da

EDILBERTO COUTINHO, NARRADOR - INVENTOR

• ELIZABETH MARINHEIRO



Técnica. Transformam-se as estruturas. Rompem-se os parâmetros sociais. Alteram-se as convenções da linguagem.

O mundo em conflito, o homem de mãos atadas. Nem mesmo a vitória dos países liberais impediria a Guerra da Coreia (1950) ou as ditaduras totalitárias de Hispanoamérica. Parelamente à guerra entre os Vietnãs (1954), um menino de 18 anos "renovava o conto, dando-lhe uma qualidade lírica do melhor quilate". Referia-se Sérgio Milliet a ONDA BOIADEIRA E OUTROS CONTOS, estréia de Edilberto Coutinho.

Não fora os sucessos da história e a atuação dos personagens, estes contos instaurar-se-iam poemas em prosa. Os eventos externos (coisas, pessoas, circunstâncias) vão adquirindo o valor de sentimentais experiências, como se Edilberto quisesse mesmo anular as fronteiras entre o lírico e o ficcional. A ordenação lógica não recusa as associações subjetivas. A sucessão temporal conduz o presente intemporal.

O "eu era" do faz de conta e o "ele era" do real fictício se misturam, a fim de que as possibilidades subjetivas da auto-representação possam evoluir em direção dos enunciados da cosmo-representação. Narrador e função narrativa querem narrar o mundo, como realidade invencionada e como realidade vivenciada. Estas "ondas" se pedem o nosso entendimento, falam à nossa sensibilidade.

CONTOS II

Sob a órbita do SPUTNIK I, jogada no mundo pelos soviéticos (1957), aparecem os CONTOS II -, premiados e publicados pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco - terra que bacharelou Edilberto Coutinho em Direito e onde nosso homenageado prestaria serviços como advogado ao Governo de Pernambuco e à SUDENE, enquanto redator da Lei do IV Plano

Diretor do Nordeste. Também merecedor - juntamente com "Os Gestos" de O. Lins - do prêmio Nacional SUERDIECK.

Sem descuidar os valores estéticos, o panorama artístico apresenta diversificadas tendências: além dos "ismos", as chamadas "literaturas engajadas" e "literaturas gratuitas". Os contos edilbertianos chegam como necessidade daquela comunicação direta/imediata que dominava a todos, num momento em que o social dizia mais que o individual. Buscando as transformações do mundo em volta, Coutinho queria expressar o homem em seu espaço social e tempo histórico. Daí, a inquietação espiritual e o depoimento cultural para desvendamento do drama humano.

Diz bem Gilberto Amado sobre estes *Contos II*: "Seus contos estão entupidos de vida - principalmente de vida humana (...)" "Valdemar Cavalcanti acrescenta: "Quem quiser sob os olhos alguns flagrantes vivos da condição humana, recolhidos com propriedade literária, leia os contos de Edilberto Coutinho".

Inicia-se a superação da problemática social, através da criação literária que, circundada de escuro ou protegida por silêncio, mergulha na vida para conhecer a dimensão total do absoluto!

UM NEGRO VAI À FORRA

De 60 para cá, Gagarin descobriu que "a terra é azul". A *Apollo -8* contornou a Lua. Armstrong e Aldrin desceram na Lua. Enquanto Collins ficou voando na *Apollo 11*, esperando a volta... Revaloriza-se a História e tenta-se fundir o Realismo passado ao Surrealismo presente.

A arte, então, para efetivar a evolução da humanidade imbricada no processo evolutivo do conhecimento - origem de toda complexidade da literatura contemporânea.

Frente ao retábulo social e em meio ao experimentalismo hodierno,

Edilberto Coutinho retorna para nos devolver o "gesto épico", sem fragilidade do "nonsense", sem a suntuosidade da grande palavra. Narrador-inventor, ele reaparece com um esquema ficcional centrado nas técnicas do contraposto e do fluxo da consciência.

UM NEGRO VAI À FORRA poderá ser auto-revelação do personagem, a partir dos registros de fala que nos conduzem ao devassamento de dramas, conflitos, enigmas. Poderá ser a curtitude da frase, jogada no mundo de acomodação passiva. Poderá ser pêndulo indeciso, entre o depoimento social e a imersão introspectiva, ante a sorte adversa que já não se pergunta nem se questiona.

A oralidade o discurso, sem descer ao consumo ou aos exageros da tipificação, finca o homem no dia-a-dia, evidencia a preocupação única de sobreviver ao cotidiano inexorável. E o resultado? *Um Negro vai à forra*: elaborada tragédia de sexo e preconceito, opressores e oprimidos.

SANGUE NA PRAÇA

As deformações da infância, o baralho dos instintos. Problemas de virilidade e polivalência sexual. É a conjugação dos quadros na desestruturção poética de SANGUE NA PRAÇA.

Portador de uma consciência crítico-reflexiva, Edilberto Coutinho, utiliza-se do real-objetivo para fazer a dramática denúncia das sociedades em decomposição. Possuidor de uma inquietação existencial, segue perseguindo - não sem dúvidas e interrogações - a essência humana.

Inflados de ironia amarga o senso de humor, maxi e mini-contos sintetizam o clima tragicômico das engrenagens em busca de libertação.

No esquema fabular de *Sangue na Praça*, destruição e construção justapõem-se para que o tecido narrativo possa falar a linguagem e dizer o *sujeito*. A economia do corpus verbal corresponde um adensamento que evidencia a tensão ideal/real, porque nos espaços da "praça" a historicidade do homem é possibilidade.

MARACANÁ, ADEUS

Presentemente, as fronteiras entre os homens parecem diluir-se. Obtém-se talvez a comunicação universal, pelo menos no plano da informação. Na heterogeneidade linguístico-literária de nossa década, homem-náusea e homem-absurdo vão sendo esmagados pela esperança de novas descobertas.

Se a arte começou como um jogo e retrocede no momento em que se torna, novamente, jogo (A. Moles, *Manifesto de Stuttgart*, 1964), Edilberto Coutinho não retrocede: avança para captar o Ser, em toda a dramaticidade do seu destino. Joga para contestar tramas escondidas nas aparências.

E No jogar de MARACANÁ, ADEUS, a verdade pessoal alia-se ao individualismo enquanto independência de vontade e à experiência, voltada para a comunicação real, em sua concretude imediata, instaurando, assim, um realismo crítico que não se projeta na sondagem pelos avessos e, sim, na observação objetiva da conduta.

Maracanã, Adeus é a manipulação ótima do discurso lúdico. Um

inter-relacionamentos de círculos que configuram caleidoscopicamente todas as expectativas do sistema. A ironia amarga na perquirição cósmica. O riso, emergindo da expressão do corpo. O humor daquilo que se desfaz em nada. O cinismo frente aos princípios de individuação. A sátira, recortando a derrota dos derrotados e a vitória dos vitoriosos. O grotesco da obsessão sexual. A tragédia na indeterminação do ser e/ou no esmagamento de aspirações.

Tudo isso é Edilberto Coutinho, que, não se propondo à profundidade de análises ou formulação de doutrinas, desliza continuamente em suas esferas. *Maracanã, Adeus* fica sendo a mutabilidade contínua de um *drible* que recusa qualquer fixação de limites.

VALOR DIDÁTICO

Bom craque, suas vitórias se renovam e se diversificam em cada livro. A narrativa desestruturada levou Helena Parente Cunha a adotar Edilberto Coutinho na UFRJ. Gilberto Mendonça Teles, entusiasmado com a "ampliação de algumas constantes literárias", inclui a obra do novo imortal na PUC/RJ.

Cassiano Nunes Jorge de Sá, e Danilo Maia têm posto Edilberto na primeira linha dos programas bibliográficos. Nilva Mariani Gallo afirma vibrar "com a análise dos dramas, misérias e mazelas vividas, talvez, inconscientemente, pelo pobre homem de hoje". Já os professores Vicente Ataíde e Jon Tolman transformam o contista bananeirense em assunto central da universidade americana.

Depreende-se portanto a importância didática de Edilberto Coutinho. *Gesto épico* e *Canto lírico* engendram os núcleos temáticos, vivos e palpantes, que transbordam de suas páginas.

Na obra edilbertiana, nossos alunos compreenderão as sendas abertas pelo realismo/naturalismo, associando-as às conquistas de vanguarda. O novelar do possível e do existente, a fusão das raízes nacionais e das premissas européias, o domínio da ambiguidade determinam o estilo "sui-generis", apresentado por cada um dos contos de Edilberto Coutinho.

Estamos diante de uma ficção integralizadora que, solicitando constantemente o *contra ponto* narrativo, consegue a apreensão do mundo concreto, adequada à complexidade de sua realidade em metamorfose.

Contrapontando para deslocar ângulos de visão. Contrapontando para enfatizar a pluralidade dos códigos: mitológico, discursivo de arena, reportagem, enigma. Intertexto! Driblando e driblando sempre, para equilibrar-se entre a evasão esteticista e o continuismo realista, entre a densidade expressional e o introspectivo experimental.

Nesta interpenetração criadora de valor didático, inquestionável Edilberto Coutinho chuta o surrealismo joyciano e o realismo kafkiano, aproxima-se da literatura desenvolvida dos hussardos (Scott Fitzgerald, 1920/30) e termina por ganhar o campeonato de transgressões nas ordens discursiva e diegética do fazer artístico. E se não existe a "reinvencção da palavra" (como já foi dito...), dos contos edilbertianos explode uma nova realidade, criada e fundada pela própria palavra.

A força lírica que anima a expressão poética de Edilberto Coutinho também justifica sua inclusão no projeto didático brasileiro.

O popularmente lorquiano e o antigamente lírico evidenciam a tensão de um gênero edificado no plano da linguagem, mas também no plano do *sujeito*. O controle da emotividade em "*Maracanã, Adeus*" e "*Viagem*", o rememorar lírico da infância em "*Nove Anos*" e "*Daniel*" o erotismo de "*A Cidade e a raça*", os mistérios de "*O toureiro e a dama*", tudo corporifica um realismo lírico onde convivem a efabulação mítica e os estados anímicos.

Estamos tentando mostrar que a fronteira entre enunciação lírica e não-lírica desaparece com Edilberto. Se de um lado o *objeto* é motivo, do outro é alvo. Ora situa-se no sistema de enunciação da linguagem, recusando o relacionamento com o real, ora desliga-se deste sistema para manter a relação objetiva.

Enquanto narração ficcional, sua palavra é mediadora. Sem valor próprio porque quer configurar a ilusão, a mimese. É a palavra-matéria. Enquanto enunciado lírico, a palavra tem função imediata, é menos material. Não quer outra coisa senão servir à enunciação com que se identifica plenamente.

De um lado temos a realidade inventada: a mimese da condição humana. Do outro lado, temos a desobjetivação do objeto para que predomine a subietividade do sujeito. E neste contínuo oscilar do polo-objeto para a esfera do sujeito, a enunciação parece sempre voltar-se a si mesma.

A retirada do objeto é a instauração dos símbolos aqui considerados estados de alma. Vivência do objeto ou objeto de vivência, EC nos leva ao mistério e à contemplação, porque no fundo, sua obra é um vivo palpitar do mundo.

PAIXÃO DA LINGUAGEM

A brutal sinceridade do novelar. A riqueza de tons e gradações, urdindo um processo de simbolização em que o imaginário filtra o documentar, para maior densidade das realidades enfocadas. Questionamento de hábitos e costumes na mais perfeita adequação da realidade ficcional e da realidade discursiva.

Em sua ambiguidade tragicômica, a literatura contemporânea busca reencontrar a integração Eu/Mundo. A manipulação do humor/ironia, cinismo/amargura, fé/desilusão, rutura/continuidade - todas manifestações do lúdico - têm como objetivo fundamental - a busca da verdade.

Esta busca de conhecimento do universo é a própria "paixão da linguagem". Realizando-se com a linguagem e não na linguagem, o texto de Edilberto Coutinho alça-se à sondagem cósmica e à sondagem existencial. A paixão da linguagem - pouco depurada, mas carregada de alto índice metafórico - para falar o Homem e a precariedade da vida.

Inquieto e perquiridor, o narrador de EC, passando do registro oral-coloquial ao experimentalismo rarefeito, consegue um envolvimento que nos transmite a sensação de algo vivo.

Força trágica e força poética transformam sua obra num instrumento de pesquisa do cotidiano, conferindo-lhe (à obra) o verdadeiro caráter de atualidade: frustração em "Quatro contos Urbanos" e deslealdade conjugal em "Ernesto Ernestina". A decadência familiar de "Não se faz nada hoje" e "O último dia". Conflitos adolescentes em "Não é fino? suíço".

"Rafael Donzela", "Um negro vai à forra", "Galafoice" - a força da paixão da linguagem!

Edilberto Coutinho: o contista em processo, numa hora de metamorfose!

O HOMEM ADIANTE DE SI

Intérprete apenas? Não. Edilberto Coutinho é também um descobridor que pede linguagem nova, para falar nova imagem. Linguagem

de um universo sem fronteiras. Que exige a festa.

Na festa, fluir histórico e fluir existencial interpenetram-se. Dimensão estética e natureza polifônica orientam a travessia da literatura enquanto expressão a criação. O empenho desestruturante não é o vírus da fragmentação, porque EC se destrói a si mesmo, no momento em que se constrói!

Do caos surgem premissas de nova ordem. Do trabalho com a linguagem, o sentido experimental que deixa de ser *fim* para afirmar-se meio. Do impulso integrador, o descolínio de nova humanidade.

Para Theodor Rosenthal "apesar da impiedosa análise de realidades, volta a ressurgir a esperança de que, mediante a dedicação aos valores positivos, possa renascer um novo ser humano e ser banido o espectro da destruição total".

Nosso goleiro joga bem! Fica na trave e agarra-se à pelota, para, nas horas próximas, devolvê-la com a força das explosões vitais que metaforizam uma revalorização do homo-humanus. Adeus, Maracanã dos desesperos fragmentados!

A consciência épica de Edilberto Coutinho soube injetar o *sonho*, como um dado real do cotidiano. O time já não será "o triste fim dos ídolos". Perguntando mais que respondendo, projeta-se no espaço e anuncia outros amanhã.

Com Edilberto Coutinho, a Literatura torna-se depositária da felicidade de um povo! É crença na palavra.

Já nos é dado buscar a resposta. Deus é no detalhe. Deus está no futuro. Serão minhas ou nossas as ilusões?

Vida/sonho, vida/jogo, vida/bolha! O sonho de Calderón, o jogo de Edilberto, a bolha de Figueiredo Agra - tudo se transfigura pelo conhecimento científico da linguagem.

Nosso homenageado disse o "outro" e enriqueceu seu texto. Entrecruza códigos e extrai a pluralidade da narrativa.

Questionando a palavra, questionando o mundo, Edilberto Coutinho imortaliza-se no constante perguntar do homem que sabe adiantar-se a si mesmo. Com ele renascerão vossas esperanças.

(Texto lido na Academia Paraibana de Letras, em 28 de maio de 1982).

* Elizabeth Marinheiro é Doutora em Letras e professora da UFPb.

PETRUS KLEINE

ANTONIO CARDOSO

no seminário cura d'ars,
petrus kleine era o diretor dos "espíritos".

em seu aposento,
sentado,
com o pensamento na holanda,
via rádio,
ele acariciava as próprias mãos,
zeloso e fleumático.

na sala de aula,
falava da doutrina,

dos mistérios,
das cidades santas
e das imagens sacrossantas.
mas, coisa estranha,
algo mais ardente
impregnava aquelas mentes
sequiosas de sol
e de aves;

era o tempo, que invadia o templo,
em forma de ventania,
varrendo a poeira dos velhos dogmas.

petrus ficava perplexo,
e saía da sala cabisbaixo.

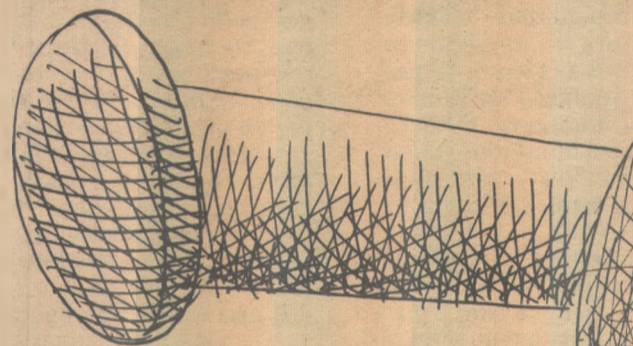
ele
efetivamente
era um amigo.

conhecia a língua de mao,
ensinava a língua de atenas,
e dizia que amava com volúpia
os "inho" e "inha" da nossa gente.

no seminário cura d'ars,
petrus,
acariciando as próprias mãos,
ensinou-me a acariciar as minhas,
pois
com elas
posso criar os meus versos brancos,
ou negros,
como estes.

Poemas de A de Marcos

do
surgir-se
sentir-se
sumir-se



abertura

o amor é barco
onde aportam distâncias
surge da verticalidade
- este gesto
seu caminho é o barco
- este momento
sua distância repousará
- este silêncio

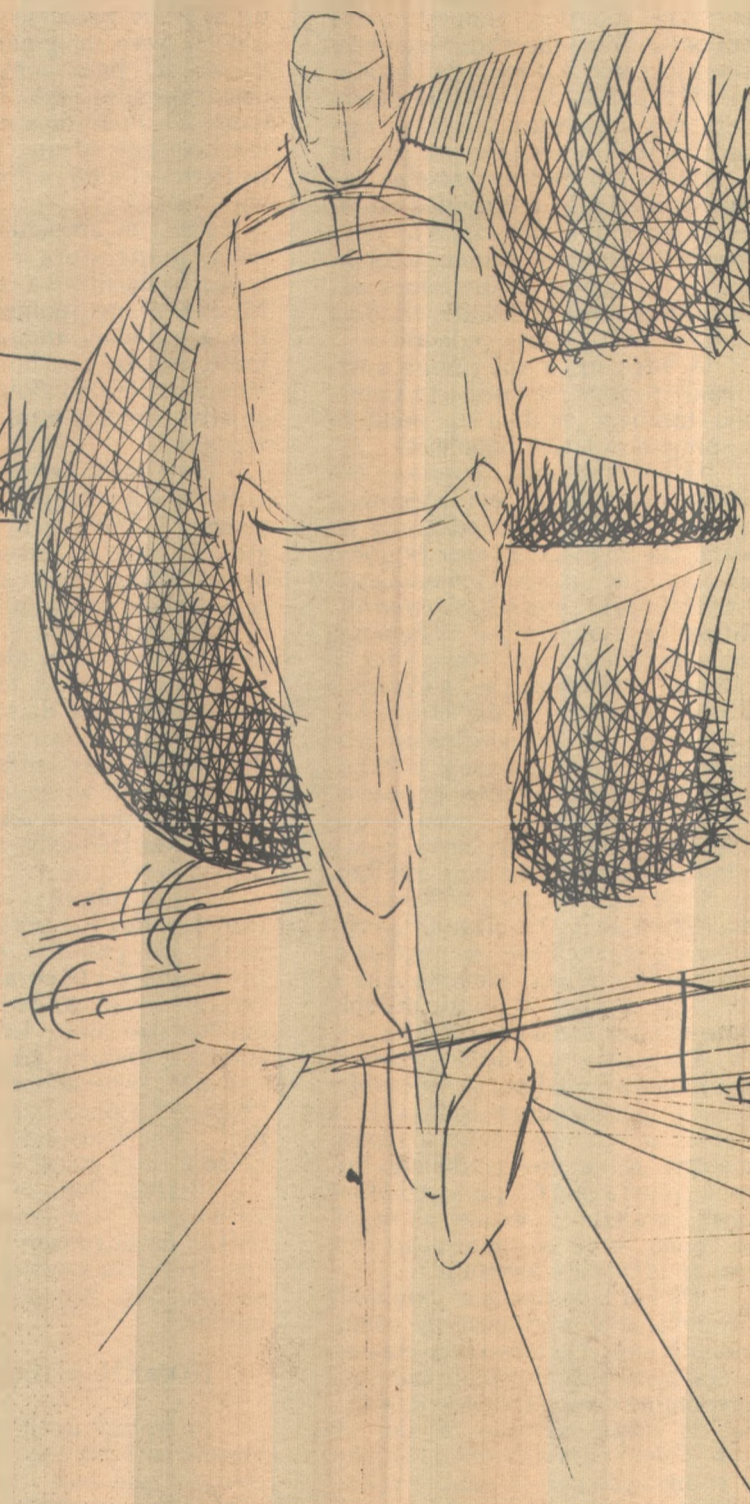
as cores
o tempo
o homem
- por que não inventamos
um outro dia?

no amor
o homem é gesto
que silencia

- é accidental sua crueldade

o homem
só distâncias
só silêncio de se ir

- a ilusão de se estar



suas mãos fluem
- murmúrios

- evocam-se silêncios
repetem-se-lhe os gestos
caminha o ser

final

na limitação
flutua
a serenidade do ser

- o aniquilar-se

logo há de surgir
uma manhã de silêncio
para a edificação do homem

ao sentir-se
aspira o esquecer-se
e côncavo o pensar

- não há nada de essencial
no existir

Alguns Gestos dos Anjos



OUTROS GESTOS DE EXISTIR-SE

PARA LEONEL ALBUQUERQUE E PEDRO SANTOS

*o braço
nunca pesa
na terra
que se planta*

*- o braço espera
toda vez que gera*

*busca o braço
onde
o rude pranto
reza*

*outros braços
onde silêncios
chuvas-sêmen
à terra cantam*

*um braço
se ergue*

*- o braço
fixo-horizonte
à boca alimento*

*o homem no pranto
o homem no canto
o homem no amor*

*o homem na terra
- a terra do homem
o homem no homem
- escravo do homem*

*o pranto na terra
- é o canto do homem
o olhar na terra
- é o amor do homem*

*a terra é o homem
- sua liberdade
- seu pranto
- seu canto
- seu amor*

*se fosse esse rio
se fosse essa rua
se fosse essa casa*

*é simplesmente um homem
que é também viaduto*

*em si fluem cidades
condensam-se postes
reflete-se os bondes
espia-lhe os anúncios*

*nu e risonho
é simplesmente um homem
sozinho na ponte*

(Conferência pronunciada no Núcleo de Estudos Panamericanos (NESPAN) na UFRN, em 21/05/1982)

Ao concluir *Os Sertões*, Euclides da Cunha escreve um parágrafo revelador, que permanece até nossos dias como término de uma campanha militar e ponto de partida para outras, muito mais importantes, jornadas do espírito:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raiosamente cinco mil soldados. (sic)

Admirável precisão do cronista repórter que, na mente humana, reergueu Canudos imperecível, como símbolo de resistência que não se entrega senão à "indesejável de todos" no dizer do poeta. Quatro contra cinco mil - assim responde o homem de letras à ditadura das estatísticas e dos computadores modernos: porque Canudos foi maior do que sua historicidade; resgatou-a a mente humana, transformando-a em estado de espírito.

A irresistível resistência que desafiou poderes constituídos e dizimou três das quatro expedições contra ela enviadas; o episódio épico do sertanejo brasileiro sitiado que caiu apenas porque os últimos quatro heróis anônimos caíram - tudo isto sublinha uma história que cria estórias.

Não admira pois que história tão fantástica tenha fascinado um peruano e o tenha perseguido nos últimos dez anos. Ouviu falar dela pela primeira vez por Ruy Guerra, em Paris. Seria tema de um filme que o cineasta brasileiro planejava realizar e do qual Mario Vargas Llosa escreveria o texto. Os planos abortaram mas não o interesse pelo tema, que se tornou ainda mais vívido pela leitura de Euclides da Cunha. Uma curta viagem ao sertão da Bahia, a conversa com os poucos sobreviventes da época foram os últimos elementos que faltavam ao romancista para empreender sua jornada mental ao espírito de Canudos.

E o resultado aí está: o romance admirável - *A Guerra do Fim do Mundo* - em que o autor, conservando e revivendo os valores brasileiros e sertanejos, dá dignidade e universalidade ao tema épico dos jagunços de Antonio Conselheiro. Llosa atravessou o umbral Euclidian, ultrapassando seus três marcos magistrais: "A Terra", "O Homem" e "A Luta", que permaneciam estáticos e dissociados das vivências dos intelectuais de hoje; o peruano animou-os, dinamizou-os e transformou a história deles na história de todos os homens em todos os tempos, inclusive naqueles do "fim do mundo" pressagiado pelo autor em seu título.

Porque o título também é prova da criatividade do autor em sua ambiguidade: a Guerra é o fim do mundo, porque é apocalíptica como a queria o Conselheiro, ou é do fim do mundo por ser especialmente tão longínqua dos centros de cultura e artificialidades da capital da nova República? Ou por que ela de fato encarna os valores passados, presentes e futuros (as chamadas "ideologias" do homem moderno), que sempre hão de se degladiar e eventualmente levarão o mundo ao seu fim apocalíptico?

Seja como for, a multiplicidade das palavras do peruano em seu título opõem-se à lacônica pluralidade evocada pelo autor brasileiro no seu, porque Euclides interessa-se pelo passado recente de um mundo espacial, enquanto Llosa investiga, talvez, todos os tempos e todos os lugares. Mas não é só nos respectivos títulos que se distanciam, brasileiro e peruano; eles também se opõem na estrutura, que Vargas Llosa inova e renova.

Assim, a divisão euclidiana tripartite, ele justapõe o tempo quaternário: são quatro os livros; que se fundem num só, com diferentes divisões e propósitos. Cada livro possui determinado número de capítulos e estes também admitem divisões internas formalmente apresentadas pelas lacunas em branco. Cuidadosa e equilibrada é a divisão em capítulos. Assim o primeiro livro conta com sete capítulos (pp. 15-130), o segundo inclui

Um Peruano no Brasil de Antonio Conselheiro: A Guerra do Fim do Mundo de Mario Vargas Llosa

• LETÍCIA N. TAVARES CAVALCANTI *



somente três (pp. 133-144), o terceiro estende-se paralelamente ao primeiro em sete (pp. 147-345), e o último inclui seis (pp. 349-553).

Resta-nos pois investigar a razão da escolha da divisão quaternária. Acreditamos que há motivos extrínsecos e intrínsecos; quatro foram as expedições militares enviadas contra Canudos; quatro foram os incêndios do presságio do Conselheiro, dos quais ele dissera não poder apagar o último. Mas também o número quatro favorece, pelo seu equilíbrio, a este confronto de forças, em número, tão desiguais.

Há confrontos históricos - velha monarquia, nova república latifúndios queimados contrastados com as humildes habitações dos jagunços, erguidas, uma junto a outra, como se disputassem a posse da terra palmo a palmo para confirmar que afinal, a terra não é de ninguém; a repulsa do sistema métrico e monetário advogados pelas autoridades republicanas e a livre adoção do sistema de barganha para fugir ao monetarismo anti-pátrio dos novos donos do poder; enfim há mil justas posições neste mundo dialético simplesmente dividido pelos jagunços como o mundo do Conselheiro e o mundo do Cão.

Mas a divisão em quatro estágios favorece singularmente à técnica narrativa, pelo que ela tem de distinto e pouco usual. Um dos personagens centrais do romance, o jornalista míope, resume, numa frase a essência da história de Canudos. Ele diz: "Mais que de loucos, é uma história de mal-entendidos". Isto estabelece um nível duplo narrativo - o entendido e o mal-entendido, a verdade e a mentira pública, enfim, o real e o fictício ou imaginário.

Para bem delinear as fronteiras desses níveis narrativos, o primeiro capítulo de cada livro apresenta o leit-motiv que pode (ou não), corresponder à realidade dos fatos; os capítulos posteriores representam o fluxo narrativo com fatos ocorridos, na maioria das vezes, anteriormente, que explicam ou restabelecem a verdade estereotipada ou distorcida do primeiro capítulo. O tratamento de acontecimentos é episódico; cabe ao leitor

fornecer o nexo lógico quer por analogia ou contradição do fato narrado.

Esta dualidade ainda é mais visível nos personagens; de um lado há personagens históricos que já se encontram nas páginas de Euclides da Cunha; de outro, uma riquíssima galeria de criações fictícias, produtos da mente fértil e inventiva de Vargas Llosa, que nos conta ainda a estória de cada um. É a história contra a estória. O mundo imaginário espelha-se no real, mas como singular simetria: ao Conselheiro e ao Beatinho, personagens reais, é dado um escriba, personagem fictício, o Leão de Natuba (meio monstro, prende-se arquetipicamente a S. Marcos Evangelista, tradicionalmente representado por aquele animal); Moreira Cesar, o desastrosado comandante da terceira expedição, é acompanhado pelo jornalista míope, que jamais recebe um nome próprio e que já foi considerado por alguns, personagem inspirado no próprio Euclides da Cunha, que de fato acompanhou como repórter aquele chefe militar em sua incursão pelos sertões.

A admiração de Vargas Llosa fica patente na dedicatória de seu romance; porém ela é de significado ambíguo, se atentarmos para o diálogo que o personagem mantém com o Barão de Canabrava:

- "O senhor deve ter visto coisas terríveis. - Pigarreou, desagradado de haver cedido a essa curiosidade, mas, apesar disso, acrescentou: - Lá, enquanto esteve em Canudos. - Na verdade, não vi nada - respondeu depressa o esquelético personagem, dobrando-se, erguendo-se. - Quebrei os olhos no dia em que dizimaram o 7º Regimento. Fiquei lá quatro meses vendo sombras, vultos, fantasmas". (GFM, p. 352).

De fato, em toda a trama narrativa, a cegueira do personagem é enfatizada, assim como a perda de instrumentos de trabalho - papel e pena - outro fato que o relaciona com o outro escriba, o Leão de Natuba. A guerra tudo destrói - até o seu registro escrito. Mas o destino dos dois personagens é diferente - o Leão morre consumido pelo grande incêndio de

Canudos; o jornalista escapa graças à dedicação de Jurema, que o protege, assim como protege o Anão.

Invenção feliz a do peruano, transportando para o personagem feminino a descrição de Euclides da flora sertaneja em tempos fortuitos:

"As juremas, predilectas dos caboclos - o seu hachich capiroso, fornecendo-lhes, gráteis, inestimável beberagem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos feito um filtro mágico - derramam-se em sébes, impenetráveis tranqueiras disfarçadas em folhas diminutas; refrondam os maryseiros raros - misteriosas árvores que presagiam a volta das chuvas e das épocas anheladas do verde e o termo da magrem..." (sic).

O que dito da árvore aplica-se ao personagem que foi, tanto para o jornalista quanto para o Anão, vigor ao fim de caminhadas e o presságio de paz em meio às guerras...

Também na personagem fictícia de Jurema observa-se a simetria anteriormente referida. Não é ela mãe e guardiã do Anão e do jornalista, assim como Maria Quadrado é mãe e guardiã do Leão de Natuba, do Beatinho e do próprio Conselheiro? Maria Quadrado - a filicida de Salvador - também parece ser criação de Vargas Llosa, assim como sua estória. Em seu nome há apenas o eco do nome de um dos assessores do Conselheiro, Manoel Quadrado. Já os nomes de Macambira, Vila Nova, Pajeú são comuns aos dois autores.

Criação mesmo é a figura de Galileu Gall o estrangeiro libertário, que almejava atingir Canudos e deixou-se ficar nas veredas do caminho, matando Rufino e deixando-se matar por ele. Dos personagens, Galileu Gall é o de ideologia mais definida; ironicamente os caminhos de Canudos estão totalmente fechados para ele. Perde-se na trama de suas intenções, não consegue levar armas aos insurretos e pratica o ato de que se absteria por dez longos anos, com Jurema, esposa de Rufino. Rouba-lhe a honra; assina então sua própria sentença de morte. Seu apoio a Canudos, afinal, não passa do nível do verbal; se ali tivesse chegado, nunca seria assimilado pela comunidade, porque a religiosidade dos jagunços e seu mundo medieval repeliram sua mente socialmente progressista e científica. A ironia está em que, sonhando com Canudos, jamais a atingiria ou a entenderia plenamente.

O terceiro personagem central do romance, o Barão de Canabrava, é meio termo entre o real e o fictício: o verdadeiro Barão possuidor das terras de Canudo e Calumber foi o Barão de Geremoabo. Os caminhos não o levam para Canudos; antes vê-se forçado a abandonar Calumber por pressão dos revoltosos. Sua retirada apressada causa-lhe a doença da esposa, Estela que prefere voltar-se para a alienação interior para escapar ao mundo exterior ensandecido por guerras e massacres.

O Barão é eixo central do romance, visto que, através de conversas com Galileu Gall ou com o jornalista míope, procura analisar a situação sensatamente, embora sob o ponto de vista de um perdedor. Perdeu as terras, perdeu os bens, perdeu o juízo da esposa; procura, porém, conservar a lucidez num mundo enlouquecido pela guerra. Profintifica-se a encaminhar o manuscrito de Gall, emprega o jornalista desempregado, porque assim procederia um homem de sua tradição e estirpe, cujas obras pertencem ao passado. Sua estória final - a violação da mucama na presença da esposa - é, de certo modo, a alegoria do que acabara de ocorrer na campanha final do general Artur Oscar, que obteve êxito total sobre os insurretos. Os bem armados soldados da república, pela violência, apossam-se do Monte Santo, do corpo sem vida de Antonio Conselheiro, e arrasam as cinco mil casas que constituem o conglomerado de Canudos - ato tão insensato quanto o do Barão, ao ultrajar Sebastiana. A cena final também é alegórica: esposa e mucama, adormecidas juntas na mesma cama, representam a coexistência de idéias monárquicas e dos jagunços nas terras livres de Canudos. Porque Canudos é, como o romance de Vargas Llosa, diz, "... não uma história, mas uma árvore de histórias". (GFM p. 450) : Isto é sugerido pela multiplicidade de escritos - aquilo que foi publicado pelos jornais, o que foi registrado pelo Leão de Natuba e o Jornalista Míope e o manuscrito que Galileu Gall confiou ao Barão, redigido

em língua estrangeira para não mencionar as humilíssimas versões dos jagunços, jamais escritas, lado a lado com a nobre versão Euclidiana de 1902.

Busca-se a veracidade como o Coronel Macedo busca João Abade, ao término da narrativa. Em sua sanha perseguidora, Macedo humilha o Alferes Maranhão com o que ele chama a pior ofensa para os sertanejos: abate o inimigo e urina em cima. Segunda ofensa com ameaças. Quando se retira, é detido por uma velhinha que lhe pergunta:

- Quer saber de João Abade? - balbucia sua boca sem dentes.

- Quero - confirma o Coronel Macedo. Você o viu morrer?

A velhinha nega e faz estalar a língua, como se chupasse alguma coisa.

- Fugiu, então?

A velhinha volta a negar, cercada pelos olhos das prisioneiras.

- Uns arcanjos o subiram pro céu - diz, estalando a língua. -

Eu vi." (GFM p. 553)

A afirmativa final da velhinha - "Eu vi." - opõem-se à observação do jornalista "Na verdade, não vi nada" (GFM p. 352) - uma vez mais acentuando o antagonismo e o contraditório nos múltiplos relatos de Canudos, inclusive em *Os Sertões* e *Guerra do Fim do Mundo*. É a dualidade do real e do imagina-

do; em Euclides da Cunha, visita-se o mundo estático e quedo das duas primeiras partes, finalmente ativadas pela terceira - a Luta - que só deixa uma visão distante da terra devastada e desolada das Campanhas de 1897. Em Vargas Llosa a visão é dinâmica e fermentada; a terra é detalhe circunstancial, o homem é multiplicado pelas mil faces de jagunços e sertanejos e a luta é ampliada pelo heroísmo das três sucedidas pela derrota final. Mas não na dúvida de que a imaginação criadora do peruano muito deve de sua criatividade à mente organizada e organizada e observadora de seu antecessor. É que em ambos há uma visão anti-militarista e avessa ao espírito da tropa, seja ela de soldados ou de jagunços. A condenação implícita ressoa nas lacônicas duas linhas finais de *Os Sertões* "É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades..." e retumba na visão da inventiva velhinha que sublinha sua criatividade com um enfático "Eu vi." Ela viu os arcanjos arrebatando João Abade (outrora o temível João Satanás), para o céu, ela o afirma, estabelecendo de novo a ambiguidade do texto: o que, realmente, ela viu? A morte de João Abade, fatorial, ou a metáfora de sua translação aos céus, mítica e interpretativa?

Provavelmente Vargas Llosa quer, de novo, enfatizar a infidelidade da observação direta do relator desta "guerra de malentendidos"

e estabelecer a primazia da criação artística que tudo pode uma visão cósmica de Canudos como estado de espírito - A incrível resistência de irresistíveis seres humanos que se recusam a ver na morte o fim do mundo; além da morte estão as promessas do Conselheiro, "que o mar será sertão e o sertão mar"; "que as águas do Vaza-Barris vão virar leite e suas barrancas, cuscuz de milho para que os pobres comam..." (GFM p. 100). Leitores de pouca fé, porque não acreditais?

BIBLIOGRAFIA

Abreu, Modesto de. *Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 1963.

Bojunga, Claudio. "Canudos renasce com 'A Guerra do Fim do Mundo'" *Veja*, 11 de novembro de 1981, pp. 84-92.

Cavalcanti, Lúcia N. T. "A América no País das Maravilhas: o Fantástico na Ficção Panamericana Contemporânea". Conferência. Encontro Panamericano de Cultura. UFRN. NESPAN. Natal, 23 de maio de 1980.

Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: *Livraria Francisco Alves*, 1933.

Llosa, Mario Vargas. *A Guerra do Fim do Mundo*. Rio de Janeiro: *Francisco Alves*, 1982.

Pantaleão e as Visitadoras. Rio de Janeiro, *Nova Fronteira*, 1973.

MLA Handbook for Writers of Research Papers, Theses, and Dissertations. New York: *Modern Language Association*, 1977.

Monegal, Enir Rodriguez ed. *The Borzoi Anthology of Latin American Literature*. 2 vols. New York: Knopf, 1977.

Sobreira, Ivap Bichara. "Juarez e os Sertões". *O Norte*. 18/04/1982.

Torres-Rioseco, Arturo. *The Epic of Latin America*. Berkeley: *University of California Press*, 1961.

* Lúcia Tavares Cavalcanti é Professora de Inglês da UFPB.

¹ Euclides da Cunha, *Os Sertões* (Campanha de Canudos). (Rio de Janeiro: *Livraria Francisco Alves*, 1933), p. 611. Manteve-se a ortografia original; futuras referências serão abreviadas para *Os Sertões* com indicação da página desta edição.

² Mario Vargas Llosa, *Guerra do Fim do Mundo* (Rio de Janeiro: *Francisco Alves*, 1982), p. 452. Futuras referências serão abreviadas para *GFM*, e o número da página será inserida no texto.

³ *Os Sertões*, p. 47.

⁴ *Os Sertões*, p. 614.

SILÊNCIO UM, O DO UNIVERSO

• MOACYR FÉLIX

no ar que envolve a vela acesa e o morto na calçada
na palidez dos escolhidos pelo câncer
nas bolas do sol que o menino aleijado não alcança
na água que fecha eternidades sobre o corpo do afogado,
neste silêncio, num silêncio assim, neste silêncio real
e tão no centro
do infinito amordaçado sob os vários medos,
é que estão as vozes, as vozes que não ouvimos
incapturáveis pela razão dos nossos códigos.

(No interior do silêncio, a poesia
abriga o coração do poema
assim como o espaço ôco que fica
no interior de uma fruta
da qual arrancaram, redondo, o caroço).

No silêncio opaco que se movimenta imóvel
no quadro da parede e nos objetos do quarto;
no silêncio da luz da lâmpada sempre a mesma
e neutra nos ladrilhos da cozinha, no rosto das casas
na pele do homem a dormir ou do homem acordado
entre o ser e o ter, a sistole e a diástole; no silêncio
do vaso sanitário e nobre como um trono sem rei;
no silêncio, no indefinido silêncio, no silêncio elástico
da formiga que acaba de atravessar neste tapete
o giro de cem bilhões de estrelas na Via Láctea;
neste silêncio, num silêncio assim, neste silêncio real
que é mais que o nosso silêncio tão cortado
de palavras, neste silêncio tão silêncio, neste avesso
da cor que explode ao abrir-se para a antimatéria
na lâmina da faca pronta para o crime

DOMINGOS - 92

A Fundação Casa de José Américo, cuja inauguração se verificou a dez de janeiro do ano corrente, embora suas atividades datem de meados do segundo semestre de mil novecentos e oitenta e um, tem revelado a preocupação de estabelecer, como base de seu programa editorial, uma linha funcional onde os livros não surjam isoladamente, mas em consonância com as próprias iniciativas da instituição.

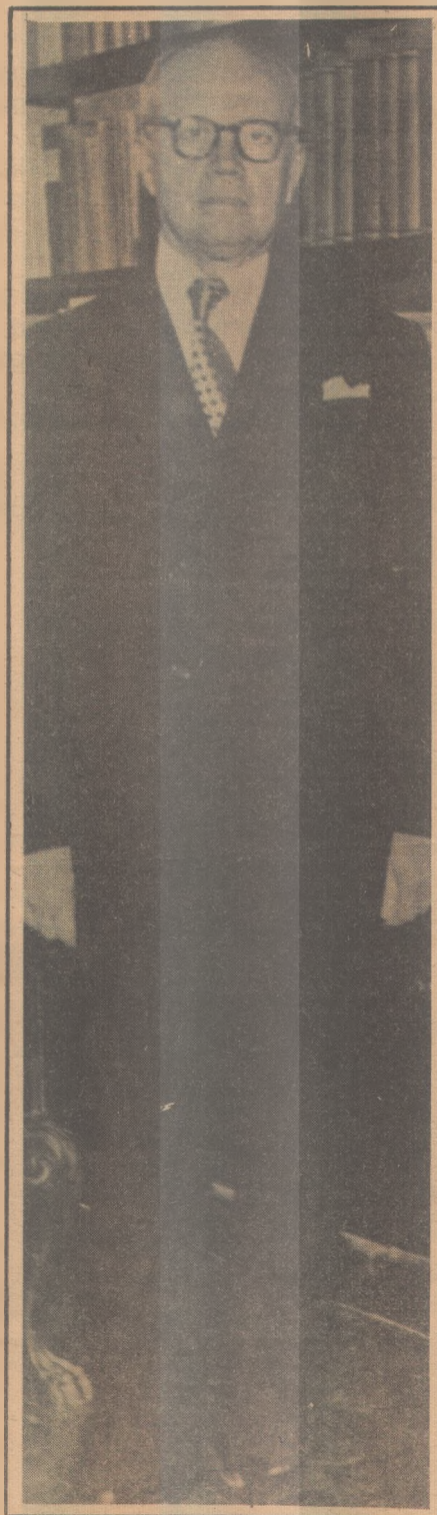
Isso explica a primeira publicação, surgida em setembro do ano passado, com a finalidade de apoiar os estudantes de segundo grau de toda Paraíba engajados em concurso literário sobre José Américo, com premiação em dinheiro aos três primeiros colocados. A fim de possibilitar rápida visão da bibliografia americista surgiu, então, sob a forma de catálogo, o *Roteiro-Crítico-Bibliográfico em José Américo* organizado por José Octávio e Antonio Arcela em que, divididas nas seções de ficção, ensaio e discurso, as criações americanas encontram-se não apenas racionadas mas ligeiramente comentadas, à luz de seus elementos mais representativos. Trabalho eminentemente de divulgação, o *Roteiro* alcançou seus objetivos, na medida em que trinta e sete estudantes de todo Estado dele se valeram para participar de concurso vencido por duas colegas de João Pessoa e uma de Alagoa Grande.

Por essa época, a FCJA já efetivara, em agosto de 1981, momentoso Seminário sobre "A Vida e Obra de José Américo", formalizado através do concurso de nomes de peso como Aécio Aquino, Eptácio Soares e Humberto Mello. Rapidamente, esse Seminário, destinado a avaliação crítica da contribuição americista nos campos da Antropologia, Literatura, Jornalismo, História Social, Sociologia e Geografia, viu-se convertido em duas publicações de nível - *Antropossociologia e Literatura Social em José Américo* de Aécio Aquino e João Batista dos Santos, e *Sociologia das Secas e Antecipações Geográficas em José Américo*, nas quais justo seria ressaltar a força das colocações culturalistas de Aécio Aquino e, bem assim, a tentativa do jornalista campinense Eptácio Soares em aproximar José Américo de outro expoente da Sociologia das Secas no Nordeste e na Paraíba que foi Lopes de Andrade.

O caráter também coletivo dessas publicações, amplamente democráticas por se subordinarem a diversidade de angulações e conceitos de seus autores, explica a quarta obra da Fundação Casa de José Américo nessa caminhada em busca do efetivo interrelacionamento entre as concepções de José Américo e a problemática regional. Com efeito, assinada por nomes do mais alto nível como o geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade, antropóloga sergipana Maria Thetis Nunes e historiador brasileiro José Honório Rodrigues, *Geografia, An-*

ROTEIRO BIBLIOGRÁFICO DE UMA FUNDAÇÃO

tropologia e História em José Américo, completada com o concurso de José Octávio, como representante da Paraíba, permite efetivo entendimento da contribuição de JA à Geografia do Nordeste (Manuel Correia), das linhas mestras da Antropo-Sociologia em *A Paraíba e*



OSÉ OCTÁVIO

seus Problemas (Maria Thetis) e de toda evolução política da Paraíba no século, em sintonia com o plano nacional, intentada por José Octávio. No pós-fácio, a extraordinária autoridade de José Honório Rodrigues completa o livro, analisando José Américo como historiador de grande força e homem público sempre fiel à democracia e à crença no seu povo.

A fornada representativa da instalação da Fundação Casa de José Américo, a dez de janeiro passado, completou-se com a terceira edição de *As Secas do Nordeste*, preparada em convênio com a Fundação Guimarães Duque de Mossoró e enriquecida por dois magníficos estudos críticos de Fernando Melo e José Costa, o primeiro conseguindo visão integral da problemática das Secas no Nordeste, e Costa exata associação entre as colocações anti-seca de José Américo e as modernas teorias do desenvolvimento. Num momento de efetiva abertura política como o atual, a reedição de *As Secas do Nordeste* torna-se relevante por dois motivos: 1º) valorização do debate parlamentar, através da excelente discussão contida no livro entre o então ministro José Américo e o deputado paraibano João Agripino, 2º) retomada da história discussão entre pequena e grande ajuda que *As Secas do Nordeste* recoloca a partir da incorporação do próprio José Américo à primeira dessas correntes.

A partir da reedição de *As Secas do Nordeste*, a orientação editorial da Fundação Casa de José Américo bifurcou-se em busca de dupla orientação, com uma linha buscando a reavaliação crítica do pensamento do próprio José Américo e a outra visando a, paralelamente, explorá-la, através do concurso de especialistas.

Nessa perspectiva, os três livros em preparo, com lançamentos previstos para o corrente ano, fundamentam-se nesses pressupostos.

O primeiro deles, no caso a segunda edição de *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*, representa importantíssima criação de José Américo que, por meio dele, levou para a prática, muitas das teses contidas na primeira edição de *A Paraíba e seus Problemas* (1923). Representando efetiva súmula da passagem de José Américo pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, ao nível do primeiro governo provisório (1930/34), a obra, que terá a enriquecê-la, minucioso prefácio preparado por Aécio Aquino, permitirá ilações sobre o sentido publicizante e modernizador da Revolução de 30 em seu afã de transferir para dentro do Estado as principais realizações da sociedade nordestina em açudes, barragens, estradas de ferro e de rodagem, navegação fluvial, vias telegráficas, quartéis e hospitais.

Outra importante publicação da FCJA prevista para o corrente ano trata-se do depoimento de mais de quarenta horas prestado por José Américo aos cientistas sociais Aspácia Camargo e Eduardo Raposo da Fundação Getúlio Vargas. No instante em que a chamada História Oral ganha seu próprio espaço junto à sociedade brasileira, como o atestam as obras ora em circulação, contendo depoimentos de Cordeiro de Farias, Juracy Magalhães e Luiz Carlos Prestes, esta última analisada em alto estilo por João Manuel de Carvalho, a publicação desse depoimento de José Américo cerca-se de especial relevo por, inclusive, nova luz que poderá trazer a episódios capitais da História do Brasil e da Paraíba.

Na outra linha, de análise americista procedida por especialistas do melhor nível, a Fundação Casa de José Américo, auspiciada para o corrente ano coletânea assinada pelos professores Cidmar Teodoro Paes, da USP, Francisco Gomes de Matos, da UFPE, Luiz Tavares Júnior, da UFCE, Luiz Piva da UNB, e Idallete Muzatti, da UFPB, que condensarão as exposições procedidas no Seminário sobre Língua e Literatura Regionais, procedido pela Fundação Casa de José Américo, sob a coordenação da profª Maria do Socorro Aragão, nos meses de março e abril de 1982.

Preocupada, dentro da orientação da Secretária Giselda Navarro Dutra e presidente Milton Paiva, em atuar junto à comunidade, a Fundação Casa de José Américo preconiza, para Seminário Internacional de Geografia a realizar-se em agosto, o lançamento de estudo sobre a evolução do espaço urbano em João Pessoa das profas. Janete Lins Rodrigues e Martine Droulers, bem como a participação em coletânea de estudos, fragmentos literários e poesias que o suplemento literário *Correio das Artes* editará em junho próximo, a título de comemorar a premiação recentemente obtida como a melhor publicação literária, a nível jornalístico, de todo país.

POEMAS DE EULAJOSE DIAS DE ARAÚJO •



POEMA FINANDO PARA MARCOS PEREIRA DOS ANJOS (22.05.82)

*Morreu Marcos dos Anjos.
Que os anjos de seu
nome lhe acompanhe.*

*Morreu Marcos dos Anjos
com todos os anjos
de seu nome o acompanhando.*

*Que seu caixão saia plumando,
voando, pairando, planando.*

*Marcos dos Anjos,
por que um outro dia
não inventamos
para satisfazer
tua poesia?*

*Por que do morrer
não inventamos o viver?*

*Mas quem sabe,
se viver é morrer
se morrer é viver?*

*Marcos é o melhor inventarmos
a nós mesmos,
nem morrermos,
nem vivermos,*

*Ficamos no meio
onde estás
com teus anjos
a anjesificarem.*

PARA A MORTE DE MARCOS DOS ANJOS

*Nunca se pergunta
a um morto se ele
está bem ou mal posto,
ou onde se põe
o sol do morto
ou se tem rosto,
só se pergunta
como morreu o morto
de desastre ou de foice?*

POEMA BARCO MARCOS PARA MARCOS DOS ANJOS

*A morte é que é o verdadeiro
barco Marcos,
não o amor poemático
em que aportastes
distâncias...*

*Ninguém morre Marcos
apenas muda de lugar,
um lugar que chamamos memória
sem explicação
nem forma*

*"Um homem sozinho na ponte..."
teu destino aponta
agora que és distância,
Marcos dos Anjos
teu nome levitando.*

FALA PARA O MORTO MARCOS DOS ANJOS

*O homem fala
do caramujo
dentro da couraça
escondido,
e o homem se
esconde
dentro do tecido
(roupa),
quando morto
no caixão
sendo carcomido.
O morto falando
de dentro do retrato
só o retrato
lhe ouvindo,
o morto líquido
sem estar chovendo,
o morto rígido
só no retrato
existindo*

*e na memória
de seu espírito
e na memória
de seus amigos.*

*Será que o morto
tem amigos
vivos ou mortos?
O morto no retrato
é um morto assumido
podemos emoldurá-lo
moldura jazigo
de casa
mesmo estando
vivo ou morto
no retrato,
o morto é procurado,
nunca sai do retrato
só quando o retrato
é desbotado.*

* Eulajose Dias de Araújo é paraibano e autor de vários livros

LANÇAMENTO DA LIVRARIA E EDITORA POLIS LTDA.

Ensaio de Mão Canhestra, de Brito Broca, - Com prefácio de Antônio Gândido e em convênio com o INL/MEC, a Polis acaba de lançar este *Ensaio da Mão Canhestra*, de Brito Broca, que reúne estudos sobre Cervantes, Goethe, Dostoiévski, José de Alencar, Coelho Neto e Raul Pompéia. Do mesmo Brito Broca, esta editora já publicou *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos (Vida Literária e romantismo brasileiro)*.

Em Brito Broca, sem dúvida, o leitor encontra o prazer do texto, pois além de se ater às obras dos autores analisados, ele procede a um levantamento do espaço e do tempo em que elas vieram à lume. Neste livro, muito interessante o estudo sobre Raul Pompéia, sobre o impulsivo e temperamental Pompéia que, inclusive, quase que chegou a se bater num duelo com o Alexandrino Olavo Brás dos Guimarães Bilac. *Ensaio da Mão Canhestra* pode representar uma espécie de oásis para o leitor intoxicado das parafernalias teóricas da literatura contemporânea.

LANÇAMENTOS DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA SA.

O Escritor e Seus Fantasmas, de Ernesto Sábato - Neste livro, o argentino Ernesto Sábato congemma a teoria à prática do texto literário. E, em sendo um ficcionista dos maiores do nosso tempo, é um dos privilegiados seus tecer considerações sobre o romance, sobre arte e sociedade ou sobre o surrealismo de modo a acrescentar aos seus conceitos uma contribuição pessoal, e que raramente acontece àqueles que, especialistas na teoria da literatura, vêm esta disciplina quase que como uma atividade burocrática, com suas "imanências" e chavões vulgares.

O Escritor e Seus Fantasmas implica, ao mesmo tempo, uma espécie de *tabuleiro direcional* através do qual o leitor, pode, algumas vezes, detectar o *modus operandi* de Ernesto Sábato, ou seja, os seus mecanismos de criação na medida em que, discorrendo sobre a literatura, ele fornece elementos necessários a uma melhor compreensão de sua obra ficcional.

Uma Mulher Escandalosa, de Edna O'Brien - Dentro da *Coleção Presença*, a Francisco Alves lança este *Uma Mulher Escandalosa*, de Edna O'Brien. As personagens deste romance vivem na Irlanda e são, na sua grande maioria, mulheres que chegam à situações-limite que, por sua vez, podem levá-las à loucura ou, na melhor das hipóteses, à aceitação resignada dos seus fracassos. Pungente e ao mesmo tempo dramático, *Uma Mulher Escandalosa* é livro que deve ser lido, pois não é importante que os livros desta autora são proibidos de circular em na Irlanda.

Capitão Swing, de Eric J. Hobsbawm e Georg Rudé - Ao invés de um livro de aventuras ou coisas tais, *Capitão Swing* é uma excelente lição de história social autêntica de dois autores interessados em desvendar a vida econômica, política e social da Inglaterra do século XIX. Pois o *Swing*, no caso deste livro, refere-se a uma das revoltas mais importantes ocorridas naquele país no ano de 1830. A tradução é de Marco Antonio Villela Pamploña e Maria Luíza da Silva Pinto.

O Vale do Modo, de Sir Arthur Conan Doyle - Para o biógrafo de Conan Doyle, John Dickson Carr, este é o melhor livro do genial criador de Sherlock Holmes. Dividido em duas partes, na primeira Sherlock Holmes resolve o mistério de um estranho crime em Birlstone, quando um homem é encontrado morto em sua casa. Já na segunda parte, os fatos se desenvolvem num vale de mineração da América. O certo, contudo, é que o leitor deste livro dará com um final inusitado.

O Discurso Vivo - Uma Teoria Psicanalítica de Afeto, de André Green - Atravessando toda a obra de Freud, o autor estuda com detalhes as operações do afeto na clínica, encerrando a obra com um "estudo teórico" onde propõe uma concepção que, extremamente inovadora, retoma no seu tecido a originalidade de algumas intuições freudianas.

Aluno dileto de Jacques Lacan, nesses últimos 15 anos, contudo, vem criticando a obra deste, sobretudo no que se refere aos aspectos quantitativos de sua concepção psicanalítica. A teoria desenvolvida pelo autor deste livro foi utilizada por Gilles Deleuze e Feliz Guattari (*O anti-Edipo, Imago*, 1975).

Em Busca de Outros Mundos, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão - Ao invés de se limitar ao hoje, ao aqui e ao agora, *Em Busca de Outros Mundos* revive o passado e antecipa o futuro sobre o qual tece comentários otimistas a respeito daquilo que a humanidade poderá colher nos próximos séculos. Análise, este livro, além da aventura espacial de ho-

REGISTRO

Curso de Especialização em Literatura Brasileira

Promoção: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Campus I - UFPB

Inscrição: 14 a 30 de Junho

Seleção: 05 e 06 de Julho

N.º de Vagas: 20

Período: Agosto a Novembro de 82
Março a Junho de 83

Informações: Secretaria do DLCV/CCHLA
Conjunto Humanístico - Bloco 04
Campus Universitário - João Pessoa - PB
*Fone: 224-7200 - Ramal - 2203

mem, as situações políticas e sociais que a conquista do conhecimento espacial trará ao homem.

LANÇAMENTOS DA EDITORA BRASILIENSE S. A.

Dostoiévski, O Operário dos Destinos, de Regis de Moraes - Integrando a coleção *Encanto Radical*, este livro sobre Dostoiévski pretende mostrar, sobretudo, o escritor como um artesão de destinos, um escritor comprometido com um cotidiano do qual ele plasmava um outro universo: o da ficção. Mas, embora ficcional, este universo dostoiévskiano retrata, em toda a sua amplitude, o dia-a-dia dos homens e das coisas. Aliás, era assim que ele se apresentava: "Sou Fédor Mikhailovitch Dostoiévski. Permita-me entrar e mostrá-lhes as muitas vidas que arranquei da minha vida. Seremos um, nos porões da inquietude".

Escrito numa linguagem simples, este é um livro para ser lido de um só fôlego.

Modos Menores de Ficção, Vários Autores - O Almanaque de nº 14 - Cadernos de Literatura e Ensaio - traz vários estudos a respeito de um tipo de literatura que se convencionou chamar de *menor*. A partir desse pressuposto, autores como José Fulaneti de Nadei, Miriam L. Moreira Leite, P. E. Salles Gomes, Antônio Luiz Cagnin, Eça de Queiroz, Marlyse Meyer e outros, passam em revistas assuntos como as telenovelas, almanques fotonovelas, quadrinhos e alguns outros gêneros de consumo fácil e imediatista.

A Mitologia Grega, de Pierre Grimal - Estudando o mito, fonte de toda a meditação dos gregos, Pierre Grimal termina por colocá-los em face da ciência moderna. Aliás, este autor soube captar a importância dos mitos na vida dos povos, pois "em casa e no teatro, suas figuras são companhias que impregnaram o pensamento, ocupam a imaginação, dominam as concepções morais". São os seguintes os capítulos que compõem este livro: "O Mito no pensamento dos antigos gregos"; "Mitos e Mitologia"; "Os grandes mitos teogônicos"; "O Ciclo dos olimpianos"; "Os grandes mitos heróicos"; "A Vida das Lendas"; "Os Mitos em face da ciência moderna".

Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato - Comemorando o centenário de Monteiro Lobato, a Brasiliense lança a 34ª edição de *Caçadas de Pedrinho*, em convênio com a Pré-Memória e o INL. Para o escritor Herberto Sales, "Ainda uma vez, e como não poderia deixar de ser, é a Editora Brasiliense que se encarrega desta edição da obra infantil completa de Monteiro Lobato (...). Homem de ação e de idéias, Monteiro Lobato foi também um criador literário de irrecusável genialidade. Sabe-se, hoje, que ele é um dos maiores autores contemporâneos de literatura para crianças em todo o mundo..."

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista dedo mingo - Jornal do Brasil (Ano XIX nº LIXO) - O cacófano é sempre uma constante em Glauco Matose, cujo nome é, também, um cacófano. Esta *Revista dedo mingo*, como não poderia deixar de ser, traz a marca registrada deste poeta cuja marginali-

dade não engrossa a carapaça do estatuído. Glauco Matose, é, realmente, um poeta que cria inscrevendo-se num espaço que muitos pretendem preencher dando voltas no vazio. É porquanto se apropria de uma linguagem anti-retórica por excelência - e talvez por isso mesmo -, consegue imprimir aos seus textos uma originalidade difícil de ser obtido por todos quantos se iniciam nesta aventura.

Colaboram, nesta *Revista dedo mingo*, entre outros, Bráulio Tavares, Glauco Matose, Sebastião Uchôa Leite, Roberto Piva e Cláudio Willer. Para receber gratuitamente um exemplar da *Revista Dedo Mingo*, basta escrever para a Caixa Postal 45388, 01000 São Paulo SP.

Nordeste Século XIX, de Aécio Villar de Aquino - Com prefácio do historiador José Octávio de Arruda Mello, a Editora da Universidade Federal da Paraíba lançou este *Nordeste Século XIX*, do antropólogo Aécio Villar de Aquino, também professor da UFPB.

Munido de uma vasta bibliografia, Aécio deu lume a uma obra que, segundo o prefacia-

lém e, como não poderia deixar de ser, o Autor traz à tona não só a topografia da cidade, como também algumas das personagens contemporâneas de Jesus, personagem central de uma história que tem a duração de uma noite cuja ação se corporifica através do diálogo mantido por este último e Efraim.

Mar de Histórias, Organização de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Ré-nai - Já no seu 6º volume, este *Mar de Histórias (Antologia de Conto Mundial)* reúne textos os mais significativos de autores que, de um modo ou de outro, se situam na confluência de movimentos literários e que, por conta disso, não devem ser rotulados com "ismos". Portanto, reunindo autores muitas vezes dispares e mesmo antagonísticos entre si, esta antologia nos fornece uma visão, um quadro panorâmico de uma literatura rica em opções: a literatura ocidental. Sob esse aspecto, é suficiente constatar, que, nesse volume, convivem autores como Henry James, Arthur Conan Doyle, Máximo Gorki, Léon Bloy e outros, cada qual atuando numa faixa própria sem que, contudo, sejam isentos de influências as mais diversas.

Sangue de Amor Correspondido, de Manuel Puig - Este é o primeiro livro de Manuel Puig (argentino) a ser escrito no Brasil. E, além de escrito no Brasil, tem também o nosso país como cenário. Escrito numa linguagem coloquial, Manuel Puig - como narrador - discorre a respeito das venturas e desventuras de um pedreiro que, na realidade, foi contratado pelo escritor e logo se transformou em personagem deste seu mais recente romance. É óbvio, no entanto, que nesse livro não poderiam faltar os ingredientes ficcionais, ingredientes responsáveis por uma obra que, de início ao fim, prende a atenção do leitor. É só conferir.

O Escritor e seus Fantasmas, de Ernesto Sábato. - Francisco Alves, 1982.

Garrett, o conhecido romântico português, muitas vezes publicava, em seguida a um poema, a "tradução" do mesmo, temendo que o público não entendesse o que quisera dizer.

Cassiano Ricardo, no início da década de 60, provocado por um crítico, mordeu a isca e "traduziu" um poema-concreto que cometera em homenagem a Yuri Gagarin, o primeiro astronauta do Universo.

Mais recentemente, um escritor brasileiro bem menor que Garrett e Cassiano, deixou vaziar, numa conferência, que sua grande angústia era (mais que saber) ter a certeza de que o público leitor não "compreendia" os seus livros, por isso estava escrevendo uma obra "didática" para ensinar como seus romances deveriam ser lidos. E, de fato, escreveu; O público leu, (presume-se), e ninguém pode garantir que o trabalho de defecração da obra

Mais recentemente, um escritor brasileiro bem menor que Garrett e Cassiano, deixou vaziar, numa conferência, que sua grande angústia era (mais que saber) ter a certeza de que o público leitor não "compreendia" os seus livros, por isso estava escrevendo uma obra "didática" para ensinar como seus romances deveriam ser lidos. E, de fato, escreveu; O público leu, (presume-se), e ninguém pode garantir que o trabalho de defecração da obra do escritor se tornou mais fácil; talvez tenha se tornado ainda mais difícil.

Se é verdade que o escritor é a pessoa que mais conhece a sua obra, o mesmo não é válido quanto à interpretação da mesma. No momento em que o escritor publica determinado livro, este deixa de lhe pertencer, passando ao domínio público. A melhor interpretação de uma obra dificilmente é feita pelo seu Autor, mas por um bom crítico-intérprete, talvez porque ninguém é bom juiz em causa própria.

Estas não são as preocupações de Ernesto Sábato neste *O Escritor e seus Fantasmas*. A pergunta: "para quem escrevo este livro?", o próprio escritor responde: "Em primeiro lugar, para mim mesmo, com o intuito de esclarecer vagas intuições sobre o que faço em minha vida; logo, porque penso que podem ser úteis para muitas pessoas que, como eu em minha época, lutam por encontrar-se, por saber se de fato são escritores ou não, para ajudá-los em uma resposta sobre o que é a ficção e como é elaborada"; em segundo lugar, o escritor dirige o livro aos leitores "que amide nos escrevem ou nos detêm na rua para falar a respeito de nossos livros, ansiosos por se aprofundarem em nossa concepção geral da literatura e da existência"; por último, o livro é endereçado também para um "tipo de crítico que nos explica como e para que devemos escrever" (p. 10).

Com este propósito e o de, como sugere o título, aprender a conviver com os fantasmas que povoam a vida de todo artista, o Autor de *Sobre Heróis e Tumbas* faz veicular, no livro em análise, suas reflexões que, como diz: "não são apriorísticas nem teóricas, senão que foram se desenvolvendo com contradições e dúvidas (muitas delas persistentes), à medida que escrevia as ficções" (p. 9).

Homem ligado ao seu país por todos os



dor, é indispensável a todos quantos se dispõem a estudar o Nordeste no Século XIX, período dos mais importantes da História dessa região brasileira. E, a par da bibliografia, Aécio Villar de Aquino pôs em prática, para a feita deste livro, uma metodologia coerente e coeso aquilo que ele se propunha estudar, ou seja, as relações entre a cidade e o campo e do homem com a sociedade. Relações, claro, a nível do Nordeste, de um Nordeste que o autor conseguiu resgatar e revivificar através de testemunhas de cronistas que aqui aportaram no século XIX.

A Morte de Haroldo Maranhão, de Haroldo Maranhão - Autor várias vezes premiado em concursos nacionais, Haroldo Maranhão, lança, pela GPM Editora/SEMEC, este *A Morte de Haroldo Maranhão* cujo título, por si mesmo, já é intrigante. Aliás, não só o título como todas as páginas que compõem este volume, todas elas revestidas de uma conotação mágica e de um timbre poético onde cada frase, cada período, parece - antes de lançado no papel - objeto de reflexões e de uma luta renhida do autor com a própria palavra. A epígrafe deste livro, tomada de Guimarães Rosa - "O mundo é mágico" - já nos serve de cicerone, pois, antes de ser uma escrescência, antes de ser inócua, ela - a epígrafe - nos remete, de pronto, à atmosfera do texto e ao clima onde se movimentam as personagens.

LANÇAMENTOS DA EDITORA NOVA FRONTEIRA S. A.

Aleluia, de Josué Montello - Conforme as palavras do autor deste livro, para os seus leitores esta sua mais recente obra não constitui uma surpresa. Pois, tendo-se criado com a leitura constante da Bíblia, da tradução clássica de Padre Antônio Pereira de Figueiredo, nada mais natural de que o autor, Josué Montello, dela se utilizar para, de um modo ou de outro - e conforme ainda ele mesmo o diz -, "(...) extrair da lição de Cristo algo que me pareceu ainda obscuro ou escondido o ainda banhado por uma nova luz".

O trama de *Aleluia* se passa em Jerusa-

laços que a (própria) terra costuma prender o Homem, Ernesto Sábato não se esquece de lembrar que a obra é, afinal de contas, o balanço das "meditações de um escritor latino-americano", e reflete, por isso mesmo, as "dúvidas e afirmações de um ser duplamente atormentado. Pois se em qualquer lugar do mundo é duro sofrer o destino do artista, aqui é duplamente duro, pois além disso sofremos o angustiante destino do homem latino-americano" (p. 10).

Os que se acercaram deste *O Escritor e seus Fantasmas* terão oportunidade de se depararem, como em pucas oportunidades, com conceitos claros, desapaixonados e certos a respeito de assuntos tão antigos e sempre discutidos como "Romance psicológico e social" (p. 17), "Técnica do romance" (p. 19), "A crise da arte e a arte da crise" (p. 29), "Literatos e escritores" (p. 33), "Romance e fenomenologia" (p. 52), "Arte e sociedade" (p. 79), "Prosa e poesia" (p. 116), "Raízes da ficção" (p. 129), e ainda sobre metáfora, correntes modernas (os) da Literatura, o escritor frente à crítica literária e muitos outros temas vazados em estilo direto e atraente, usando linguagem simples e escurra, por vezes coloquial.

Não há divisão em capítulos, mas em pequenos quadros sem uma ordem lógica, e obedecendo, como refere o Autor, a uma certa "desordem obsessiva com que uma ou outra vez essas variações se apresentaram em meu espírito" (p. 10).

Assim, sob o título "A condição mais preciosa do criador", o ficcionista argentino reduz o "capítulo" a estas poucas linhas: "O fanatismo. Tem de ter uma obsessão fanática.

nada deve antepor-se à sua criação, deve sacrificar qualquer coisa a ela. Sem esse fanatismo nada de importante se pode fazer". (p. 20). Para o quadro "Noite e dia" há apenas uma citação de Holderlin: "O homem é um deus quando sonha e não passa de um mendigo quando pensa" (p. 28).

Por último, vale lembrar que a obra, escrita entre os anos de 1961 e 1963, só agora é editada no Brasil, ganhando - para compensar a demora... - primoroso tratamento gráfico da Francisco Alves, a começar por uma bem cuidada capa.

Faça-se, porém, uma única ressalva; um maior esmero na tradução teria evitado deslizos que não se amoldam, com facilidade, ao nosso vernáculo... Por exemplo: "redavam", em vez de *redigiam*, "fertilizante", em lugar de *fértil*, ou "despiadadas" por *desapriedadas*, só para citar alguns.

Deslizes à parte. *O Escritor e seus Fantasmas* é obra de leitura obrigatória para aqueles que se interessam por (estudam, ensinam) Literatura, onde poderão encontrar ensinamentos muito mais úteis e precisos que os que costumam comparecer nos compêndios de Teoria da Literatura.

Vilson Brunel Meller

REGULAMENTO DO PRÊMIO ALFREDO MACHADO QUINTELLA DA FNLIJ

1 - Visando a incentivar o aparecimento de bons textos para jovens, a Fundação Nacio-

nal do Livro Infantil e Juvenil instituiu, com base na alínea d do artigo-3º de seus Estatutos, o prêmio Alfredo Machado Quintella;

2 - Esse prêmio, cujo valor é uma doação anual do escritor Ary Quintella, é objeto de convênio entre a FNLIJ e o doador, e será entregue, a cada ano, no dia 7 de março, data de nascimento do jovem que lhe deu o nome;

3 - O Prêmio Alfredo Machado Quintella será concedido a original inédito de autor brasileiro, destinado a leitores na faixa juvenil;

4 - O valor do prêmio será do correspondente, em cruzeiros, a um mil dólares;

5 - O original premiado será editado pela Distribuidora RECORD de Serviços de Imprensa conforme convênio entre essa editora e a FNLIJ;

6 - Os originais deverão ser apresentados em três cópias datilografadas, apenas em uma face do papel, tamanho ofício, espaço dois, trinta linhas de setenta e duas batidas, exigindo-se um mínimo de 120 páginas;

7 - O autor assinará os originais com pseudônimo;

8 - Os originais serão acompanhados de envelope fechado contendo ficha com os dados de identificação do autor, bem como o pseudônimo. Este envelope deverá trazer sobrescrito o título da obra e o pseudônimo do autor;

9 - Os originais deverão ser enviados à sede da FNLIJ, rua da Imprensa, 16 5º andar - salas 508 a 510 - CEP 20030 - Rio de Janeiro - RJ;

10 - As inscrições estarão abertas de 7 de março a 31 de julho de cada ano;

11 - O Conselho Superior da FNLIJ convida-

rá uma comissão formada especialmente para o julgamento do Prêmio Alfredo Machado Quintella;

12 - Dessa comissão fará parte obrigatoriamente um membro ativo da FNLIJ, sendo dois outros selecionados entre críticos e especialistas em Literatura Infanto-Juvenil;

13 - A comissão julgadora será remunerada por seu trabalho;

14 - A Comissão julgadora terá 120 dias para apresentar o resultado de seu trabalho e seu julgamento será irrecorrível;

15 - A remessa de originais significará a aceitação, por parte do concorrente, de todas as exigências regulamentares e o não cumprimento de qualquer desses dispositivos implicará na sua desclassificação;

16 - A FNLIJ devolverá os originais a seus autores, desde que:

a) os solicitem até, no máximo, 90 dias após a proclamação dos resultados;

b) remetem, ao mesmo tempo, envelope selado e sobrescrito, que possa conter o material a ser devolvido;

Parágrafo único. Decorrido o prazo de noventa dias, a que se refere a cláusula a), sem os originais serem reclamados pelos autores, ou, no caso da devolução pelo Correio, não serem atendidas as condições constantes da cláusula b), poderá a FNLIJ inutilizar o material remetido pelo concorrente sem que aos autores caiba o direito a qualquer reparação ou identificação.

Rio de Janeiro, 12 de março de 1982.



PHILIO GENERINO TERZAKIS

Poesia não tem idade (quem disse que tem?). É a primeira constatação que sae pode fazer quando se conhece os textos de Philio Generino Terzakis.

Sugerindo uma vivência profunda na dimensão do poético, Philio Generino Terzakis tem 10 anos de idade, cursa a 4ª série do 1º grau, no Instituto Coração de Jesus, em João Pessoa, e anula as fronteiras estabelecidas por certos adultos entre a poesia para diferentes idades. Para minha nova amiguinha, tal discussão não tem pertinência. Philio sabe que existe apenas Poesia.

Suas criações revelam a compreensão de que o estado poético não se limita a uma expressão verbal: Philio compõe texto e ilustração. Não nos preocupemos em analisar em qual dos discursos está expressa a poesia de Philio. Ela continuará realizando sua poesia através de códigos diversos.

De suas composições, escolhi dois poemas (verbais) e uma ilustração (poema-desenho).

Ao leitor deixo o prazer de conhecer um exemplo da novíssima geração de poetas.

A Philio agradeço a honra de apresentá-la ao público.

(Sônia van Dijck)

NOVOS

O ESPELHO

*O espelho reflete a menina vaidosa,
o espelho reflete o menino vadio,
o espelho reflete o sol brilhante,
o espelho reflete o coração sombrio
o espelho reflete a vida amarga.
o espelho reflete tudo
que esteja ao seu alcance.*

Philio G. Terzakis

no. 1981



NAUFRÁGIO

*O homem perdido na ilha deserta esquecido,
sofrido,
triste...
Viajou no navio
O navio naufragou
É ele sozinho ficou
Na ilha deserta abandonado.
Os anos passando
Ele envelhecendo
Vivendo na ilha
Um amor esquecido,
e triste...*

Philio G. Terzakis
nov. 1981

O MISTICISMO NOS FOLHETOS DE FEIRA E NA OBRA DE JOSÉ LINS DO RÊGO

• MAGNA CELI MEIRA DE SOUZA*



Tem sido bastante difundido e discutido, durante muitos anos, o misticismo popular. Em diversos países, tem-se manifestado sob as mais variadas formas e costumes. Desde Confúcio, as idéias vêm-se multiplicando e delas se originando inúmeras correntes místicas que ora se revestem do manto budista, maometano, ora proliferam resultando de misturas de crenças, donde temos a Umbanda, a prática de atividades espiritualistas, as meditações pertinentes a entidades místicas em todo o globo terrestre.

Aqui no Brasil também se faz presente este misticismo popular cujo exagero transmuta-se em fanatismo. São conhecidas figuras de alta relevância que moveram corpos e seduziram mentes, conduzindo, não raras vezes, o povo ao caos, depois de abortadas idéias que oscilavam entre o livre arbítrio e o condicionamento de vida ditado por fanáticos, sobrepujando este último como reflexo de subcultura dessa gente e como resultado da força interior exercida por elementos responsáveis por este fenômeno místico. Diga-se de passagem, no decorrer de muitas décadas, a presença do Antonio Conselheiro, (Guerra de Canudos), a Beata Mocinha (Pernambuco) e recentemente "Roldão Mangueira", líder dos Borboletas Azuis. Por que não lembrarmos também... Jim Jones, ... responsável pela tragédia das Guianas?

Bem, no Nordeste brasileiro há, porém, muita gente que guarda e zela com amor e fé as figuras "Santas" do Pe. Cícero Romão, Frei Damião. Lá para o Sul, uma linha um pouco diversa da nordestina reverência Chico Xavier que, por sinal, é admirado em toda a nação.

Muitos são os estudiosos interessados no estudo desse aspecto religioso do povo. Nos folhetos de feira, nós encontramos, de maneira frequente, os renomados místicos "Padim Ciço" do Juazeiro e Frei Damião que, para alguns fanáticos, é a figura substituta do Pe. Cícero. Pe. Cícero é sentido pelos fanáticos, como um verdadeiro santo: bondoso, misericordioso, milagroso. Já Frei Damião, para o povo, é justo, no entanto rígido e severo em suas pregações sobre o fim do mundo, sobre a punição dos maus. Ainda nos folhetos de feira, a devoção popular se estende a Santa Luzia, São Sebastião, Santa Bárbara, Santo Antônio, São Francisco de Assis, São Pedro, etc. Quanto a "Deus", os nomes mais constantes sobre Ele são Cristo, Jesus, Divino, Senhor do Bonfim, Bom Jesus de Pirapora. A mente ignora deriva até para crer que Cristo nasceu na Bahia, por essa razão tantas alcunhas existentes. O nome Deus é pouco frequente. Citamos, dentro do acervo da UFPB, os folhetos "Casa de Deus" de Francisco J. de Oliveira (Cotinha) e "Existência de Deus" (Pedro Bandeira). A referência feita à Nossa Senhora aparece, com maior insistência, sob o nome Maria Santíssima. A título de exemplos, citaremos os títulos de alguns folhetos concernentes ao misticismo popular:

"Cristo curando os fiéis em Porto das Caixas". (R. Janeiro) - Apolônio Alves dos Santos (proprietário).

"História de S. Pedro e o homem orgulhoso" - (Expedito Sebastião da Silva).

"História de um crente que foi castigado por Frei Damião" - (Amaro Cordeiro) Juazeiro do Norte.

"Jesus Cristo, São Pedro e o Ladrão" - Manoel D'Almeida Filho.

"História verídica e o milagre do Padre Cícero dos anos de 1974. (Abraão Batista).

"Nascimento, vida e morte de Maria Santíssima". Manoel Caboclo dos Santos).

"Os milagres de São Francisco do Canindé" (José Costa Leite).

"As profecias do Padre Cícero" (Abraão Batista).

"O protestante que virou num urubu porque quis matar Frei Damião". (Manoel Serafim).

"A surra que o padre Cícero deu no diabo". (Antônio Caetano).

Ao todo o acervo da Literatura Popular da UFPB possui 72 capítulos de folhetos sobre o Misticismo popular.

Não somente a corrente de Literatura Popular tem-se preocupado com o misticismo. Também a Literatura erudita vem absorvendo este aspecto religioso do povo. Podemos citar Jorge Amado em "Tenda dos Milagres", "Os Pastores da Noite", Dona Flor e seus dois maridos", "Terras do Sem Fim, etc..., Ariano Suassuna em "A Pedra do Reino", Dias Gomes em "O Pagador de Promessas", e, particularmente, em Zé Lins do Rêgo em "Pedra Bonita" sobretudo.

A título de ilustração, registramos algumas passagens de Pedra Bonita:

"Mas a gente chegou no Juazeiro. Foi numa boquinha de noite. O Sino da igreja tocava as ave-marias. O meu padrinho abençoava o povo. Pois, menino, eu estou falando a verdade. Eu vi a moça descer do caçá como se fosse boinha das pernas e correr no meio do povo, caindo aqui, caindo acolá, como se estivesse bêbada, se arrastando, andando outra vez até a porta da igreja, onde meu padrinho estava. O povo que tinha vindo com ela começou a berrar, como se estivesse com o diabo no couro. A moça abraçou os pés de meu padrinho. O meu padrinho pegou ela e foi dizendo: (Deus te fez doente e Deus te curou. Vai agradecer a Deus o milagre). O povo todo de joelhos, rezava, e meu padrinho, pequenininho, foi saindo para casa com o povo beijando a batina. Eu te digo: eu já vi um milagre. A bondade pode fazer isto. Ninguém esconde a bondade não." (p. 182, v. 3).

No tempo dos cangaceiros, os jagunços aprendiam mandingas e orações fortes para "fechar" o corpo. Vejamos uma passagem a respeito desse aspecto em "Riacho Doce":

"A velha Aninha fizera trato com o Divino para que o seu neto fosse forte, fosse aquilo que era. O amor é que era tudo, o mais que se danasse". (p. 143, v. 2).

"Era a velha Aninha, era o corpo fechado, eram as orações, os poderes do Divino, como nas histórias de Trancoso. A velha Aninha fechava o seu corpo". (p. 144 - idem).

As cantorias aparecem vez por outra, para quebrar a melancolia da narrativa dos romances de Zé Lins. Em Fogo Morto, essa cantoria também surge com uma tonalidade mística.

"O negro Passarinho quando não bebia dava para cantar. Era por isto que pegara aquele apelido.

Agora o que cantava era uma história triste:

Filho que faz isto no pai
Bem merece ser queimado,
Por sete carros de lenha
E por mim bem atçados.

Filho que faz isto ao pai
Bem merece ser degolado,
Por sete folhas de navalhas
E por mim bem afiadas".

(p. 534 - 1º v.)

É importante observar aí na cantoria a insistência do número apocalíptico 7 (sete) como fruto de mente fanática.

Em "Cangaceiros", anotamos algumas das muitas passagens que testemunham a presença do misticismo nos próprios cangaceiros, personagens centrais deste romance:

"O sangue da gente é sangue que ofendeu a S. Sebastião". (p. 176, v. 5).

Notamos aí o misticismo sebastianista de herança portuguesa.

"A multidão recuou como se uma onça furiosa tivesse avançado sobre ela. Os cabras de Aparício chegaram para perto do chefe, atrás de ordem. Ele, porém, baixou outra vez a cabeça, e voltou-se para a latada onde a mãe sentada no chão seco, calada, murcha, era tudo que ele tinha no mundo. Ouviam-se as ladainhas das mulheres do Santo. Aparício não se mexeu. Aí foi quando se ouviu, no silêncio da caatinga, um grito mais alto do que o das sirieiras nas correrias. O Santo, de barbas até o peito, camisa de azulão, apareceu no outro lado. A figura magra do homem arrancou o povo do medo e todos correram para ele numa confusão de pânico. Cairam de joelhos. A ladainha fanhosa encheu o mundo. Aparício e os cabras permaneceram de pé..." (idem, p. 177).

"E como não tivesse dado valor à raiva da velha, esta abrandou-se e entrou a falar do Santo e dos seus milagres. Ela sabia, com toda a certeza, que a terra do sertão se cobriria de verde, que os riachos jamais secariam, que o leite das vacas e das cabras sobriariam nas panelas dos pobres, que o povo nunca mais passaria fome, quando o Santo Enviado do mártir S. Sebastião desencantasse, na Pedra lavada com o sangue dos inocentes. Ela sabia que todos que vissem o Santo ressuscitariam para o louvor final, para a festa maior de todos os tempos". (idem, p. 184).

Mais uma vez reforça-se aí o misticismo sebastianista.

Em "Usina", o personagem Manuel de Pajeú de Flores assume uma figura mística:

"Seu Manuel rezava. Tinha no peito oração para fechar o seu corpo dos males da terra. Rezava, sabia benditos longos".

(p. 209, v. 2)

Os Santos de devoção são frequentes na narrativa zé-linsregueana. Assim, constatamos a presença forte destes no quarto dos Santos em Menino de Engenho:

"... Havia um Menino Jesus que era o nosso encantamento..."

As estampas das paredes contavam histórias de mártires. Um São Sebastião atravessado de setas, com os seus milagres em redor do quadro. O Anjo Gabriel com a espada no peito de um diabo de asas de morcego. São João com um Carneirinho manso. São Severino fardado, estendido num caixão de defunto. Um santo comprido com uma caveira na mão. Os moleques então nos mostravam uma santa mulata com uma criança no braço, uma que tinha no rosto a marca de ferro em brasa".

(p. 30 - v. 1)

Enfim, Deus aparece como uma figura justiceira que premia os bons e castiga os maus, na concepção medieval.

Jesus Cristo é mais popular, um homem que viveu entre os povos e sofreu para salvá-los. Zé Lins, através dos personagens, lembra a Semana Santa (Menino de Engenho, Doidinho) como reminiscências dos sofrimentos de Cristo relatados pelo Novo Testamento.

O inferno também é referenciado e concebido como o abismo para receber os pecadores inveterados, sem arrependimento.

Bibliografia consultada:
RÊGO, José Lins do. *Romances reunidos e ilustrados*. Rio, J. Olympio, 1961, 5 v.

* Magna Celi Meira de Souza é professora do Departamento de Letras da UFPB.